FON FON
N. 25
ANNO XXVII
RIO, 24 DE JUNHO DE 1933
PREÇO 1$000

Com um banho destes começa ás vezes um RESFRIADO!

Se, depois de apanhar um aguaceiro, começa-se a sentir os primeiros symptomas de um resfriado, taes como calafrios, malestar, dôres de cabeça e no corpo, tome-se, sem perda de tempo, dois comprimidos de Instantina, repetindo-se a dóse, com intervalo de tres a quatro horas. Para um efeito mais rapido tomem-se, ao deitar, mais dois comprimidos acompanhados de uma limonada quente.

INSTANTINA

corta os resfriados

O CONTO BRASILEIRO

JORNALISTA, "conteur", poeta e comediographo, José Penante é uma das mais interessantes figuras da Mauricéa. Actualmente, secretaria o "Diario de Pernambuco", órgão tradicional no Leão do Norte e o mais antigo da America Latina, mas já fundou e dirigiu varias revistas em Recife, tendo sido tambem secretario da magnifica "Revista da Cidade".

Como theatrólogo, escreveu varias comédias — "Lenita", "Tia Natalia", "Noite de S. João" e outras, que têm sido levadas com successo nos palcos do norte.

O jornalista tem sacrificado o poeta e conteur, impedindo-o de reunir em livros os seus contos e poemas, que têm sido perdulariamente espalhados pelos jornaes e revistas do paiz, sobretudo do norte da nossa terra.

José Penante escreveu o conto "A sorte de São João" *especialmente para* "Fon-Fon".

A "sorte" do São João

De JOSÉ PENANTE

(Especial para "Fon-Fon")

A alegria ruidosa da criançada fazia uma zoeira nos ouvidos sexagenarios da tia Sinhá. Aquella revoada de garotos, que surgia de toda a redondeza para encher a casa, não era lá muito do agrado da velha. Mas era assim todos os annos. Quando o moleque Januario levantava, com os dedos grossos, a folhinha de 22 de junho do calendario da sala de jantar, era fatal a casquinada ensurdecedora:

— Eu vou ficá de "pé no chão"...

— "Sinha" Zozó, veja o que ma mãe disse!

— "Num" me belisca, "sua" burra!

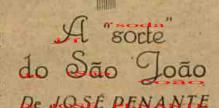
— Tia Sinhá, venha ver "sinha" Dudú...

— Eu "num" têlo essa talça!

— Que nó danado elle deu no sapato...

E por ahi a fóra, phrases soltas, legendas no grande quadro da véspera do São João na casa do tio Zumba, velho, pachorrento e próspero agricultor na zona mais rica do Estado, ao mesmo tempo que, na vasta cozinha com fogão de tijôlo e barro, um grupo de afanosas mestiças gordanchudas e molecas desembaraçadas ia mexendo, nos tachos de cobre e alguidares de barro vidrado, as massas da canjica e dos bolos de mandioca.

— Anda depressa, moleca mole! Traz esse pote de assucar!

— Vôte! Só quem vae buscar a morte...

— Toma "coidado", nêga. "Sá" Dorothéa tá hoje com a mandinga delia.

— E' "pró mode" a doença de dona Luizinha...

— E' mèmo. Tu te alembra do chôro da coitadinha no anno passado?

— Ella tava bôazinha. Foi de repente...

— Ella garrou a chorá quando foi vê a cara no poço e não viu...

— Diz que a gente morre...

— Eu não "aquerdito" nessas coisa. Cadê que ella morreu? Tá vivinha e indé prá casá...

A entrada da Dorotéa cortou o dialogo. Dorotéa é gorda como um balão cheio. Só aprendeu duas coisas na vida: fazer os bons quitutes e dizer mal da vida alheia. Na cozinha farta do tio Zumba Dorotéa tem poder discricionario. E' uma verdadeira dictadura negra a bambolear por aquelle complicado museu de caçarolas, frigideiras, caldeirões, tachos e alguidares.

Como, porém, cada ser humano tem o seu ponto fraco na vida, o da Dorotéa é a Luizinha, a filha do tio Zumba, menina mimada que amamentára dezoito annos antes, emquanto a dona Rosinha passeiava pelo velho casarão a sua invencivel anemia, amando o esposo, supportando a mana Sinhá e amargando o regime severo que lhe impunha a dedicação da Dorotéa.

Foi assim até quando Luizinha aprendeu a gatinhar. Um dia, a casa grande encheu-se de gente — os clássicos parentes e amigos — que veiu consolar o tio Zumba da perda irreparavel. E então Luizinha ficou dependendo dos cuidados maternaes da Dorotéa. Não houve por onde, entretanto, evitar que a menina crescesse como a mãe, magrinha e fragil, até que a puberdade veiu agravar-lhe o mal da vida com uma triste tendencia para o romantismo. A hereditariedade, os desvelos excessivos da Dorotéa e os romances piégas tinham feito, no organismo fragil de Luizinha, a obra destruidora.

•

No outro São João, Luizinha, como bem convinha ao seu temperamento sentimental, tentára as sortes do tradicional santo de junho. A festa começára, como nos outros annos, num alegrão. A casa-grande enchêra-se de uma sociedade gárrula: crianças tagarelas e bulhentas, moçoilas casadouras e rapazes alegres. O tio Zumba era o "coronel". Pagava tudo e animava a festa, jogando partidas e partidas de gamão com o primo Eliseu, do engenho "Querendo Deus".

A Dorotéa velava de longe pela Luizinha.

A' hora das sortes, as moçoilas multiplicavam-se em gestos e gritinhos nervosos. Luizinha, no meio de todas, rosto pállido, mãos frias, coração apertado, esperava, com médo, a sentença do Destino. Todas as sortes foram tentadas: a faca nova cravada na bananeira, o espelho na agua calma do poço a clara de ovo no copo d'agua... E outras... De repente, Luizinha cahiu num pranto convulsivo. Não chegaria ao anno seguinte... O espelho do poço não reflectira, na sua superficie, o rosto pállido de Luizinha. Foi uma tristeza. Mesmo os que procuravam consolál-a, sentiam no intimo a ameaça da desgraça. E si por lá alguem houvesse sem crença nessa encantadora feitiçaria da gente velha do Brasil, teria que lembrar-se, com mágoa, da triste herança materna que Luizinha carregava pela vida...

•

Esse São João corria, entretanto, alegre como os outros. A casa cheia, o tio Zumba bonachão como sempre, a Dorotéa afanosa a mexer e remexer nos alguidares de barro vidrado, aquellas massas que seriam, á noite, o encanto da mesa grande, toda enfeitada com os gostosos bolos de mandioca, os

(Continúa na pag. seguinte)

alentados pratarrões de cangica de milho verde, o pé-de-moleque, as pamonhas e todas as variadas guloseimas proprias á noite festiva, rica de estoiros e de chispas candentes, de balões e de fogueiras.

*

A' noite, o terreiro da casa-grande do tio Zumba era um encanto de luzes multicôres, de bandeirolas e de risos casquinantes. A fogueira, um grande brazeiro de pau d'angico, meio verde meio sêcco, estalava entre bananeiras e correntes de papel multicôr. No vasto alpendre da casa as bandeiras se cruzavam com as lanternas de papel colorido, defendendo do vento a luz fraca das velas de estearina. A sociedade que alli se reunia era toda de uma animação quente como o ambiente: tio Zumba a falar politica com alguns amigos; tia Sinhá, a um canto, meio enfezada no seu recolhimento de solteirona; Luizinha e "seu" Duca, o noivo que a faca cravada na bananeira lhe reservára por um D marcado na lâmina, um "D" que poderia ser um "O" ou um "Q" ou um "C", ou outra letra qualquer, si não fosse "seu" Duca

A "sorte" do São João

(*Continuação*)

o heróe que se dispuzéra a convidál-a para a festa das flores de laranjeira. Afóra esses personagens principaes, uma vasta comparsaria de meninotas e moçoilas casamenteiras a se disputarem na caça aos galanteios mais ou menos idiotas dos mocinhos-bonitos da circumvizinhança. Beirando o scenario, pelos bastidores, a Dorotéa.

A Dorotéa andava de scisma pela saúde de sua Luizinha. Havia dias que a pallidez augmentava uma tosse impertinente martelava o silencio da noite e uns quasi-deliquios lhe faziam temer seriamente pela saúde fraquinha de sua pupilla. Além disso, no seu recesso de supersticiosa, mal que poderia prestar-se para commentarios ethnologicos, Dorotéa recordava o São João do outro anno, quando Luizinha tentára ver, sem conseguir, na agua do poço, o reflexo de seu rostinho magro e anémico. No coração da preta velha um mal-estar crescia a estragar-lhe a alegria da noite tradicional. E relembrava casos... E exhumava historias. Já lhe dava ganas de chorar. Pobre de sua Luizinha! Tão fragil! Como dona Rosinha... E vinha-lhe uma angústia... Quasi meia-noite! Mais alguns instantes e estaria findo o anno!

*

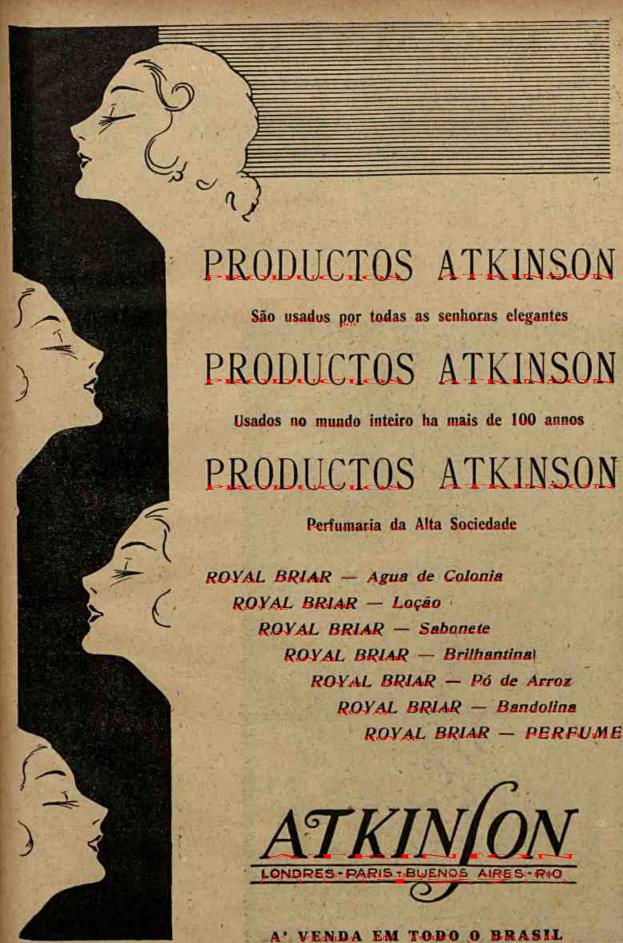
Dorotéa amargava a angustia desses instantes, quando um alarido cresceu, vindo do terreiro. Em seguida uns gritos estridentes. Um ataque de nervos. Dorotéa deu um salto da velha cadeira de embalo e rolou as suas fórmas volumosas, corredores a fóra, rumo ao alpendre. Na sala de visitas cruzou com o "seu" Duca, atarantado, que lhe informou, num dissyllabo sêcco: "Morreu!" Dorotéa cahiu pesadamente, sentindo doer-lhe na vida a grande desgraça da prophecia que se cumpria...

*

A festa acabára numa tristeza. No dia seguinte, aquella mesma sociedade alegre da vespera levava ao tosco cemiterio da povoação os restos mortaes da infeliz tia Sinhá...

PRODUCTOS ATKINSON
São usados por todas as senhoras elegantes
PRODUCTOS ATKINSON
Usados no mundo inteiro ha mais de 100 annos
PRODUCTOS ATKINSON
Perfumaria da Alta Sociedade
ROYAL BRIAR — Agua de Colonia
ROYAL BRIAR — Loção
ROYAL BRIAR — Sabonete
ROYAL BRIAR — Brilhantina
ROYAL BRIAR — Pó de Arroz
ROYAL BRIAR — Bandolina
ROYAL BRIAR — PERFUME
ATKINSON
LONDRES - PARIS - BUENOS AIRES - RIO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

O HUMORISTA

— De BOY —

A vida que faz o senhor João é frugalissima. Elle se levanta cêdinho, toma um matte no pequeno fundo de sua casa, acariciando o cãosinho que lhe salta em torno, sob a figueira, e, em seguida, vae ao gabinete, para escrever.

Como soffre um pouco de rheumatismo, e lhe custa subir a escadinha, algumas vezes o senhor João tentou trabalhar no andar de baixo. Mas o barulho que armam seus sete filhos quando começam a levantar-se, o obrigou a recolher os papeis e voltar ao gabinete.

Alli trabalha o senhor João até as nove e meia da manhã. A essa hora desce novamente, troca os chinellos pelas botas, põe o chapéo, mette a carteira de professor em baixo do braço, e vae para um collegio onde dá aulas. Quando regressa, ás doze horas, o senhor João costuma deter-se em uma esquina para comprar um charuto da Bahia que fuma depois do almoço. Algumas vezes tem que fingir que se esqueceu do dinheiro e dizer á mulher dos charutos:

— Pagar-lh'o-ei amanhã.

O almoço do senhor João con-siste em uma sôpa de legumes dois ovos cozidos, si os ovos não estiverem caros. Si o estão, con-vêm substituil-os por um pedaci-nho de carne ou umas batatas co-zidas, com azeite. A maioria do-s meninos foram para a escola. D-e maneira que o senhor João só tem na mesa, a companhia de sua mu-lher e de sua filha mais velha Margarida, que tem dezesei-s annos e só estuda o piano. No fim Margarida traz para seu pae um-a chicára de café e fica contemplan-do-o um pouco emquanto elle ac-cende o charuto. O senhor Joã-o passa-lhe a mão pelo cabello, bei-ja-a e promette-lhe que, no sab-bado, si puder, vae leval-a ao bió-grapho.

— Obrigada — diz ella. — Qu-e darão?

Como o senhor João o ignora não responde. O que faz é voltar ao gabinete para continuar escre-vendo até faltar-lhe a luz. Só des-cansa por volta das quatro da tar-de, porque, a essa hora, sua mu-lher ou sua filha lhe apparece le-vando a bandeijinha do matte. E' a hora em que o senhor João costuma entregar a Margarida o-s trabalhos terminados para que elle os leve ao correio ou á redacção de algum jornal. Depois, quando já fica sem a luz do dia, o senhor João deixa o gabinete e vae dar o seu passeiozinho pelas immedia-ções de sua casa, em companhia do cão e dos meninos que acaba-ram de fazer os seus deveres esco-lares. Esse passeio prolonga-se até a hora do jantar, isto é, ás sete em ponto.

O jantar é tão frugal como o almoço. A' sobremesa, o senhor João lê algum jornal para ter co-nhecimento dos telegrammas e da-s sessões do Conselho Universitario emquanto Margarida toca ao pia-no seus ultimos estudos de Bertini de Bach e de Cerny. Com isso já se sente tonificado para tornar a internar-se na machina de sua-s actividades intellectuaes, prepa-rando as licções do collegio, res-pondendo algumas cartas que re-cebe ou proseguindo o borrador d-e uma obra importante que o se-nhor João vem escrevendo sobr-e as caracteristicas differenciaes en-tre o genio creador e o genio or-ganizador. Algumas vezes sã-o obras da madrugada quando o se-nhor João recolhe seus paes e fe-cha a chavezinha da luz.

* * *

EMBORA pareça um pouco sur-prehendente, essa é a vida qu-e leva um dos melhores humorista-s do paiz.

(Conclue na pag. 8)

A SAUDE DA MULHER

O GRANDE REMEDIO DAS DOENÇAS DE SENHORAS

Muita gente sustenta que é o melhor pela agudeza de suas observações, por sua captação dos phenómenos do ambiente e pela solidez dos personagens que põe em movimento.

Seu repertorio accusa um dominio extraordinario das mais diversas zonas da vida social e uma riqueza de sensibilidade que parece patrimonio de um espirito excepcionalmente refinado.

Lendo os trabalhos do senhor João, a gente o imagina um homem do *grand-monde*, passageiro em palacios fluctuantes e com altas relações pessoaes na politica, na diplomacia, na arte, na literatura no theatro, nas finanças. Imagina-o, emfim, vestido elegantemente de branco e usando um monóculo com o qual sua intelligen-

O HUMORISTA

(*Conclusão*)

cia vae focalizando e descobrindo o duplo fundo psychologico de todas aquellas coisas que descrevem o perfil do humorismo em sua expressão mais fina e penetrante.

* * *

JÁ conhecemos a vida que faz o senhor João e os limites do campo de suas operações materiaes. No silencio da madrugada, quando, depois de quinze horas de trabalho, já fecha a chavezinha da luz e se mette sob os lençóes, os sonhos de suas horas de vigilia vão sendo lentamente substituidos pelos sonhos de suas horas de repouso. Alguma coisa resta, no emtanto, dos primeiros, que, de vez em quando, se cruzam com os segundos, e assim costuma occorrer o facto de o senhor João, transportado a sua mesinha do gabinete, ouvir umas pancadinhas na porta e ver que lhe apparece algum de seus filhos quando mais inopportuna é sua presença.

Quasi sempre é Manolo quem se lhe apresenta. Traz pendurado na mão um par de sapatos rasgados e entra dizendo:

— Papae, o sapateiro mos devolveu porque diz que não tem concerto. Estão inutilizados.

O senhor João alarma-se e responde:

— Bem. O sapateiro deve ter razão. No emtanto, bem podia haver esperado outro momento para não envergonhar-me com esse assumpto. Appareces-me no momento preciso em que estou em conferencia com a presidente da Sociedade dos Amigos da Arte. Que vae pensar de mim essa dama?

Como si isso fosse pouco, Manolo ergue os sapatos até a altura de sua cabeça, mostrando as solas furadas dos sapatos. Depois diz:

— E que queres que eu faça, papae? Si isto não fôr resolvido hoje, amanhã será outro dia que passarei sem ir ao collegio.

— Não importa. Eu falarei com o professor e lhe pedirei desculpas. Agora, vae. Por favor!

— O mesmo me disseste ha dois dias.

— Sim, é claro! Pois si me surgiste com os sapatos rasgados quando eu estava fazendo uma reportagem com o presidente do Conselho Nacional...

— Bem, papae; mas ha alguma hora disponivel?

O senhor João não sabe que fazer. Presume que, em um arrebatamento de pae energico, furioso, indignado, seria o peor de tudo. Finalmente, se levanta, cobre o corpo do filho com o seu proprio corpo e assim o vae empurrando até á porta do gabinete, onde lhe diz, ao ouvido:

— Não continúes envergonhando-me em presença desta dama. Tem um pouco de piedade! Pensei escrever este trabalho para poder comprar-te outros sapatos. Mas emquanto não o terminar, não mo poderão pagar. Agora, vae! Por favor!

Quando Manolo sae, e o senhor João, já mais tranquillo, se reintegra ás laudas de papel branco, de repente sôa um ruido que o desperta. Alguma coisa que poz abaixo o gato perseguindo os ratos da casa. De qualquer modo, o senhor João se volta pensando que menos mal, porque, continuasse o somno, não haveria duvida que seu filho, ao descer, quebraria alguma coisa rolando pela escada do gabinete. Sempre foi uma escada perigosa.

A DÔR FAZ
DESAPPARECER
O PRAZER
AS
HEMORROIDAS
DRAEGER.
DESAPPARECEM
COM A
POMADA
E OS
SUPPOSITORIOS MIDY
PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO
A' VENDA EM TODAS AS BOAS DROGARIAS E PHARMACIAS

CORAÇÕES INDECISOS

De Rogerio de Nioac

Célso Antonio, 25 annos rijos, estampa vistósa de rapaz moderno, estava noivo.

Porem, essa situação, de jubilo para muitos, inquietava-o pelo que chamava a precipitação do seu noivado.

Curára-se de pouco do primeiro amôr, da perigosa paixão que elle quasi sempre é...

Ruth, a noiva, na despreoccupação fagueira dos vinte annos, não empannados ainda por nenhuma desillusão, satisfeita em todos os seus desejos de filha unica de rico industrial, tinha, por sua vez, em Célso, a méta de sua ambição amorosa: fórte, intelligente, inimigo de romantismos, realizador e óptimista, elle integrava o typo de homem perfeito que seus ligeiros "flirts" até alli não encontrára.

Elle entrára em sua vida como um dominador, impetuosamente. Em pouco ella se sentira attrahida pelo seu prestigio, pela fama que creára em torno de seu nome a sua "aventura" de franco apaixonado inexperiente e enganado. Gostára da sua displicencia um tanto rude, que a posição de engenheiro mal conseguia disfarçar e, por fim, conquistára-o, desejando amál-o e temendo perdel-o.

Naquella noite, Célso Antonio, sentado á mesa de engenheiro onde ultimava umas plantas, sentia um vago mal estar, que o distrahia do trabalho, obrigando-o a interrompêl-o a cada momento, aborrecido.

Accendeu um cigarro e dirigiu-se á janella aberta na noite clara e fresca.

Olhando o céo e pensando em Ruth, parecia-lhe que as estrellas nunca eram tão bellas e brilhantes e que as contemplava pela primeira vez.

Bastava-lhe aquelle amôr? E..., era amôr? Não estaria se precipitando num novo erro, seduzido pela belleza de Ruth, pelo apreço em que o tinha sua familia e pelas attenções indisfarçaveis della?

Parecia-lhe um tanto rapido o noivado; desejaria prolongal-o e estudar seu proprio coração auscultar de perto o seu palpitar desordenado.

Era rico, tambem, e poderia, a qualquer pretexto simular uma viagem profissional e...

(Cont. na pag. seguinte)

Versos de Milton F. Mendes
Illustração de Americo Santos

OCASO

Universal crepusculo que desce,
Ternura, languidez nos elementos,
Ansias de filha, virgem que padece,
— O badalar dos sinos dos conventos...

Ocáso d'ouro, silenciosa prece
Que sóbe aos céos levada pelos ventos
(Como si Eólo dos céos levar quizesse
Os suspiros de amor desses momentos!)

Ocáso d'ouro, nupcias da Terra
Ao som da cavatina dos pastores
Em procissão descendo pela serra...

Tu és, ocáso, pompa e realeza,
E's glorificação desses amores
Em holocausto vivo á Natureza!

CORAÇÕES INDECISOS

(CONCLUSÃO)

Mas, não! Revoltava-se intimamente contra as attitudes falsas e essa era indigna de um cavalheiro que, embora enganado, não desejava enganar.

Si adquirisse certeza do pouco alento do seu affecto, dir-lhe-ia francamente da impossibilidade de proseguir o noivado e tudo ficaria bem terminado.

Mas... que seria daquelle coraçãozinho que se mostrava tão meigo e parecia vibrar tão subtilmente em todas suas fibras mais delicadas?

Célso perdêra o ardor nefasto das primeiras attracções imperfeitas. E, tambem que seria da sua vida, agora, sem um puro amôr?

Ruth, por sua vez, começava a ver em Célso o homem demasiadamente occupado e ambicioso, sempre falando mathematicamente, dando pouco do seu tempo ás reuniões mundanas.

Queria-o, mais galan um tanto romantico, literario...

Encontrára nelle as qualidades que adivinhára admirava-o, mas, nos momentos em que delle esperava uma palavra de ternura ou um gesto de caricia, a que fazia jús sua risonha e mimada mocidade, surgia entre os dois um como que vácuo só entretecido pelas suas palavras de petulante victorioso.

Todo noivado precisa uma dóse de poesia, e sem ella Ruth sentia o perigo daquella monotonia.

Seria feliz com Célso, mas seus sonhos ficavam incompletos pois tinha que satisfazer á sociedade assim mesmo e receiava desgostar o pae com algum escandalo, e elle via com bons olhos o futuro genro.

Depois... que mal havia em que buscasse distracção com Roberto, o antigo e mais assiduo "flirt"? Em que isso prejudicava uma moça moderna, senhora de si, dirigindo todos os seus actos e inclinações, si com elle encontrava o romantismo, as bellas phrases inspiradas nos salões, em face das galanterias sociaes animadas pela graça feminina?

E Roberto, sem duvida, era mestre requintado na difficil arte de cortejar. Satisfazer á sua vaidade a falta e eterna vaidade das mulheres bonitas e caprichosas.

E, além disso, seria a próva fórte do amôr de Célso...

Casados dentro de um anno, Célso e Ruth vivem a vida apparentemente feliz dos amantes calculistas, cada qual para seu lado, elles ás voltas com cifras e mappas, ella inteiramente absorvida pelas "obrigações" mundanas.

Ao contrario do que suppunha, Célso não chegára a notar a assiduidade com que ella apparecia ao lado de Roberto. Denotava até permittil-o, em vez de sentir o jugo do "monstro de olhos verdes", como ella antevia.

E, virando o feitiço contra a feiticeira, ella é que principiou a desconfiar de Célso, desconfiança que redundou em rancor e invenciveis ciumes; rancor pela indifferença daquelle homem de gelo, ciumes da sua displicencia, que com certeza era fingida, alimentada por um outro affecto...

Dahi, as rusgas, as desintelligencias, o inferno conjugal, a separação, o divorcio afinal.

Roberto, cansado de representar para os outros de tanto ensaiar em publico, casára-se tambem, acabando por representar para si proprio.

E assim ficavam, pela vida, dois corações desertos para o verdadeiro amôr.

E, todavia, Célso amava á seu módo aquella creaturinha...

E'O PRIMEIRO
E MAIS
IMPORTANTE
CUIDADO
DA
TOILETTE

Que delicada obra de arte é o corpo humano! É uma amphora de crystal, transbordante de sol. Cabe-nos, para nosso bem, para que a vida não se escôe, dedicar ao corpo cuidado e o carinho com que um jardineiro trata uma flor maravilhosa. O principal desses cuidados deve ser dedicado á bocca, que exerce papel de tamanha importancia na alimentação. Devemos conservar perfeitos e limpos os dentes. Ora, a sciencia, que caminha sempre, acaba de offerecer ao homem a *Pasta Dental EUCALOL*, que limpa, hygieniza, purifica e perfuma a nossa bocca.

O destino

O destino não se nos impõe; mas se nos offerece como um capital que devemos explorar e fazer fructificar. Isto é a unica cousa que devem ter em conta aquelles que têm alguma curiosidade por esse passatempo innocente, que é a astrologia. Ninguem encontrará aqui um prognostico certo sobre o seu futuro. Apenas, á maneira de passatempo consagrado pela tradição, uns pontos de partida para dar liberdade á phantasia e á imaginação.

JANEIRO — AQUARIO

As pessôas nascidas sob o signo do Aquario são caracterizadas por um grande desejo de triumphar e possuem as qualidades para isto. São tenazes, energicas, laboriosas, ageis de espirito, perspicazes e calculistas. Todas essas qualidades, orientadas para a ambição, têm sua parte perigosa. Concentrados na idéa de triumphar, os nascidos sob este signo estão como que circumscriptos a ella; um movimento desinteressado lhes é difficil, e o pensamento exclusivo de seu unico interesse os absorve. Os dótes de generosidade, de sympathia, de affeição e de magnanimidade, que não lhes faltam, estão ameaçados de não se manifestar. E, diante de um fracasso, é possivel que se encontrem sem recursos, si a energia lhes faltar, pois carecem de philosophia.

As pessôas nascidas na primeira decada são mais enthusiastas e emprehendedoras; as da segunda são, porém, menos generosas; e as da terceira demonstram maior fidelidade e buscam mais a gloria que a utilidade.

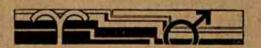
Robespierre, o grande aviador francez Guynemer, Lindbergh, Abraham Lincoln, Edson, Julio Verne e Ruskin nasceram sob o signo do Aquario.

FEVEREIRO — PEIXES

As pessôas nascidas sob o signo de Peixes são ricas em qualidades amaveis, brilhantes e superficiaes. Carecem de profundidade. Não lhes falta ternura, mas são incapazes de affectos duradouros, sérios, fieis e apaixonados. Menos por frieza que por volubilidade. Seu egoismo, pois, procede menos de um verdadeiro amor por si mesmos, que de despreoccupação por seus semelhantes.

São piedosas e consolam, aplacando as penas e as dôres. Não o fazem por caridade nem por amôr; sómente porque não lhes agrada vêr soffrer. São caracterizadas por esse rigor espiritual que determina a necessidade de possuir certezas tranquillizadoras.

Dadas á critica, as pessôas nascidas sob o signo de Peixes julgam antes de apreciar. Isto é o que ellas contêm de perigoso, e estão por isso mesmo expostas a innumeros dissabores.

Entre as pessôas famosas nascidas sob o signo de Peixes, estão: Chopin, Victor Hugo, Camillo Flammarion, o tenor Gigli e Paul Deschanel, o presidente da França que, em uma viagem, mysteriosamente, foi arrancado do trem official e abandonado, no leito da estrada, em trajes menores.

MARÇO — ARIES

São tambem ambiciosas as pessôas nascidas sob o signo de Aries. Gostam do luxo e do esplendor. Têm um sentimento tragico da vida, já que, impellidas á acção, não creem na utilidade desta. Sua sensibilidade viva e apaixonada resulta incapaz de sentir apêgo aos objectos. São, ao mesmo tempo, sensiveis e indifferentes.

Emfim, têm curiosidade pelo espectaculo do mundo, vibram incessantemente ao seu contacto, recebem intensas impressões, mas nada dão em troca.

através do Zodiaco

Podem triumphar, porque são ambiciosas e orgulhosas e sua indifferença lhes permitte uma visão fria e clara das cousas. O perigo, porém, para ellas está em que, para fugir ao tedio, gostam de contradizer e desagradar. As pessôas nascidas na primeira decada gostam da acção e do jogo. Si são chefes, tornam-se desagradaveis, antipathicos e impassiveis. As da segunda utilizam o aborrecimento para sua propria vida interior, afim de crear, para si, uma philosophia. As da terceira comprazem-se em fazer muito ruido em torno de si, para dissipar a monotonia. Nasceram sob este signo: Bismarck, Zola, Barrès, o multi-millionario Morgan e Gloria Swanson.

A B R I L **T O U R O**

As pessôas nascidas sob o signo de Touro são de temperamento arrebatado. Têm um extraordinario appetite por todas as cousas que lhes podem proporcionar um grande prazer, sem cansaço ou desillusão. São joviaes, generosas, ainda que sem verdadeira bondade, mas, por desejo de expansão, comprazem-se em parecer agradaveis para não vêr rostos zangados em torno. Trabalham, no emtanto, sem maior alegria; o esforço fatiga-as. Sua imaginação é tão vasta quanto sua ambição. Concebem grandes emprezas sem reparar nos detalhes. Andam geralmente satisfeitas e mostram-se vaidosas por sua situação. São capazes de derrubar um adversario e conseguir que este ainda lhes agradeça.

Naturalmente, essas pessôas estão expostas a cahir de forma estrepitosa, ao primeiro embate. Morrem por apoplexia e, uma vez fracassados, convertem-se em pobres bonecos sem vontade e sem alegria. A primeira decada é a dos utopistas; a segunda a dos positivistas, realistas e affeiçoados á bôa comida; a ultima, dos polemistas e enamorados da vida. Nasceram sob este signo: Balzac, Eduardo Herriot, Lionel Barrymore e Norma Talmadge.

M A I O **G E M E O S**

Aquelles que nasceram neste mez são de temperamento vigoroso e de uma grande força physica. Mas são pouco diplomatas; gostam de arranjar inimizades para demonstrar seu desprezo sem maiores rodeios. Cheios de prepotencia, autoritarios, impõem-se não tanto por necessidade, mas por se comprazerem em constatar a timidez dos outros.

No emtanto, muitas vezes, a violencia, a falta de tacto, a critica aggressiva, servidas por uma grande rapidez de concepção e uma notavel facilidade da palavra, augmentam, por uma natural timidez, quando estão em publico.

Temem cahir no ridiculo, e é, então, que mais se encerram em sua altivez e na sua petulancia. Não são máus, geralmente. Capazes de affectos profundos, fieis, demonstram certa delicadeza de alma.

Receiam, porém, equivocar-se. Estão sempre na defensiva, e desprezam, por principio, e como medida de protecção, tudo aquillo que não lhes affecte directamente. Sabem ser bons no fundo; corações de ouro occultos sob espinhos. São difficeis de se manejar por serem muito susceptiveis e desconfiados. Nasceram sob este signo: Walt Whitman, Emerson, Conan Doyle, Tomás Hardy, Douglas Fairbanks e Walker, o falado lord maior de Nova-York.

J U N H O **C A N C E R**

As pessôas nascidas neste mez se caracterizam por sua excessiva impressionabilidade. Naturezas nervosas, finas, maleaveis, susceptiveis; tudo as impressiona. Uma insignificancia as entristece, molesta, irrita.

Deduzem as mais graves consequencias do menor facto ou da mais insignificantes palavra. Religiosas, têm a enfermidade do escrupulo. Têm pouco apêgo á vida, que as fatiga, envenena e lhes parece excessivamente complicada, visto que a observam como si o fizessem com um microscopio. Contemplam-na com uma extraordinaria curiosidade

e, particularmente, prestam grande attenção ás consequencias que della extrahem. Seu desejo de tudo analysar é morbido e as torna incapazes de qualquer outra actividade. Gostam de ser amadas e que se lhes demonstre affecto. Consideram-se constantemente trahidas e estão sempre ás bordas do pessimismo. São, em realidade, tão insupportaveis para a amizade como para o amôr; e, não obstante, não cansam suas amizades, porque muitos são os attractivos de sua intelligencia e de sua espiritualidade. Intelligencia muito agúda, descobrem o fundo poetico que existe em todas as cousas. Sob este signo nasceram: Rousseau, o poeta Cocteau e John Gilbert.

JULHO LEÃO

Aquelles que nasceram sob o signo do Leão sabem ser magnanimos, generosos e altivos. Seus sentimentos são nobres, sua alma virtuosa, sem esforço, porque, instinctivamente, amam a grandeza, desprezam a baixeza e a ruindade, e fogem da pequenez, da baixeza e do mal. temem que o seu contacto possa macular as condições de sua alma. Têm a mais alta estima de si proprios e preoccupam-se em permanecer fieis á sua propria imagem. Não são muito ambiciosos. Si têm inimigos, vingam-se delles duramente, mas sem odio e sem injustiça, sómente com o fim de castigar o audacioso que os offendeu. Para o amôr e a amizade evidenciam sentimentos tranquillos e fieis, ainda que pouco vivos. Em geral, agrada-lhes a paz, a tranquillidade, a ordem. São organizadores. Intelligentes e cheios de attractivos, não são, no emtanto, muito accessiveis. Dão mais que recebem. Não recuam nunca deante de um risco ou de um emprehendimento. Preferem lutar até o fim, a recuar.

Prefeririam a ruina ao opprobrio de se saberem inferiores a outro qualquer. São inimigos da mediocridade e das meias-tintas. Archetypos deste genero: Goethe, Napoleão, Dumas, Maeterlinck, Mussolini, Ford e Hoover.

AGOSTO VIRGEM

As pessôas nascidas sob o signo da Virgem são mais curiosas que activas. Ainda que carecedoras de um sentido real em suas relações com a vida, possuem-no quando se trata de contemplál-a.

E' por isso que sabem ser excellentes nos seus conselhos, si bem que não saibam se conduzir a si proprias. Possuem escasso sentimento de sua propria realidade e carécem de ambição, de desejo de chegar e de tudo que se relacione com a vida opulenta, mas não são orgulosas. Não são nem mysticas nem inclinadas á metaphysica; mas são muito dadas á contemplação das cousas, gostam de classificál-as, ordenál-as, descobrir e surprehender suas relações occultas.

São dotadas de uma grande clarividencia e de não pouca subtileza espiritual; tudo analyzam, pesam o pró e o contra, mas com tanto detalhe e meticulosidade, que ellas mesmas não chegam a se decidir. Desta maneira, são ao mesmo tempo indecisas, scépticas e benevolas. Podem ter vistas profundas, mas nunca largas. Seu desinteresse lhes permitte vêr mais nitidamente, sem se tornarem cégas pelas paixões. Seguem as idéas até o fim, mas não as vinculam, nem as precedentes nem as subsequentes. São, na sociedade, um elemento anarchista, mas inoffensivo.

Prototypos: Voltaire, Tolstoi, Wilson.

SETEMBRO LIBRA OU BALANÇA

As pessôas nascidas sob o signo da Balança são de um caracter encantador, um pouco delicado e fragil. As mulheres são mais favorecidas por elle que os homens. Sensiveis demais, choram com facilidade. Constituem um publico propicio para os dramas e as novelas sensacionaes. Vivem indolentemente, de dia, sem grandes ambições, sem maiores desejos. Incapazes de forçar as circumstancias e difficeis de ser abatidas por ellas, fógem á tragedia. Não gostam senão de derramar lagrimas doces, provocadas pela emoção, e nunca pela verdadeira dôr. São amigas do conforto e até do luxo. Resistem mal á sympathia como ás supplicas. As mulheres

resultarão mais perigosas para os esposos que as grandes apaixonadas. Jamais sabem recusar-se a um pedido.

Quanto aos homens, são uma presa obrigada para todos aquelles que andam á pesca de capitaes, sempre que tenham palavras brilhantes e enthusiastas. Igualmente, são incapazes de resistir á solidão. Voluptuosos, mas nunca sensuaes.

Como prototypos, recordamos Oscar Wilde, a Pompadour, Nietzsche, o marechal Foch e Sarah Bernhardt.

OUTUBRO ESCORPIÃO

As pessôas nascidas sob o signo de Escorpião são laboriosas, applicadas, tenazes, minuciosas, positivas. Gostam do trabalho bem realizado e que produz resultados evidentes. Com inclinação para o justo e o logico, dotadas de um caracter imperioso, são sevéras para comsigo mesmas, e existem algumas tambem autoritarias, devido á ambição de tornar conhecida sua autoridade. Nasceram para commandantes, para capitães, para governadores e dictadores. Gostam de mandar, afim de que as cousas sejam feitas conforme devem.

Mostram-se desde logo pouco indulgentes, iracundas e impertinentes. Julgam as pessôas de accôrdo com a sua utilidade. Depreciam os artistas, os pensadores, os santos, e todos aquelles cujas actividades não se traduzam em fructos evidentes e positivos. Encaminham-se na vida sem vacillações, sem olhar á direita nem á esquerda. Não pensam senão em seu objectivo, mas não por vaidade ou orgulho, e sim porque sabem ser esta a unica maneira de se conseguir alguma cousa de positivo.

São prototypos: Maria Antonietta, Marat, Roosevelt e Paderewsky.

NOVEMBRO SAGITARIO

As pessôas nascidas sob o signo do Sagitario têm uma grande inclinação para a vida aventureira. Cuidam menos de alcançar os seus propositos que de aproveitar a opportunidade para uma empreza qualquer e se agitarem com muito ruido e escandalo. Fantasistas brilhantes e leaes á sua maneira, isto é, segundo o seu codigo de honra particular, que nada tem a vêr com o da honestidade corrente. As mulheres transtornam a cabeça ás pessôas sérias, e arruinam-nas alegremente, sem que ellas se revoltem contra isso.

Os homens são generosos, imprudentes, ávidos, não por avareza, mas por terem como e com que derrotar. Não detestam os seus adversarios, mas comprazem-se em vencêl-os com seus proprios meios: a força contra os fortes; a astucia contra os astuciosos. Não toleram os covardes nem os ociosos. De accôrdo com o seu temperamento, são homens de empreza, militares, marinheiros, jornalistas, exploradores e politicos de acção. Vivem sem pensar no futuro, e consideram a morte como um simples accidente, como uma aventura a mais. Prototypos: Cirano de Bergerac, Mark Twain, Conrad Nagel e Greta Garbo.

DEZEMBRO CAPRICORNIO

As pessôas nascidas sob o signo do Capricornio têm mais possibilidade de obter a força que a felicidade. Seu caracter, que é naturalmente triste, não está em condições de discernir as alegrias e os prazeres da vida e menos ainda de desfructál-os. Seu espirito, complicado, tenta, em vão, descobrir as razões das desventuras. O mundo lhe parece mal feito, os homens maus e mediocres, a vida curta, triste e monótona.

Esse pessimismo não provem de uma alma sem energias e sem paixões, de uma natureza acanhada e mediocre. Ao contrario, é o fructo de um caracter cheio de autoridade e de força, de um espirito sensivel á grandeza, mas irascivel, desdenhoso, incapaz de adaptar-se ás condições da existencia. Esses homens passam ao lado da felicidade sem chegar a vêl-a, porque lhes seria necessario abaixar a vista para vêl-a e inclinarem-se para colhêl-a. Tanto orgulho, impaciencia, altivez e severidade dará os fructos mais formosos e sombrios do genio... Mas, quasi sempre, a vida os vencerá e elles se considerarão incomprehendidos. Entre os nascidos sob este signo estão: Dante, Miguel Angelo, Kipling, Lloyd George, Põe, Monte Blue, Lucrecia Borgia e Marion Davies.

VICIO

Um perfume
que se guarda no olfacto e, mais e mais,
embriaga — na saudade, e perturba — no ciume...

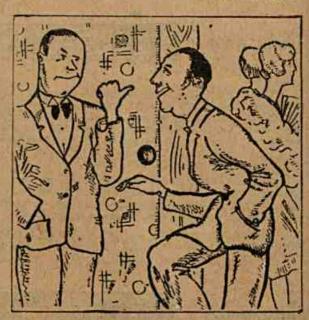
Nas crueis noites hiemaes,
nas longas noites de quietude e tedio,
uma flor morta basta a trazer-te ao meu somno...
Tento esquecer-te... Em vão ao teu assedio
minha vontade e meu rancor opponho...

Digo-te, como si pudesses escutar,
as palavras do meu despeito... Exhumo
factos, scênas, traições, para poder te odiar...

Sôlto o pensamento ao léo,
e o pensamento ha de encontrar-te no seu rumo:
tua cabeça lembra a folhagem côr de ouro,
teu olhar lembra o azul de um pedaço de céo!

E o calor do teu corpo e o sabor do teu beijo,
como um cigarro turco e um vinho louro,
incendeiam meu desejo!

E's um vicio fatal que me domina,
invencivel, terrivel, envolvente,
— tão forte, emfim, que faz um prazer innocente
da tua degradante cocaina...

HYGINO BERSANE

— Perguntei áquella si já lêra a "Odisséa", de Homero, e ella me respondeu que o fez logo que foi publicada...

DOIS LADRÕES

De C. A. BAROTHI

A senhora Nelly era, sem duvida, muito bonita, mas de uma belleza marmórea, fria. Ostentava como uma aureola de gelo sua reputação de mulher inaccessivel. Affirmavase que nunca tinha amado, ou que, pelo menos, toda sua possibilidade de amôr se esgottava em sua vida matrimonial. Era casada havia dez annos e tinha um filhinho de trez annos. O esposo modelo e o filho mimado pareciam constituir todo seu mundo. Mas Henrique Cortés, que sempre conseguia seus propositos, acabou vencendo, sem maior esforço, a indifferença de Nelly.

Cortés era amigo do marido. Nem amava nem desejava Nelly, com quem mantinha uma desenvolta cordialidade. Talvez fosse elle o unico homem estranho que ás vezes se permittia chamál-a, familiarmente, "Nelly". Considerava um delicto, um inútil delicto, conquistar a esposa de seu amigo. Mas não poude evitar que essa idéa lhe occorresse quando o amigo lhe disse:

— Tenho que fazer uma longa viagem... Estarei ausente um mez, aproximadamente... De quando, em quando, poderias vir conversar um pouco com Nelly...

E foi assim que, uma noite, Henrique Cortés acompanhou Nelly ao theatro. Occuparam um camarote com uma familia amiga. A' sahida, Henrique conduziu Nelly até a casa desta. Mas não se separou della, como das outras vezes, na porta da rua: acompanhou-a até a porta do appartamento. Nelly tirou de sua carteira a segunda chave e a introduziu na fechadura com mão tremula. A fechadura pareceu resistir ao esforço feito para abril-a.

— Ha algum tempo occorreu o mesmo — murmurou Nelly, com voz velada. — Tivemos que despertar os criados... E o ferreiro assegurou, depois que alguem tentára forçál-a...

— Não o creio... — disse Cortés, sorrindo.

Em seguida, apoiou sua mão na mão de Nelly, que ainda segurava a chave. Com um pequeno esforço, abriu.

Entraram no vestibulo. Nelly, nervosa, vacillou:

— Deseja... entrar, Cortés?

— Sim, Nelly...

Nas pontas dos pés, penetraram na saleta. Cortês ligou a luz.

— Uma chicara de chá? — perguntou Nelly, em voz baixa.

E, sem esperar resposta, se pôz a preparar o chá. Por momentos, seu passo era incerto e seu olhar intranquillo. Henrique, sereno, a observava em silencio.

Quando se sentaram no sofá, um ao lado do outro, Cortés reparou nas pupillas de Nelly: pupillas negras, penetrantes, que eram dois grãozinhos de treva nos grandes olhos cinza. E teve a impressão de que nunca vira assim, tão agudas, essas pupillas. Nelly tirára o agazalho, atirando-o sobre o espaldar do sofá. Seu vestido rosa deixava a descoberto a brancura de um hombro. Cortés quiz dizer alguma coisa, mas ella pediu-lhe silencio, indicando uma porta e murmurando:

— O pequeno está dormindo em meu quarto...

Cortés notou, então, que aquelles labios, depois de

(Continúa na pag. seguinte)

DOIS LADRÕES

(Continuação)

ter pronunciado taes palavras, continuavam tremendo. E um impulso obscuro, quasi inconsciente, o fez aproximar-se delles e beijál-os. Não ouviram mais o forte tic-tac do relogio de pêndulo. Nas chavenas de chá, não bebidas, se dissipava, pouco a pouco, a nuvenzinha de vapor. Cortés só recordou vagamente, mais tarde, o espectaculo do vestido rosa que escorregára sobre o agazalho negro como uma chamma que se abate.

* * *

OUVIRAM dar trez horas. E quasi em seguida perceberam outro ruido, que não era um ultimo éco do relogio. Eram passos reprimidos, suave gemer de madeiras sob uma pressão prudente. E vinha do compartimento vizinho, do vestibulo que momentos antes haviam atravessado.

Nelly empallideceu de terror e apagou a luz. Cortés tocou com a mão nervosa o cabo de seu revolver. E um pensamento vulgar se lhe apresentou, nitido, ao espirito: "Todo ladrão corre o risco de se tornar assassino". Mas o que penetrára na casa não era alheio a ella. Sabia onde se fazia a ligação da luz. A porta da saleta se abriu silenciosamente. Uma mão invisivel fez gyrar o interruptor. Nelly conteve um grito. Cortés deixou de apertar o cabo do revolver.

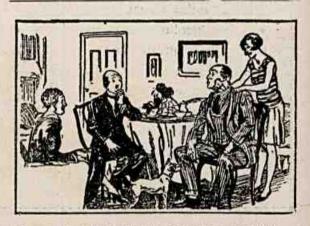
Não era o marido. Era o criado despedido alguns mezes antes. Aproveitando a ausencia do antigo patrão, tentára varias vezes penetrar no appartamento, até conseguil-o. Nada revelava em suas feições de delinquente. Nada de anormal se lia em sua expressão de espanto.

Houve um momento de silencio. Nelly dirigiu a Cortés um olhar de desprezo e de odio, que o amigo não comprehendeu. Si fosse mais opportuno, si não tivesse a convicção de seu proprio delicto, Cortés poderia ter posto em fuga o intruso com um simples gesto de ameaça. Mas, vendo que não era necessario matar, e desconcertado por aquella súbita e inesperada apparição, se limitou a erguer-se, guardando o revolver.

— Que quer aqui? — perguntou ella, vibrante, com voz de patrôa acostumada a mandar.

— Quero... o que houver — respondeu o ex-criado, não sem certa timidez.

Mas, emquanto dizia isso, adquiriu a certeza de sua impunidade, e ajuntou:

— Dinheiro... O dinheiro...

O pae (ao pretendente, que acaba de ser aceito). — Agora, que o senhor, praticamente, pertence á familia... não me quereria fazer o favor de... de despachar a cozinheira?...

DOIS LADRÕES

(Conclusão)

E lançou um olhar ao pequeno movel onde sabia que estavam guardadas as economias do casal.

Nelly collocou o agazalho nos hombros e foi abrir o movel. Tirou delle um punhado de notas, coutou-as como si estivesse pagando uma divida, e disse ao antigo criado:

— Tome... São oito contos de réis... E' retire-se immediatamente!

— Ainda não — sorriu o ladrão. — Quero as joias...

— As joias... — explicou ella, afanosa — estão no quarto. Não posso despertar meu filhinho...

— Despertál-o-ei eu.

Então Nelly obedeceu.

Os dois homens ficaram sós na saleta. O ex-criado, aboletando-se numa poltrona deante de Cortés, accendeu um cigarro. Depois o deixou á beira do cinzeiro para ir revistar o "smoking" do outro, apoderando-se da carteira e lendo, burlesco, um cartão do proprio Cortés. Feito isso, tornou a sentar-se, e continuou fumando.

Nesses minutos, Cortés quiz examinar sua situação. Mas era tal a confusão de suas idéas e de seus sentimentos, que não conseguiu adoptar uma attitude precisa. Nelly regressou, pallidissima. Trazia um cofre aberto. Tirou delle, um a um, os braceletes, os broches, os collares, como para que o amigo os olhasse bem e os recordasse. Depois, contendo a respiração, esperou que o ex-criado sahisse.

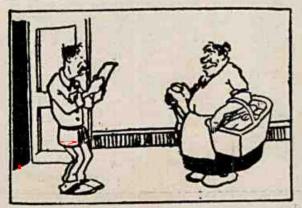
— As perolas... — disse o ladrão.

Nelly teve um estremecimento de indignação. Olhou Cortés, implorandolhe auxilio. Mas, convencida de que aquelle homem era incapaz de defendêl-a, se desprendeu do collar de perolas e o deixou cahir nas mãos ávidas do criado.

— Bôa noite... E muito obrigado...

Cortés, fóra de si, empunhou, então, o revolver. O criado, insolente, fez-lhe uma caréta, e sahiu.

Nelly e o amigo permaneceram um instante em silencio, em pé, sem olhar-se. Afastado o perigo, Cortés poude comprehender sua situação. O mutismo de Nelly era eloquente. Aquelle mutismo dizia ao amigo: "E's um canalha. Não soubeste defender-me... Não merecias esta hora de fraqueza e de amôr..."

E Cortés, de cabeça baixa, apanhou seu chapéo. Vacillou um momento, como á espera de uma palavra, de um gesto. Nelly, porém, continuou muda, immóvel. O amigo desleal e covarde abandonou então a saleta, a passos lentos, cuidadosos, como um segundo ladrão.

— Como?! E tem a coragem de cobrar a lavagem de uma camisa que a senhora mesma perdeu?

— Sim, senhor, porque ella foi perdida depois de lavada.

saibam todos...

LUCIA REGINA (Rio Grande do Sul) — A literatura moderna só tem hoje duas directrizes: reflectir a vida contemporanea, sob os seus multiplos aspectos. Por isso, em toda ella, o que predomina e sobresáe é a sociologia e a psychologia, ou antes, — para estar com a escola mais em voga: o freudismo. Freud abrange tudo.

Ora, os seus *esquisses* literarios, só apresentam uma particularidade: demonstram que v. ex. sabe e pode escrever com grammatica. Falta-lhes tudo o mais.

Estude. Leia os bons autores. Notadamente os modernos. Os modernos, a meu vêr, não são os que deturpam a lingua para irritar os puristas, os classicistas, os passadistas etc. São os que vão buscar os seus themas, as suas theses, as suas doutrinas no pan-sexualismo ou na sociologia.

São essas as duas fortes columnas que terão de amparar o novo edificio social.

Agora, leiamos a sua carta, para que se veja que fui sincero na minha resposta, somente para lhe ser agradavel.

Dois pontos:

"Porto Alegre, 3 de Junho de 1933. Sr. Yves, distinto confrade. Saúdo-o cordealmente.

Permitta que lhe roube, com esta, alguns minutos de attenção. Incluso encontrará duas producções que submetto, com gosto, a sua apreciação. Se forem ellas dignas de figurar nas paginas selectas de "Fon-Fon", tanto melhor. Terei muita honra nisto. Se não puder ser, contentar-me-ei com uma critica breve, mas franca, leal, sem rebuços nas columnas acatadas de "Saibam todos"... Que sou, antes de tudo, uma grande curiosa. Ha muito que me inflamma o desejo de ouvir (ou conhecer...) uma opinião autorizada e imparcial acerca de meu trabalho litterario. Na sua secção, encontro uma opportunidade. Eis o motivo principal de minha consulta... Não creia sobretudo, que me assuste a perspectiva de um julgamento severo. A lucta exerce uma verdadeira fascinação sobre o meu espirito. Estimula-me a idéa de conquista. Gosto, pois, de pensar que ha muito a fazer e corrigir apenas os primeiros passos, tendo, pela frente, toda uma estrada accidentada a percorrer... Mas nada disto deve, afinal, interessa-lo.

Deixe que só lhe peça, ainda a fineza — pedido superfluo, aliás — de responder no "Saibam todos", para as iniciaes que subscrevem esta missiva. Sou bastante ciosa da boa reputação do pseudonymo litterario que firma as collaborações enviadas, para expô-lo, publicamente, á ironia fina dos seus commentarios que insisto em reclamar de uma rudeza, "sans pitié"...

Mas, vou terminar. Esqueci-me, já, de que a brevidade, é ouro... Espero, porem, a absolvição, de sua paciencia exercitada nos espinhos do officio.

Perdôe a massada e creia no apreço de sua patricia do sul. — *M. E. A.*"

Está satisfeita, gaúcha illustre?

REGINA MAURA (Minas) — Olá! Uma bella mineira? Que me dirá v. ex., D. Regina Maura?

Pela calligraphia, já vi que não é sincera... E, em geral, as filhas da terra de Tiradentes são admiraveis de sinceridade. Nem ponho em duvida o que me dizem.

Voltemos, porém, á sua missiva:

"Caro Yves. Sou mineira, como muitas que lhe tem dirigido cartas na maioria das vezes como esta. Pedir opinião para trabalhos, que, quasi sempre, vão para o fundo da cesta...

Entremos, pois, no que me interessa; junto remetto dois trabalhos que me foram enviados por um admirador. Agradeceria a sua opinião núa e crúa (como sempre tem procedido) — para V. Yves veja que os mineiros do sul se comparam em intelligencia com as paulistas e gaúchas de que tanto lhe dão que falar na sua secção.

Queira bem a mineirinha. — *Regina Maura.*"

Resposta: E' lamentavel que eu admirando tanto, e acreditando demais nas mineiras, não possa attender o seu pedido. E sabe por quê? Simplesmente porque só dou a minha opinião sobre trabalhos que os seus autores submettem, directamente, á minha apreciação. Fóra dahi é malhar em ferro frio. Para que fazer maior numero de inimigos? E depois, com que objectivo, com que lucro?

VALDO (S. Paulo) — Meu caro poeta. Agradeço-lhe as palavras amaveis que me dirige. O seu poema será opportunamente publicado.

Quanto ao resto, eu só tenho a lhe dizer, que, para se esquecer um amor, só ha tres factores deci-

(Conclúe na pag. 24).

Agua de Colonia "N.º 1.001"

Para que não falte em recanto algum do paiz um producto cuja invejavel acceitação no estrangeiro faz salientar a industria brazileira a **Perfumaria**

«A Fonte de Colonia»

commemorando o mez da sua inauguração, faz remessas **ISENTAS DE PORTE,** para qualquer localidade, da

EXCELSA E AFAMADA

AGUA DE COLONIA Nº 1.001

PELOS PREÇOS DA CAPITAL:

AGUA DE COLONIA "N. 1001"		AGUA DE COLONIA "N. 1001-EXTRA" (A CLASSICA, A LEGITIMA, A VERDADEIRA AGUA DE COLONIA)	
Vidros de 1 litro......	25$000	Vidros de 1 litro......	45$000
" 1/2 "	15$000	" 1/2 "	25$000
" 1/4 "	9$000	" 1/4 "	15$000

Pedidos acompanhados de cheque ou vale postal para a bem sortida perfumaria

A Fonte de Colonia

Rua Uruguayana, 26 — Caixa Postal, 2968

Rio de Janeiro

Productos N. 1.001 — Não são de baixo preço — São de alta qualidade

sivos, o tempo, a ausencia e a distancia.

Creio que essa observação é do padre Vieira. Si não é, não faz mal. Ella é profunda e verdadeira.

E si o sr. soffre agora, pela "pequena", que o abandonou por outro, e ainda não tem forças para esquecel-a, o mais certo é seguir o conselho que se extráe da opinião sacerdotal:

I — Si está perto della, fuja para longe;

II — Si a vê todos os dias, evite encontral-a;

III — E si o "desastre" é recente, — vá deixando o tempo passar...

Si esse remedio não servir, e não lhe trouxer a cura definitiva, — eu só vejo outro melhor: arranje "outra"...

"Para matar um amor, só outro amor melhor ou peior"... (Autor desconhecido).

HELOYSA (S. Paulo) — Muito obrigado pelas condolencias que me envia, pelo facto de eu não acreditar nas Evas. Que Deus me dê mesmo muita força para duvidar sempre dellas, e jamais ser *tapeado*... (Desculpe a *tapeação*... isto é, o emprego da gyria, o que me parece horrendamente feio e deselegante...

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Pergunta v. ex.: "Por que é que você não crê no coração das mulheres?"...

Ora essa! Mas quem disse que não creio no coração das mulheres?

Aseguro que já assisti a varias aulas de anatomia humana... E, de resto, não estão ahi os tratados desse ramo da sciencia medica?

ANNA MARIA (Capital) — Oh, muito agradecido pela sua homenagem. E' curioso notar como v. ex. se recorda de velhas coisas que passaram e já não influem em nossa vida.

E' tão intensa e tão rapida a passagem do tempo, com o seu turbilhão de surprezas, que não ha vagares para nos determos na consideração daquillo que ficou no fundo do passado.

Quando muito, ha logar para uma pequena saudade... Saudade de um baile rutilante... Saudade de um "tête-á-tête", á beira-mar, dentro de um crepusculo de maio... Saudade de dois olhos inquietos e grande, e de duas mãos morenas que já não nos acalentam as dôres... Saudade de um beijo que se não deu e ficou "para amanhã..." Saudade de um passeio, por um parque, ou uma alaméda enfeitada de rosas e de estatuas... Saudade de uma noite cheia de estrellas e de confissões que mentiram... Saudade de um motivo musical, de uma canção, de uma sonata que nos embalou as horas, num momento de amor ou de lagrimas... Saudade... Emfim, saudade de quê? Saudade de outras saudades, que eram tão bôas e tão doces — e que hoje já se não sentem mais...

E com esse *bouquet* de saudades queira aceitar uma saudade minha...

Yves

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviarnos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO
Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-9706
FON-FON — 24-6-933

Data da consulta...........
Nome do consulente...........
....

TINTURAS DE CABELLOS

A CASA ERITIS é muito conhecida e frequentada pelas senhoras que tingem os cabellos e isto é devido á seriedade e o maximo cuidado que empregamos nessa delicada operação.

Applicações de Henné e Tinturas em todas as cores desde 25$

UMA ONDULAÇÃO PERMANENTE DA CASA ERITIS

CASA Eritis

TELEPHONES: 2—1313 2—2608

RUA URUGUAYANA, 78

ONDULAÇÃO PERMANENTE POR ESPECIALISTAS. GARANTIDA 8 MEZES.

Desde 100$

Mise-en-plis.

Ondulações.

Massagens.

Córtes de cabellos

MANICURE

Especialidade da CASA ERITIS 8 perfeitas Manicures para Senhoras.

A ONDULAÇÃO PERMANENTE

Para que fazer experiencias perigosas, submettendo seus cabellos a uma permanente qualquer... quando a CASA ERITIS, por um preço razoavel e com os apparelhos mais aperfeiçoados, póde garantir-lhe uma ONDULAÇÃO PERMANENTE, perfeita e duravel, ficando os cabellos macios e geitosos, conservando o brilho natural?

"MEL"
Biscoitos Aymoré
A ULTIMA PALAVRA
EM BISCOITOS!
Biscoitos MEL AYMORÉ
MARCA REGISTRADA
BISCOITOS
AYMORÉ

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 25

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 24 de Junho de 1933

A Festa de S. João

S. João! S. João! E' o tempo das fogueiras e dos fogos, da cangica, do milho assado, do vintem dado ao pobre, cujo nome será o do noivo das moças casadoras, de tantas tradições e festas que embalaram a nossa meninice, a nossa adolescencia e a nossa mocidade. Por todo o imenso Brasil, quasi os mesmos ritos populares nêste delicioso mês de junho, que a cidade do Rio de Janeiro acaba de tomar para ela. A mesma cousa quasi nos pampas gaúchos e nos seringais amazonicos, nos sertões nordestinos e nos campos gerais paranaenses, nas montanhas mineiras e nas planuras goianas, nas catingas da Bahia e nos cafezais de S. Paulo. Milho verde, balões, buscapés, fogueiras e os compadrescos e as dansas. Noite de S. João! Noite de S. João!... Tradição nossa, creada na desmesurada amplidão do nosso cenario? Não. Tradição lusa, trazida nas caravelas em cujo velame sangrava a cruz de Cristo? Tambem não. A mais velha tradição da humanidade, isso sim, e eis por que, mais do que todas as outras, fala profundamente aos nossos corações. Festa astronomica, festa solar, festa do solsticio de verão nos paises nórdicos, do solsticio de inverno no hemisferio meridional, festa de Agni, festa do fogo dos primitivos quebros ou guibros ou hiperbóreos perdidos no coração da Asia. Ainda hoje a celebram os escandinavos sob o nome de festa de Balder ou Baldersbal, festa de Baal, segundo o professor Nilsson. Na noite de 24 de junho, dêsde as praias dos mares Baltico e do Norte até ás do oceano Glacial, as colinas e montes da Suecia e da Noruega corôam-se de fogueiras, em torno das quais comem, bebem, dansam e cantam camponios e pescadores. O velho rito de Agni não morre, porque eterno é o sol que lhe deu vida. Nascido no misterioso fundo dos santuarios antigos, percorre o mundo, alegrando e consolando as almas, festa do Baal semita ou dum grande santo cristão, que importa? festa que dêsde a mais tenra infancia alegra os nossos corações. São João! São João! eravejado o céo de luminarias volantes, estrelada a terra de chamas inquietas, iluminadas todas as almas de alegria, como eu gosto de ti!

GUSTAVO BARROSO

A casa do coronel João Costa estava, naquella noite de 24 de junho do anno da graça de 1914, rumorosa e festiva. Celebrava-se o onomástico do prestigioso chefe sertanejo, que não esquecia a commemoração annual da grande data de seu santo. E em toda a pequena cidade de Canindé só se falava na festa do coronel João, que decorria animada e deslumbrante entre os estoiros dos fogos e a vibração lyrica dos namorados. Dentro da casa, enfeitada de lanterninhas multicôres, tocavam, para as danças, um violão, uma flauta e um piano, dirigidos pelos trez melhores musicos da philarmonica local. O resto da banda estava do lado de fóra, na calçada alta, illuminada pelo clarão vermelho da fogueira que ardia, melancolica, no meio da rua. Em torno da pilha de lenha verde, sacrificada em holocausto á noite tradicional, se alvoroçava, contente, a garotada da vizinhança. Espocavam bombas e bichas de pavio. Faiscavam estrellinhas. Chiavam buscapés. Sopravam pistolas. Comiam-se espigas de milho verde assadas na fogueira.

Carlos Pinheiro, filho do juiz de direito da comarca e sobrinho do coronel João Costa, dançava, na sala do baile, uma valsa sentimental com a moça mais linda da terra, a Mariêtinha Almeida, quando se lembrou das sortes de S. João e suggeriu aos presentes a da bacia com agua.

— Vamos ás sortes! — gritaram todos. Vamos ás sortes! E viva S. João!

Tia Philomena, a velha criada que fôra ama sêcca do coronel João e já vira mais de setenta noites de S. João, trouxe a bacia de porcelana onde os meninos lavavam os pés, ao deitar-se, e collocou-a em cima da mesa redonda encostada na parede, sob o retrato ampliado do fallecido coronel Raymundo Costa, pae do dono da casa.

— Primeiro as moças! — opinou Carlos Pinheiro, sem largar o braço moreno da Mariêtinha.

E, para a namorada:

— Você vae iniciar.

Mariêtinha negou-se. Ficaria por ultimo. Era muito supersticiosa. Tinha médo de não vêl-o no fundo da bacia. E, no fim, embora o destino não lhe mostrasse o rosto querido na agua da sorte, soffreria menos, porque soffreria consolada pelo desengano das outras. Que elle chamasse a Olga Moreira, a Amélia Martins, a Graziella Noronha... Essas eram noivas officiaes e já estavam de casamento marcado. O destino, alli, não podia fazer mais nada...

Graziella offereceu-se para inaugurar a bacia. Chegou perto da mesa e olhou a agua quieta, que parecia agitar-se com o movimento da luz balançada pela brisa da noite. Olhou, olhou...

— Não vejo nada — exclamou, desolada.

Seu noivo, que se achava perto, insistiu, animador:

— Procure bem, querida.

Mas Graziella continuava não vendo nada além de seu rosto branco fazendo uma expressão melancólica no fundo da bacia.

E, como não podia ficar a noite inteira alli, teve que ceder o logar á Olga Moreira, a segunda caçadora de felicidade na agua de S. João. Olga viu um rapaz loiro, que não era seu noivo, e que lhe sorria, fascinante.

E todas as moças, até Mariêtinha, repetiram, cheias de esperança, a experiencia de Graziella e de Olga. Algumas viram o rosto amado promettendo-lhe, silenciosamente, a ventura que aguardavam. Outras, apenas se desilludiram não vendo nada, como a primeira, ou vendo caras differentes, como a namorada de Carlos Pinheiro.

Quando chegou a vez dos rapazes, o sobrinho do coronel João Costa quiz tambem ser o ultimo, para ter a illusão, retardando o desengano, de que a desventura chegaria igualmente tarde.

— Mas eu vejo, claramente, o rosto de Mariêtinha! Alli está ella, sereno e bello com a sua alegria, e o seu encanto. Viva S. João! Viva S. João!

Delirante de satisfação, pulando, gritando, gesticulando, Carlos Pinheiro voltou para junto de sua namorada, que se conservava desalentada e triste na sua descrença feminina. Mariêtinha sorriu, para ser agradavel ao rapaz, mas não acreditou naquella prophecia final. Ella vira outro, bem outro, no espelho do destino.

Tia Philomena retirou a bacia e as danças proseguiram.

Mariêtinha foi o par constante de Carlos Pinheiro. A flauta soluçava, magoada, uns lamentos romanticos na sala festiva. De fóra, vinham os écos dos estoiros e da algazarra infantil que sonorizava a poesia da fogueira.

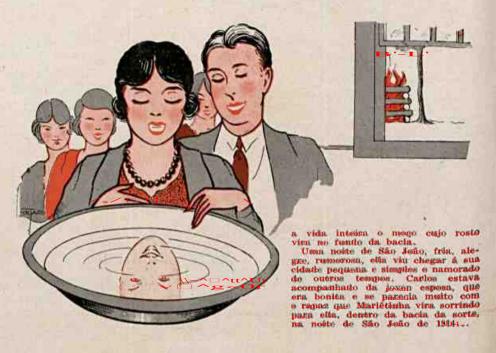
— Viva S. João! — diziam os meninos.

Carlos procurou, inutilmente, matar a desillusão de Mariêtinha. A moça era supersticiosa e só acreditava nos seus olhos. E estes haviam descoberto, na agua da sorte, um rosto que nunca viram e que lhe sorria meigamente.

A festa acabou, ardeu toda a fogueira da rua, parou a harmonia angustiada da flauta e a noite de S. João do Canindé guardou, compassiva, os desenganos de Mariêtinha e as esperanças de Carlos.

* * *

DEZ annos depois, numa festa sem fogueira e sem flauta, sem bacia com agua e sem violão, sem crianças gritando e sem milho verde assando, Carlos Pinheiro encontrou uma boneca de carne, que tinha olhos azúes, cabellos côr de sol e voz macia de violino civilizado. Tão differente de Mariêtinha, que era morena, e tinha os olhos negros e os cabellos côr de noite sertaneja, e a voz sentimental de pássaro do norte!... Dançou com ella. Fez par constante a noite toda. Apaixonou-se... Casou com a boneca...

Mariêtinha, esquecida e abandonada, ficou lá no seu Ceará esperando a vida inteira o moço cujo rosto vira no fundo da bacia.

Uma noite de São João, fria, alegre, rumorosa, ella viu chegar á sua cidade pequena e simples o namorado de outros tempos. Carlos estava acompanhado da joven esposa, que era bonita e se parecia muito com o rapaz que Mariêtinha vira sorrindo para ella, dentro da bacia da sorte, na noite de São João de 1914...

Viva S. João e S. Pedro! E viva S. Paulo!

DISCUTIA eu na noite de S. João de 1896 á porta do antigo Café do Rio — rua do Ouvidor, esquina da Gonçalves Dias, onde hoje está a Confeitaria Paschoal — com Anibal Mascarenhas, sincero e altiloquente diretor da ala moça nacionalista; com Henrique Cancio, o gigante que tinha o coração do tamanho do corpo, e com, se bem me lembro, Nicanor Nascimento, que disputava, então, comigo — quem o diria, vendo-nos hoje!... — um premio de beleza masculina. Discutia-se o que? Não falavamos de mulheres; é claro, pois que discorríamos de politica. São os dois assuntos nacionaes. Anibal desenvolvia, com seu falar mastigado e espumoso, a boca abrindo-se desgraciosamente em exclamações sucessivas, seu vasto plano de nacionalização do comercio, das industrias, das ciências e das letras.

— Somos um povo grande e forte. Completemos nossa emancipação.

Num de seus arroubos deu um passo atráz e esbarrou num menino que chorava silenciosamente, tendo na mão um frasco quebrado com um rotulo de farmacia. O menino recuou sem «palavra» e continuou a chorar. Acercámo-nos dele.

— Que lhe aconteceu?

— Nada, não senhor.

Voz humilde, plangente, e inconfundivel de descrença da piedade.

— Que tem você na mão? — perguntou-lhe Henrique Cancio, procurando, debalde, aliviar a forte carga de trovões da voz fabulosa.

— Vim comprar remedio para minha mãe.... Caiu-me o vidro das mãos e, quando chegar em casa, meu padrasto bate-me.

Não disse mais. Choro convulso embargou-lhe a voz. Não era, porém, preciso dizer mais. Tínhamos todos a idade e a raça quixotesca.

— Quanto custa o remedio?

— Cinco mil reis.

Metemos a mão na algibeira. O mais rico devia ser o Nicanor, pois acabava de contar-nos que seu escritorio de advocacia triunfava em toda a linha. Trouxe do bolso do colete um punhado de níqueis, que cairam, com os meus e os do Anibal, no fundo do chapéu-coco do Cancio. Soma rapida: tres mil e cem.

— Isto ê, tres mil reis — retificou, Cancio, porque este tostão é falso. Deve provir de um cliente do Nicanor.

A Paschoal, a dois passos, acabára de fechar-se.

Os caixeiros eram todos nossos conhecidos — quantos aperitivos nos fiavam!

Cancio exortou-os á caridade, e a quantia logo se completou.

— Toma, pequeno! Vae buscar outro vidro de remédio para tua mãe.

O pequeno mal balbuciou "obrigado!" e saiu a correr.

Chegou Emilio de Menezes, aquele espirito de vespa doirada e acre. Contou-se-lhe o caso.

— Vocês são uns romanticos. Puzeram fóra dez vinhos do Porto.

E poz-se a andar em direção á praça que hoje se chama Olavo Bilac.

Continúamos a palestra interrompida. Não tardou que Emilio voltasse.

— Querem ver? Venham comigo!

Acompanhamo-lo. Na praça, junto a uma das antigas casas portuguezas de "Chá, Cera e Semente", estava o menino a queimar um pistolão. Embevecido, louco de alegria, via perderem-se no ar as bolas luminosas que partiam do canudo que tinha na mão.

A figura morena tornara-se côr de oiro velho, como a de um serafim de um icono russo.

Anibal, embevecido, exclamou:

— Esse pequeno goza de um minuto de alegria, que talvez nunca mais a vida lhe dê. Para que perturbál-o? E colheu-nos, fazendo-nos virar os calcanhares.

— Em todo o caso, acrescentou, para que o garoto não faça outras vitimas, é prudente tirar-lhe a arma. E, abaixando-se, arrecadou o vidro com o rotulo da farmacia. Outros meninos haviam cercado o nosso, e gritavam:

— Viva S. João...

— Vivô... ô... ô...

...Onde andará hoje, S. João de 1933, aquele menino de 1896? Numa prisão ou na direção de um partido politico de astucias sempre vitoriosas?

— Viva S. João...

— Vivô...ô...ô...

A molecada somos, talvez nós; quem ainda queima o pistolão é ele... se estiver de cima.

— E os fogos, quem paga?

Nós, os sentimentaes sinceros.

— Apanhe-se, então, ao menos o pedaço do vidro de remedio com o rotulo da farmacia.

— Nem sempre é isso possivel. O garoto tornou-se homem, e previdente. Disputa o caco de vidro com o fogo dos mesmos pistolões, e o sangue que se derrama nem sempre é compreendido...

— Viva, entretanto, e sempre São João!

— Vivô... ô...

Viva S. Pedro!...

— Vivô... ô...

— E viva S. Paulo!...

— Vivô... vô... vô... vô... ô... o

Claudio de Souza

O BALÃO QUE SE APAGOU E CAIU

No céo pesado e escuro de junho são raras as estrellas. Em compensação, as estrellas da noite de S. João, que são os balões vermelhos e fugidios, se contam por centenas.

Lá vão elles fugindo! Lá vão, sob o frio que pede calenturas de amôr e alegrias de almas felizes e contentes.

Oh, a tradição que não morre!

Noite de S. João!

Eis a fogueira, na roça, onde o milho crepita e as batatas são tostadas, para que se tenha uma razão justa de se dançar em torno a ellas e os namorados mais timidos se possam expandir sem constrangimento. Os tiros das rouqueiras, ecoando pelas quebradas das serras. As sortes, que se tiram, entre eupersticções e gargalhadas, e se espreitam, num copo cheio de agua, onde uma clara de ovo, fluctuando, assume fôrmas bizarras.... Os sambas. Os cânticos, as lôas ao santo festejado. O chôro e o repinicado da viola...

Ah, é a alma simples do povo, da gente sem preconceitos do campo, da montanha, do sertão, das regiões rústicas e bravas.

Na cidade...

Na cidade é a estylização forçada de todos esses costumes. Os bailes, o arremedo das bellas festas matutas, os cotillons cheios de formalidades e etiqueta. E', em summa, o artificialismo, a tradição envernizada de civilização, de hypocrisia, de convencionalismos irritantes.

Que fica para a pobreza? Para a modéstia dos rudes, do espirito dos bas-fonds, da vida res-do-chão?

Os balões! Só os balões voadores...

Elles são, de facto, a poesia sincera dessa outra classe de gente.

Mas, talvez, por isso mesmo, é que ella encanta e commove as almas ingênuas e sensíveis.

Observemos o scenario...

A noite começa, agora, mas o céu se apresenta, de ha muito, enfeitado de pequenas luzes ambulantes: os balões.

Aqui, na minha rua, — simples e obscura rua de suburbio — a garotada não tem senão um ideal ardente e difficil: perseguir e tascar os balões.

Como neste momento ella desejaria possuir azas fortes e amplas para alcançar, no seu vôo arrojado, as pequeninas lanternas de papel, que riscam a noite escura e fogem como fantasmas illuminados de sonhos!

O alvoroço da petizada augmenta na minha rua.

Chego á janella para ver o que ha. E' simples. Elles, os garotos, esperam que suba mais um balão. Um bonito balão de alegres retalhos de côres, como um Arlequim todo accêso, feito para voar, sob a noite fria e ruidosa.

A frágil machina, impellida pelo gaz do seu bôjo, vae oscillando, sóbe não sóbe, emquanto, em baixo, olhos afflictos numa assuada infernal, os pequenos gritam, cubiçosos, pulam e correm, dentro de uma só esperança: apanhar o balão, para estraçalhál-o depois...

Que estranha volúpia a desses garotos perversos!

Emfim, o balão sóbe mais alguns metros... Sóbe, oscilla, balança no ar, vae e vem, e, de repente, com pasmo e decepção geral, pende para um parque, adeante...

Ha apenas nesse parque um garoto que não esperava o balão. E, sem que fizesse esforço algum, sem que sonhasse com elle, sem que mesmo o houvesse desejado, — tem o prazer de vêl-o apagar-se, de todo, e, lentamente, cahir nas suas mãos...

Abandono a janella e retorno á minha banca de trabalho.

Lâ fóra, a meninada vadia irrompe numa algazarra mais forte.

Gritos.

Assobios.

Apôdos.

Ameaças e pedradas a esmo.

Sob o halo triste que a luz morta do abat-Jour desenha na sala do meu gabinete deserto, medito, sozinho, nesta festiva noite de S. João.

E penso em ti, ó meu sonho perdido!

O nosso amôr foi como esta noite inquieta e flammante.

E tu? Que foste, afinal, na minha vida obscura?

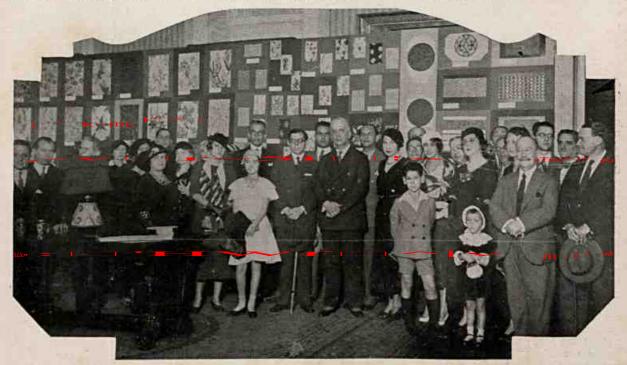
Tu foste como aquelle balão colorido, bonito e frágil, leve e oscillante, que teve a sua chamma apagada, de repente, para cair, sem rumor, nas mãos vazias e displicentes do garoto que nada queria nem nada esperava na noite de S. João...

BASTOS PORTELA

O illustre casal Mora y Araujo, que dentro de alguns dias deixará o nosso paiz, tem recebido, por esse motivo, varias homenagens de despedida do governo e da sociedade brasileira. Quarta-feira penultima, o ministro das Relações Exteriores offereceu, no palacio Itamaraty, um banquete em honra do embaixador e da embaixatriz da Argentina, tomando parte no mesmo altas personalidades do nosso mundo official, social e diplomatico.

FILIGRANAS

Hora violeta, o crepúsculo esbate as linhas architecturaes e enche de poesia e de mysterio as ruas da cidade. E' nessa hora, hora dos primeiros véus e das primeiras sombras da noite, que eu gosto de percorrer as ciuades que amo e onde os farrapos da minha alma jazem semeados em cada canto: Fortaleza, Rio de Janeiro, S. Paulo, Paris.

Porque o crepúsculo, sendo a saudade do dia, é o momento propicio para a colheita da saudade no maravilhoso jardim do passado, que a fada-distancia azula como as montanhas no horizonte.

Inaugurou-se no Palace Hotel, na tarde de sexta-feira penultima, sob o patrocinio da Associação Paraense do Rio de Janeiro, uma exposição de desenhos ornamentaes da sra. Iris Pereira, artista do Pará, que creou uma nova expressão da arte decorativa, estylizando motivos marajoaras. O acto inaugural da exposição de Iris Pereira teve a presença do reitor da Universidade do Rio de Janeiro e de outras pessôas gradas, além de artistas, intellectuaes e figuras de destaque na colonia paraense.

O meu balão de S. João

«MINHA querida amiga. — Você, o anno passado, nas vesperas de S. João — lembra-se? — dirigiu-me uma carta encantadora, que muito e muito me commoveu.

E de sua carta, minha querida amiga, desprendia-se um olor esquesito, um perfume, que não me era estranho, tanto que logo despertou em mim o homem-creança que eu fui ha muitos annos atraz. O suave perfume da resina e do cerne verde dos grandes tóros de pau branco, de sabiá e, mesmo, do esguio marmeleiro e outras arvores sacrificadas, a machado, para as fogueiras de S. João, nos capões mais espessos da vegetação escassa e rachitica das caatingas quietas do sertão em flor da nossa terra.

E, tambem creança, meu velho coração desilludido bebeu no encanto de suas palavras suggestivas e evocadoras a agua de juventa que o fez dançar e cantar, dentro de mim, com absoluto descaso pelos meus cabellos prateados, a álacre ciranda-cirandinha da sua sonhadora e enthusiasta mocidade.

Inflammasse, de novo, o borralho adormecido das suas recordações. A pouco e pouco, elevam-se as chammas da velha lareira abandonada. E crepita, emfim, festivo o fogo amigo, a espalhar-se em redor de mim a sarabanda illuminada de suas fagulhas saracoteantes.

A fogueira votiva está em pleno esplendor. C h i s p a m, tambem, meus olhos, cheios de enternecimento, buscando os seus na noite sombria do tempo. E encontram-se. E falam-se e sorriem através da caricia quente que os enternece neste momento, ao pé da fogueira votiva das minhas e das suas recordações — tudo em louvor do senhor S. João!

Por que, minha querida amiga, por que esta sua lembrança de fazer crepitar, nessa vespera de S. João, o borralho da minha saudade?

Escute: não me responda, não. Eu o sei bem por que. Você fez bem, muito bem, mesmo. Meu coração incendeia-se e arde, agora, como ha vinte, ha quasi vinte e cinco annos atraz, em louvor de S. João e, tambem, de você, minha amiga distante. E realiza milagres de pyrotechnia, queimando, mais para você que para o bonissimo santo que, um dia, nos fez noivos, — lá, bem longe, naquelle pateo de fazenda, ao pé de uma fogueira votiva, — os fogos de artificio das consoladoras recordações que sua carta lhe despertou.

Dentro da féerie magnifica que enquadra e inflamma minha saudade, sua figurinha de mulher tem algo de angelical. Rosas mysticas, como as rosas immaculadas de Santa Therezinha, despetalam-se sobre sua cabecinha inquieta...

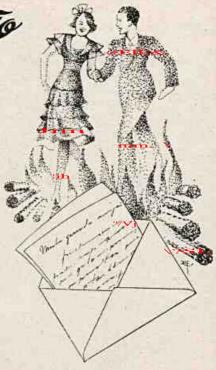
Como você está linda, assim, s o r r i d e n t e e feliz, com as duas "covinhas" de suas faces rosadas a tentarem a volupia insatisfeita do meu beijo! Suas mãosinhas macias, de dedos longos e aristocraticos, agitam-se em gestos de caricia...

E seu vestido? Aquelle vestidinho verde-canna, enfeitado de babados e laçarotes de fita? E aquelle dengoso muchocho que você fez quando lhe disse que estava linda, linda como uma santinha do céo?...

"Santo Antonio disse e o senhor S. João repetiu e quer que sejamos noivos!"

Tres vezes rodeámos a fogueira votiva, lá, longe, no pateo em festa da velha fazenda, eu por um lado, você pelo outro, para repetirmos, baixinho, em cada encontro, o compromisso sagrado...

Depois, aquellas *sortes*, a minha e a sua reunindo tambem os nossos destinos, confirmadas, ainda, na igrejinha que ambos vimos formar-se na experiencia da *clara de ovo*...

Lembra-se?

Tudo indicava casamento certo e breve, o que não falhou, tambem, na bacia d'agua, onde você conseguiu divisar o meu rosto.

Mas eu não vi o seu. E, só para lhe não entristecer, disse-lhe que o tinha visto...

Não gostei tambem daquelle balão verde e branco, que se queimou, já no alto, e que escolheramos para levar a S. João as alviçaras do nosso noivado. Mas tantos outros pares de namorados o tinham escolhido tambem com a mesma intenção, como o Zéca e a Angelita, que ficámos sem saber se a pouca sorte teria sido nossa ou se delles...

Minha querida amiga: lá, sobre a fazenda distante, já deve ter descido a paz do recolhimento. São duas horas da madrugada. Mas, antes que adormeçam de todo no borralho do esquecimento as chammas desta fogueira votiva, vou *soltar*, ainda em seu louvor, o ultimo balão desta minha noite joannina.

Ahi vae elle... E' todo côr de cinza e leva no bojo illuminado a profunda e commovida saudade do seu ainda hoje, noivo de São João..."

Elcias Lopes

FILIGRANAS

Os grandes homens são medrosos.

Augusto tinha medo de relampagos e trovões, embrulhando-se numa pelle de phoca, afim de defender-se delles. Sócrates e Pascal tinham medo de sonhos. Van Helmont receava as apparições e Luthero, Van Goes, Ampère, Blake e Poe, o diabo. A escuridão amedrontava Hobbes e Meyerbeer. Chopin tremia deante dum caixão de defunto e Bellini empallidecia olhando qualquer cadaver. Bacon delirava de pavor com os eclypses da lua e Buhele o sentir ao rumor de agua correndo "leias gateiras. As pernas de Brake vergavam ao ver correr uma lebre ou uma raposa. Turenne tremia em presença dum rato. Haller tinha a mania da perseguição e Mozart eterno terror de que o envenenassem.

UMA FESTA CAIPIRA

O Club de Regatas Botafogo promoveu sabbado ultimo, no seu pavilhão rústico da rua Salvador Corrêa, uma festa caipira que reviveu uma noite de São João na roça, com todos os encantos da vida das fazendas brasileiras. Trajes característicos do campo, costumes do campo, comidas do campo... A simplicidade do campo. Foi uma noite alegre e uma festa deliciosa... para os «caipiras» da cidade...

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

NOITE AZUL DE SÃO JOÃO

Noite macia... Noite longa de São João...
Aquelle mesmo que pregou a fé christã
E por isso cahiu no rancor de Herodias,
Rainha augusta da Judéa.

As estrellas do céo, baixando sobre a terra,
Transformadas em frageis estrellinhas
E em girandolas magicas de fôgo,
Bailam,
Saracoteiam,
Rodopiam
Nas mãos subtis da meninada em festa.

Noite azul... Noite grande de São João...
Aquelle mesmo inoffensivo Yokanaan,
Cuja cabeça decepada,
Numa salva purissima de prata,
Foi dada de presente á loura Salomé,
Princeza altiva da Judéa.

Varando o espaço como settas loucas,
Sem rumo ou direcção,
Esfuziam, nervosos como raios,
Foguetes de assobio e foguetes de estalo,
Derramando-se, no alto, em repuxos de lagrimas.

Noite de lua... Noite argentea de São João...
Aquelle mesmo serenissimo propheta
Que baptizou Jesus nas aguas do Jordão,
Tendo a seu lado o cordeirinho
Que é o symbolo feliz da sua santidade.

Aeronaves minusculas,
E zepelins em miniatura,
Balões vermelhos e bojudos
Vão subindo ao clarão da immensidade,
— Sonhos mortos, talvez, de Verne e de Gusmão.

Noite linda... noite gloriosa de São João...
Aquelle mesmo de que fala a Biblia,
Apostolo do Amôr, da Verdade suprema,
Milagroso Senhor da nossa devoção!

No pateo da fazenda a fogueira crepita,
Mandando para o céo bençãos de labaredas!
Ferve o samba em redor.
Sapateia a negrada,
No bate-bate do can-can,
Na sarabanda do cateretê.

— Quem é que pula esta fogueira?
Interroga uma voz!

— Eu, responde um caboclo decidido:
E zás! eil-o que salta do outro lado!

Festa no céo... Festa na terra!

Dentro dos brejos de sapê e de tabúa,
Os sapos roucos e roufenhos,
Batendo o tambor dos papos,
Acompanham, de longe, deslumbrados,
O espectaculo azul da noite de São João.

OZORIO DUTRA

SÃO JOÃO

O garoto desembocou na viela deserta. Mãos enfiadas no bolso, assoviando para espantar o frio que lhe alfinetava o busto magro, mal coberto pela camisa de meia suja, de listas sanguineas.

Para encurtar a distancia distraia-se a contar os balões que enchiam o espaço.

De quando a quando espoucavam bombas e foguetes atrevidos riscavam o céo.

O menino rodava na mão suja, agasalhada na algibeira funda, as duas moedas que restavam do lucro do dia. Era para o leite da mãe doente. Si pudesse compraria alguns fógos. Mas o dia lhe corrêra mal. Não podia divertir-se como as crianças favorecidas da fortuna.

Chegara ao termino da rua.

No palacete todo illuminado, de janellas escancaradas, uma fogueira artificial avermelhava a sala. Crianças envolvidas em pelicas queimavam fógos custosos. Dentro choviam fagulhas. Estoiravam bichas e relampejavam phosphoros coloridos. De minuto a minuto fugia, rapido, pelas janellas, um tiro de pistola, como uma mensagem de piedade das crianças felizes ás crianças pobres da rua.

O garoto espiou a festa, cheio de inveja e despeito. Teve ganas de correr e trocar as duas moedas por alguns fógos. Mas o seu dinheiro não chegaria para aquellas pistolas bonitas...

E o leite da mãe entrevada?

Continuou o seu itinerario. Parou adeante para admirar, embevecido, a subida de um balão agigantado. Um batente carcomido convidou-o ao repouso. Sentou-se e dormiu.

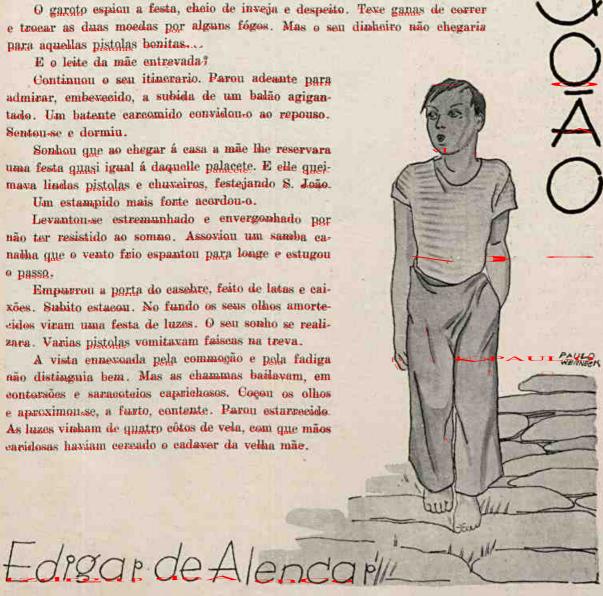
Sonhou que ao chegar á casa a mãe lhe reservara uma festa quasi igual á daquelle palacete. E elle queimava lindas pistolas e chuveiros, festejando S. João.

Um estampido mais forte acordou-o.

Levantou-se estremunhado e envergonhado por não ter resistido ao somno. Assoviou um samba canalha que o vento frio espantou para longe e estugou o passo.

Empurrou a porta do casebre, feito de latas e caixões. Subito estacou. No fundo os seus olhos amortecidos viram uma festa de luzes. O seu sonho se realizara. Varias pistolas vomitavam faiscas na treva.

A vista ennevoada pela commoção e pela fadiga não distinguia bem. Mas as chammas bailavam, em contorsões e saracoteios caprichosos. Coçou os olhos e approximou-se, a furto, contente. Parou estarrecido. As luzes vinham de quatro côtos de vela, com que mãos caridosas haviam cercado o cadaver da velha mãe.

Edigar de Alencar

Caverna de Ali Babá

«Soldado de Christo» é o titulo sonoro e significativo do ultimo livro de Alcibiades Delamare, professor, orador, escriptor e polemista de grande envergadura. Seus artigos doutrinarios e elevados no «Jornal do Commercio», ás sextas-feiras, distinguem-se sobretudo pelo cunho religioso e historico que sabe lhes imprimir. Alguns delles estão contidos neste novo volume, em que a alma enthusiasta de seu autor accende as chammas dum estylo ardente e imaginoso. Alcibiades Delamare, o pintor suave dos grandes vultos femininos da Igreja, nestas paginas combate por esta, armado de ponto em branco, com aquelles dotes de orador que se revelam em quasi todas as suas paginas. «Soldado de Christo» é um livro de valor e de exito pouco communs.

* * *

GOBINEAU

A França commemorou este anno o cincoentenario do grande escriptor e sociologo conde de Gobineau, que foi ministro no Brasil e amigo pessoal do imperador Pedro II. A cerimonia, que devia celebrar-se o anno passado, foi adiada para o corrente e constou de discursos na Sorbonne, de representações do seu drama "O Renascimento" e duma conferencia de Emilio Ludwig. Foi o primeiro acto de justiça que sua patria praticou para com sua memoria, tão esquecida ou vilipendiada por ter elle esposado ideas incomprehendidas de sua época.

Embora espiritos eminentes como os de Merrimée e Barbey d'Aurevilly tivessem sempre estimado o autor das Nouvelles Asiatiques *e criticos como Bourget, Dreyfus e Louday houvessem sempre calorosamente defendido o autor do* Essai sur l'inégalité des races humaines *dos ataques devidos á theoria da supremacia ethnica dos germanos, o ambiente francez envenenou-se contra elle e o romantismo o condemnou, horrorizado. Gobineau sentiu, porém, que o futuro lhe daria razão e exclamou:*

—"Eu e o tempo contra todos!"

Escrevendo sobre elle, actualmente, Alfredo Marquerie declara:

"A obra de Gobineau excede de muito a orbita literaria para entrar em cheio no campo politico-social. O problema das raças e da Historia da Civilização, a quem consagrou seus estudos e observações com illimitada amplitude de horizontes, alem de affectar o mundo inteiro, alcança hoje um éco de eminentes resonancias."

Não é mais somente a Allemanha quem glorifica Gobineau como uma especie de propheta do Pangermanismo. A França allia-se agora á commemoração daquelle grande espirito e até se fundam associações destinadas a provar que se interpretam parcialmente suas doutrinas.

"E têm novo valor suas idéas sobre a pureza das raças e o sentido equivoco do progresso, sua exaltação da grandeza pessoal opposta por natureza aos compromissos gregorios, sua affirmação consciente de valor individual diante das massas."

SÉSAMO

Acompanhada, ao piano, pela senhorita Yêda Telles de Menezes, sua gentil filha, a senhora Julieta Telles de Menezes dará, no proximo dia 27, no theatro Municipal, um concerto de musica de camera, que será, sem duvida, um acontecimento de arte e mundanismo, dado o prestigio de que desfructa em nosso meio a festejada e illustre cantora brasileira, cuja bella voz, depois de sua «tournée» pela Europa, novamente se fará ouvir aos seus patricios desta capital.

* * *

Celestino Silveira, autor de «Filmado para o meu Jornal», «Carne moça e outras banalidades» e «Os intoxicados», dá-nos, agora, «O homem de cimento armado», que apparece em elegante edição da Renascença Editora e com uma suggestiva capa do illustre pintor M. Constantino. «O homem de cimento armado» é um romance de feição moderna, trabalhado naquelle estylo e naquella sensibilidade que todos nós conhecemos em Celestino Silveira, escriptor de largos recursos, scintillante e inquieto, mas nervosamente pessoal nas suas caracteristicas literarias. Seu novo livro há-de alcançar, por isso, o successo dos anteriores, entre os quaes avulta o romance «Os intoxicados», já em terceira edição.

CARTA a S. JOÃO

MEU doce Baptista,

Um dia (já vae longe...) travei conhecimento com você. Enfeitaram-me a rua. No terreiro varrido da casa de telha vã, armaram uns tóros de madeira verde, mastreando, a pouca distancia, uma arvore linheira, ainda sem os melindres da transplantação. No interior, ia um reboliço de festa. Desprendia-se da cosinha um cheiro de milho verde com leite de côco. Eu pulava contente, seguindo o sol na sua marcha para o outro lado do mundo. Só me importava a noite, minha *primeira* noite de S. João — que das outras (por que seria?) não me lembrava...

A casa toda estava differente. A tarde veiu mansamente preludiar o poema da noite estrellada, cujas primeiras sombras receberam o baptismo dos fogos, animando no espaço os arabescos da limalha incandescente.

Mal entrada a noite, a fogueira já era uma immensa labaréda crepitante. Foi, então, meu dôce Baptista, que me annunciaram o seu milagre. Na agua limpida, ao pé do fogo lithurgico, iria ver o meu futuro. Ah! o meu futuro! Com que ingenuidade fixei a agua tranquilla e vi (vi, sim!) ir criando-se, á superficie, um mundo desconhecido, cheio de imagens maravilhosas. O meu futuro... E sorri á revelação do seu milagre, de Você, S. João, que foi o primeiro magico interessado na minha vida.

Hoje, muitos annos depois, lembro-me desse episodio e não lhe quero mal, pela illusão, que me deu, naquella noite longinqua projectada no tempo.

Post scriptum:

O seu milagre realizou-se. O mundo desconhecido e maravilhoso, achei-o eu, a despeito de tudo, na minha vida interior. E se voltasse a fixar a agua da prophecia, creia, meu doce Baptista, que outra vez veria o meu futuro, como naquella noite de infancia e de superstição. Apenas, agora, o fogo lithurgico, a fronde transplantada, a moldura caracteristica de sua noite de estrellas e balões não influiriam mais em mim.

Em compensação, meigo Baptista, o meu amor é a mais linda e evocativa noite de S. João de toda a minha vida...

P. C.

POVINA CAVALCANTI

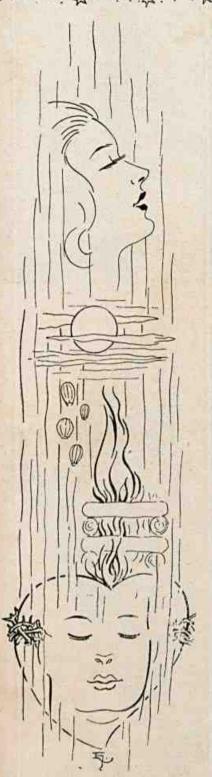
AS GRANDES AFFIRMAÇÕES DA FE' CATHOLICA

A PROCISSÃO DE «CORPUS-CHISTI»

Constituiu uma imponente demonstração de fé catholica a procissão de «Corpus-Christi», que encheu de tocante belleza religiosa a vida da cidade, na tarde de domingo passado. Acontecimento tradicional, attrahiu para o centro urbano a população dos bairros, que se derramou, respeitosa, pelas ruas onde desfilou o grande cortejo religioso, que se formou na cathedral metropolitana ás 15 horas e só ao cahir da noite se recolheu áquelle templo da praça Quinze de Novembro. Esta pagina focaliza varios aspectos da procissão de «Corpus-Christi», vendo-se, ahi, sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme conduzindo o Santissimo Sacramento.

NOITE DE S. JOÃO

Benedicto Lopes

(Especial para FON - FON)

Noite festiva de São João,
Branquinha de luar
E' languidas cantigas;
Noite de estridulas risadas
E alegres brincadeiras,
Em que a gente, sem saber
Porque,
Recorda com saudade
As horas felizes que se foram
E que nunca mais
Hão de voltar!

Noite bemdita de São João,
Em que uma estranha alegria
Anda florindo de beijos
E canções
Todas as bôccas e semblantes;
Noite em que a gente
Recorda um bem que ainda existe
E, sem saber porque,
Tem uma lagrima nos olhos
E uma grande dôr
No coração!

Noite divina de São João,
Em que, esquecidos
De todas as desgraças e tormentos
Cantamos e sorrimos
Em tôrno da fogueira,
Bemdizendo os balões que vão subindo
como lindas estrêllas de papel
E se perdem
Pela distancia azul e immácula
Do céu!

Noite encantadora de São João,
De rodas e cirandas
E crentes namorados;
Noite bôa
De tépidas caricias,
Em que o beijo
E' mais quente e o amôr é melhor;
Noite fria de junho, em que a gente,
Sem saber porque,
Recorda uma linda mulher
Que vive sempre escondida
Em nosso coração!

Devoção

A fogueira crepitava.

Grandes linguas vermelhas erguiam-se, desapparecendo no espaço. Ao redor o tremendo alarido dos violeiros, e o batuque da caboclada, martelando compassadamente o chão duro do terreiro. A toada sentimental do côro, em crescendo, repercutia nas quebradas da serra, como um convite aos vizinhos que haviam ficado em casa.

Os retardatarios apressavam o passo, animados pelo rumor das vozes dos devotos de São João. O mastro já se erguia em frente ao solar dos Camargos. Lá estava a imagem do santo agarrado ao carneirinho de olhar nostalgico.

Bandeirolas, arcos de folhagens, lanternas de papel, todo o apparato da festança.

E um ceu de porcelana crivado de estrellas...

— Carmita!

— Mãe...

— Você viu?!

— Sujeito impertinente!...

Conceição arrastou a filha para o interior da grande sala de jantar, atormentada por um presentimento mão.

Não contava com a presença do Tonico, o filho do coronel Brandão, fazendeiro opulento da zona. Aquillo até parecia castigo! Quando moça, Conceição a custo se livrára dos galanteios do vizinho, já então casado com uma sua amiga de infancia. Passaram-se os annos. Agora era o Tonico, perseguindo a filha, um desavergonhado que estava casado de fresco! Peste de gente... Ajoelharam ambas deante do oratorio. A mesma intenção, a mesma prece.

E ninguem siquer suspeitou que mãe e filha supplicavam a São João a paz que careciam para os seus corações.

Tonico, ao encalço da moça foi surprehendel-a ao lado da mãe, quando oravam alheias ao que se passava ao redor.

Num relance adivinhou tudo. Baixou o olhar, tocado pelo remorso. Esgueirou-se de manso, com um aperto no coração. Era preciso... Mas, tinha de esquecer Carmita!...

Ganhou o terreiro onde os pares felizes de namorados dançavam, doidos de alegria.

Parou um instante para apreciar o desafio entre dois guapos rapazes de pelle bronzeada. Cada qual tinha mais confiança na victoria do seu amor selvagem... Dois homens para uma só mulher!

Aquillo, pelo geito, parecia acabar em sangue... Tonico sentiu bambear-lhe as pernas!

Que diabo era aquillo?! Cerrou as palpebras para não vêr o resto... Avançou depois em direcção á porteira. Passou a perna sobre o tordilho amigo, correu de leve as esporas no pello do animal, que arrancou lépido, mordendo o pó da estrada. A toada dos violeiros foi morrendo, aos poucos, até perder-se no mysterio da noite fria.

Esquecer Carmita! Era preciso... E Tonico estrangulou um soluço na garganta. Matára para sempre aquelle desejo desesperado.

— Mãe...

— Minha filha...

— Elle se foi

— Verdade?...

— Nem assim?...

— E para toda a vida, diz-me o coração.

— Vamos festejar o milagre de São João!

Abraçaram-se, beijando-se na bôcca. Os convivas invadiam o solar dos Camargos, em procissão, com alarido, rufando pandeiros, raspando taquaras, numa estranha vibração de nervos descontrolados. Carmita pulou á frente, cantando, excitada pela louca felicidade daquella noite. Os violeiros abriram alas para a rainha da festa.

Veiu a madrugada. O primeiro raio de sol. Passou aquelle São João; era esperar pelo outro...

No oratorio do santo, entretanto, nunca mais se extinguiu a chamma de uma vela. Mãe e filha, apenas, conheciam o sentido daquella devoção.

MARIO POPPE

ILLUSTRAÇÃO DE PAULO WERNECK

O MEU BALÃO

Raul Telles

EM meio á grande alegria do pessoal da fazenda, de todo o povo da villa, a minha alegria era maior do que todas: eu tinha um balão! Um balão maior do que eu, de seis gomos, feito de losangos verdes, vermelhos e amarellos. Meu pae o trouxéra da cidade, na noite do dia anterior, e deixára-o junto á minha cama, pendurado ao prego onde ficava preso o lampeão, para que eu o visse logo ao despertar.

Foi arrastando-o que sahi do quarto, pela manhã, e com elle passei o dia feliz, naquella vespera alegre de São João. Trepado ao peitoril da janella, ou encarapitado nos galhos baixos do tamarineiro, estive horas seguidas a sacudil-o ao vento, para ver o seu bojo encher-se e esvaziar-se alternadamente. Nada mais me interessou, naquelle dia, sinão o meu balão. Os parentes que chegavam, os fogos que eram empilhados no "aparador" da despensa, as espigas de milho que estavam sendo "despidas" para ser assadas durante a noite, nada me prendeu a attenção. Nem mesmo a fogueira que estavam armando e em cujo preparo eu collaborava, nos annos anteriores, carregando achas de lenha que me deixavam as mãos calejadas, foi capaz de me seduzir naquelle dia.

O meu balão era o mundo!...

Depois, mais tarde, alguem perguntou-me:

— Você não vae fazer "bucha" para o seu balão?

— Para que? — indaguei eu.

— Para elle subir.

— Este não sóbe; é de brinquedo...

— Sóbe... Vamos fazer uma "bucha".

E fizemos. Um pedaço de sacco, um pouco de breu e de sebo, e tinhamos preparado, com dois rolos da estranha mistura, uma cruz amarrada com arame, que foi mettida na bôcca escancarada do balão.

— Agora, — disse-me o meu socio, — vamos esperar pela noite, á hora em que accenderem a fogueira...

Ainda hoje eu me admiro da alegria com que recebi a noticia de que o meu balão tambem podia subir. Não era alegria por certo. Devia ser uma mistura de duvida e de espanto, qualquer coisa que me fez esperar justamente o que eu não desejava que acontecesse.

Continuei a namorar o meu idolo de papel fino, e o dia continuou a correr entre os aprestos para a noite.

Chegou a grande hora. Todos reunidos no terreiro amplo, accendeu-se a fogueira gigantesca, cujas labaredas, vermelhas, movediças, ganharam altura, como si quizessem ir lamber, lá no alto, o disco branco da lua que espalhava a poeira da sua luz mortiça por sobre o sertão pontilhado, aqui e além, pelo vermelho berrante dos fogos accesos á devoção do Precursor. Explodiam no ar os "rojões" poderosos e os balões andavam a correr por sobre a terra, subindo muito, como si os dominasse a ansia de alcançar as estrellas.

E, em meio á gritaria das criaturas e dos fogos, vendo balões que passavam levados pelo vento e outros que se queimavam em plena escalada, eu não me esquecia um só momento do meu brinquedo de papel de séda colorido que fôra deixado, propositadamente, pendurado no prego do lampeão do meu quarto. Mas alguem se lembrou:

— Vamos soltar o seu balão!

Só hoje eu posso definir a emoção que experimentei e que me poz nos labios uma desculpa tola:

— Elle não é de subir...

— E', vamos soltal-o!...

Em pouco o meu balão estava no terreiro, de bôcca aberta sobre a fogueira, para que a fumaça o enchesse, tendo os gomos seguros por mãos que pareciam profanál-o. Depois, uma luz brilhou dentro delle, o seu envolucro esticou-se, illuminado, as mãos soltaram-no, elle se baloiçou um momento, e começou a subir. Um "rojão" acompanhou-o, riscando a noite de um chuvisco de fogo; eu senti que um soluço me vinha á garganta, emquanto o pessoal, em redor, explodia em palmas e gritos.

Com que pena fiquei a olhar, cá de baixo, o meu brinquedo de papel fino que subia! Segui, com os olhos cheios d'agua, a trajectoria da bôcca de fogo que corria, até que ella se perdeu entre os outros fogos que, fugidos da terra ou fixos no céo, pontilhavam a noite.

Esperei muito tempo, chorando, encostado á parede da casa da fazenda, o meu balão, o unico que tive. A fogueira grande apagou-se, os "rojões" foram diminuindo até silenciarem por completo, a noite amortalhou na bruma da madrugada a alegria do sertão, mas o meu balão não voltou mais. Não o encontrei nem mesmo pela manhã, quando sahi a percorrer o campo. Havia lá muitos balões, humedecidos pelo orvalho e ennegrecidos pela fumaça; mas nenhum delles era o meu...

Hoje, eu sei que a felicidade, nas mãos dos homens, é, muitas vezes, como aquelle presente da minha infancia distante: enche um dia e foge ao anoitecer. E eu tenho médo de ser feliz. Não vá a sorte me dar, como presente da São João, um bem que dure um dia e deixe uma vida inteira de saudade...

A COMEDIA FRANCEZA NO MUNICIPAL

Sylvio Piergili e Salvatore Ruberti, os dois esforçados directores artísticos da Empresa Theatral Concessionária do Theatro Municipal, vão brindar os frequentadores da nossa primeira casa de espectaculos com a grande Companhia Dramatica Franceza, que estreará nos primeiros dias do mez de Julho proximo. Do elenco fazem parte, além de uma das rainhas da scena dramatica do nosso tempo — Germaine Dermoz, creadora de tanta cousa bella, e ainda ha pouco de «La folie du logis», um dos maiores triumphos da sua gloriosa carreira, artista que todo o Rio conhece e applaude, avultam outras figuras de notável e reconhecido valor. Taes: Isabelle Andersen, «Jeune premiere», laureada do Conservatorio de Paris, actualmente do elenco do Theatro Odeon, onde trabalha ha 5 annos; Solange Moreb, grande esperança do theatro da vanguarda, «vedette» do Theatro du Marais, creadora de «Mal de la Jeunesse», «Avril» e «L'Envers vaut l'Endroit»; Pierre Magnier, primeiro actor central do elenco, antigo director do Theatre de la Porte St. Martin, successor de Coquelin na interpretação do «Cyrano», de Rostand, e creador no Municipal do papel central da peça «Berenice», de Roberto Gomes; Jean Marchab, ex-pensionista da «Comédia Franceza», um dos valores novos do theatro contemporaneo, «Jeune premier», nome de cartaz actualmente nos theatros do «Boulevard». São as photographias dos illustres artistas que ornam a nossa pagina, e onde figuram na ordem em que as vimos de enumerar. No medalhão: Germaine Dermox.

A Associação Brasileira de Imprensa acaba de escolher, em concorrido pleito, que despertou o maior interesse na grande classe dos jornalistas, o seu delegado-eleitor á Convenção Nacional. Na eleição procedida no ultimo sabbado, na séde da A. B. I., sahiu victorioso o dr. Herbert Moses, que reuniu 204 suffragios numa votação de 267. O delegado-eleitor da Associação Brasileira de Imprensa irá concorrer, no pleito de julho, como candidato da classe que representa, a uma das trez vagas destinadas ás profissões liberaes. A photographia de cima focaliza um grupo dos jornalistas presentes.

Os univercitários pernambucanos que visitam esta capital na séde da Associação Brasileira de Imprensa, onde foram recebidos pelo presidente e alguns membros do conselho deliberativo da A. B. I.

DO REMORSO

E' inacreditável que todos quantos contribuiram para o prejuizo moral ou material do seu semelhante tenham remorso.

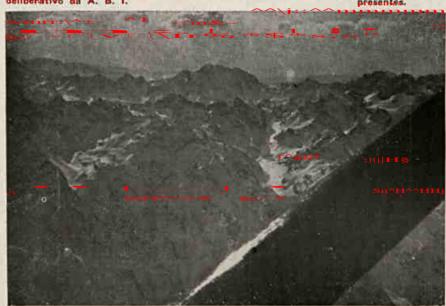
Arrepender-se em determinados casos é caminhar para a perfeição.

Conheço pessôas que estão encanecendo na pratica da maldade, e nas quaes nunca vislumbrei a menor parcella de arrependimento. Fizeram o mal, continuam a praticál-o e persistirão nelle, como si fôsse o acto mais licito e racional do mundo.

O remorso nunca lhes passou pela consciencia...

A que se poderá attribuir tão grande anormalidade?

Ha quem se julgue possuidor de um caracter especial, capaz de supplantar a propria razão.

ALEXANDRE PASSOS

Os serviços prestados ao Correio Aereo Sul Americano pela Cie. Aeropostale accentuam-se dia a dia pela sua efficiencia. Aqui damos o «survol» da Cordilheira dos Andes pelo piloto Guillaumet, que mantem semanalmente o correio de Santiago a Buenos-Aires.

JUNHO, O FRIO, O AMÔR...

A cidade anda cheia de nevoa e de sonho. A nevoa é, mesmo, a maneira, que a Terra tem, de sonhar... A bruma é a philosophia da atmosphera... A philosophia é a bruma do espirito...

Ha um frio immenso ankylosando os sêres e as cousas. As proprias fôlhas das arvores parecem tiritar — de mêdo... Toda vez que o sol se affasta, a Natureza entra em colapso. Dizem os sabios que a Terra morrerá, um dia, envolta num immenso sudario de gelo. Isso será daqui a milhões de annos... Até lá, muitas fôlhas seccas hão de cahir, e muitas flôres vivas hão de murchar...

Creio no Sol, como creio em Deus. Ambos são realidades luminosas e brilhantes. Ambos aquecem os mundos e as intelligencias. O descrente é um ser ás escuras. E, na sua alma, ha um frio eterno...

Gosto de junho porque é o mez das fogueiras e dos balões. Nada mais poetico do que um balão que sobe... Nada mais consoladôr do que uma chamma que se ateia... Sem a fogueira e sem o balão, que seria de ti, pobre mez de Yokanaan, tão frio, tão frio?...

Estas noites enluaradas de junho lembram um diluvio de lagrimas num fim de romance e de sônho...

A luz do luar é, de certa fórma, uma especie de luz embalsamada. Vem de um planeta defuncto... E' a luz da saudade e da morte. Que é a saudade, afinal, sinão um sentimento morto — que a imaginação quer, por força, reviver?

Em junho, tudo é propicio ao amôr... Ha frio e ha nevoa. O amôr dá-se bem nos ambientes brumosos, em que todas as cousas se dispersam em contornos vagos e sombras lentas. O amôr, como o morcego, teme a Luz... A Luz é um afugentadôr de illusões...

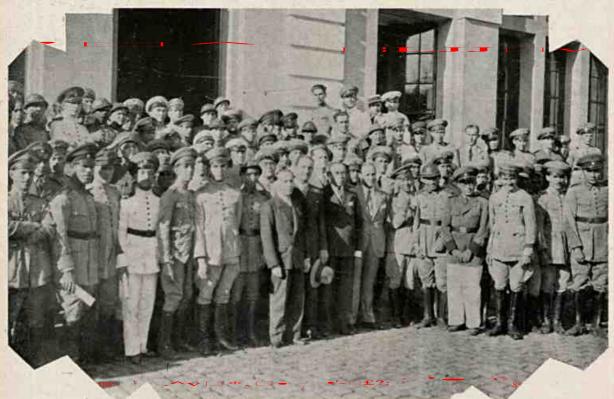
Não é o frio uma ausencia, como a saudade?... Não é uma negação, como a sombra?...

São João veiu annunciar, entre os homens, a vinda do Messias. Muitos pensavam que elle era o Christo... Mas João, santamente, limpamente, disse a Verdade... Não quiz usurpar o lugar do Senhor... E essa honestidade ainda hoje impressiona os homens. Dahi — quem sabe? — os balões... Dahi, talvez, as fogueiras...

Junho, mez do amôr, mez do luar... Como és bonito para os que aindam têm o divino privilegio do sonho! Para mim, as fogueiras já não são assim formosas — depois que vi, sob a ardencia viva da chamma, a realidade fria da Cinza...

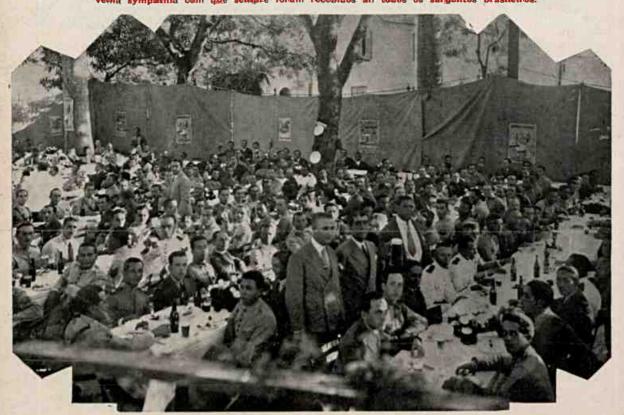
E o amôr? Chamma breve, que logo morre... E a saudade? Cinza longa, que sempre fica...

BERILO NEVES

A Companhia Hanseatica e uma festa de confraternização dos nossos sargentos

Foi bem uma festa de confraternização dos sargentos do Exercito, da Marinha, do Corpo de Bombeiros e da Policia Militar do Districto Federal a grande reunião promovida pela Companhia Hanseatica, no parque de sua fabrica da rua José Hygino, em homenagem á gloriosa classe dos officiaes inferiores dessas corporações militares. Varias centenas de sargentos brasileiros alli se reuniram para o banquete que a Companhia Hanseatica lhes offereceu e do qual offerecemos, nesta pagina, dois aspectos bem expressivos da cordialidade reinante nessa festa de militares. O sr. Joaquim Nepomuceno de Moura, director-presidente da Hanseatica, disse algumas palavras em nome da Companhia, offerecendo a festa e realçando a velha sympathia com que sempre foram recebidos alli todos os sargentos brasileiros.

São João na Roça

Por Gilberto Veiga

Illust. de Edgard

ERA vespera de S. João. A fazenda vivia um dia intensamente agitado e feliz. Andava em tudo e em todos um reboliço gostoso, um vae-e-vem continuo, prenuncio de uma noitada alegre e descuidada. Cêdo ainda, a caboclada, aprestando-se para a feira na villa, examinava a prima das violas a ver si necessitava substituil-a, e dava uma olhadella na copia de polvora para os clavinotes, os bôccas de sino. Os filhos do fazendeiro, uma inquietação risonha no olhar, uma ansia incontida a morder-lhes os coraçõesinhos juvenis, iam erguendo castellos de esperança que se substituíam por castellos de illusões, na espectativa das brincadeiras da noite. E o dia corria, assim, repleto de contentamento e de ansiedade.

Ao cahir da tarde, tudo estava prompto. A fogueira erguia-se altaneira em frente á porta e, não menos imponente, ao lado da lenha empilhada, o ramo enfeitado de fructos e de flores. O terreiro limpo aguardava os pés ágeis dos aggregados e dos cabras, para os requebros sensuaes e doidos, ao batuque dos pandeiros e ao chôro das violas. Havia uma palpitação maior nos galhos e uma felicidade ingênua e simples na alma das crianças e no coração dos homens. Aos poucos, quasi toda gente, de volta da feira, vinha reunir-se na casa da fazenda. O patrão acolhia-a indistinctamente. Eram o diarista pobre com sua fatiota nova, o aggregado meio vaidoso, julgando-se quasi senhor do seu nariz, emfim, o moço, o velho, o branco, o preto, o remediado, o paupérrimo, todas essas criaturas que, recebidas de modo igual, de camarada para camarada, se sentiam venturosos e contentes. Todos se achavam á vontade, sem as peias do respeito forçado.

D. Philomena, a senhora do patrão, um sorriso permanente a lhe enfeitar os lábios bondosos, andava numa dobadoura. Desdobrava-se em gentilezas, em carinhos, dizia uma graça a este, censurava aquelle por não haver trazido a outra metade, interrogava a outro pelo casorio, quando dava os doces... O ambiente era de franca amizade e de grandes alegrias. "Ninguém tem o direito de ficar triste na bonita noite do Senhor S. João!" — dizia âquelle que mostrava o semblante menos risonho, menos expansivo.

• • •

— Tá na hora de accêndê a foguêra! — grita um pretinho de voz esganiçada.

Todos sahem de casa, correndo. Vão assistir, cheios de commoção e respeito, ao dançar das labarêdas pelas achas sêccas. Súbito, quando o fogo vae ganhando terreno na madeira resinosa e de lei, uma girandola de foguetes chia e os coriscos riscam os ares friorentos, bordando os céus de laminas prateadas. Rompe, então, de todas as bôccas, num côro unisono e grandioso, um viva a S. João que dorme! E a noite vae seguindo, rápida demais, na fugacidade das horas felizes...

Altas horas. O enthusiasmo redobra. As bombas, os bitsca-pés, as bichas, os fogos de salão, na sua bonita e variada infinidade, estouram e riscam, chiam e se retorcem, secundados pelas ronqueiras, pelos clavinotes carregados pela bôcca. São os morteiros. O éco dos tiros formidáveis vae de quebrada em quebrada, como a annunciar pelos arredores o prazer que sacode a alma dos festeiros.

Em tôrno da fogueira, já meio derribada pela inclemencia das chammas, os meninos e os velhos assam bellas espigas de milho verde. Na sala de visitas, ampla e vasta, uma harmônica abre e fecha os pulmões de papelão, enchendo o espaço de valsas langorosas e polkas dolentes. De quando em vez, um gramophone fanhoso, rouquenho, com sua grande trompa vermelha, quebra a simplicidade do ambiente, dizendo coisas que lembram o progresso, tocando musicas civilizadas.

A mesa da sala de jantar, capaz de abrigar, commodamente, vinte ou trinta pessôas, está repleta de arroz-doce, de cangica, de dôces de côco de todos os feitios e do infallivel e saboroso licôr de genipapo, que brilha, convidativamente, através das garrafas polidas e limpas.

Um facto triste e desagradavel veiu quebrar, de súbito, a alegria immensa.

Em frente á rancharia, a caboclada se desmanchava no samba gostoso e quente. Os pandeiros e as violas rufflavam e gemiam desesperadamente. As caboclas, grandes saias de chita recobertas de babados, se desengonçavam em requebros sensuaes. Cresciam para o preferido num corta-jaca miudinho e compassado e, elevando-se ás pontas dos pés, davam no cabra um bahú provocante e bom.

Foi num desses desafios que Virgulina, a mais

(Conclúe na pag. 63

A TRISTEZA do CABOCLO

SEVERINO SILVA

DAS montarias que desciam o igarapé eram olhares estranhos para a fogueirinha pobre, que ardia no alto do barranco. Ali morava, só, na sua barraca, o caboclo Vicente. A folhagem do matto, que quasi entrava pela barraca, sorria, ao brilho e á quentura da fogueira de S. João. Na agua mansa, que os remos alvoroçavam, a fogueira estirava linguas rubras.

As montarias iam descendo... Vozes festivas, cantigas da "Capelinha de melão", saudações brejeiras accordavam fremitos na agua e na selva.

No terreiro das barracas, á beira do igarapé, crepitavam fogueiras, meninos e moças saltavam e riam. Corações ardentes latejavam em peitos namorados. E, em torno das chammas, eram compadres, eram comadres...

— Bôa noite, comadre!

— Bôa noite, compadre!

Todas as barracas estavam alegres. A fogueira do caboclo queimava sózinha.

Não se via ninguem.

Quem mais se intrigou com aquillo foi o cearense Carólino, o "Caró", amigo de Vicente, com quem trabalhára, a safra passada, nos castanhaes do coronel Santa Rosa.

Como toda a gente, lá ia, igarapé abaixo, o Caró demandando a fazenda do coronel. De bôcca em bôcca andava a noticia de que aquella noite seria a mais bonita das festas na fazenda do patrão. Toda gente era feliz naquella casa.

Homem bom, amigo de todos, o coronel Santa Rosa era a alegria em pessôa. Aquella hora, já o estouro de foguetes e *ronqueiras*, mais insistente, alarmava o espaço. Já o rythmo dos tambores dos caboclos da fazenda resoava pela floresta e pelas aguas.

Caró vinha remando devagar. A montaria deslisava suave e quasi não se ouvia o barulho do remo na agua.

Defrontando a casa do Vicente, olhou, attentou e não viu ninguem.

— Vicente! Oh! Vicente!

Nada de resposta. Aproou a montaria para o barranco. Amarrou-a e subiu. Fechada a porta da barraca.

— Vicente! Que está fazendo, *cunhado?*

— Quem é?...

— Então você não sabe que é o Caró, homem? Deixa a rêde e vamos p'ra a festa! Levanta!

Abriu-se a porta da barraca e aos olhos pasmados de Caró surgiu, quasi um esqueleto, triste, o olhar á tôa, aquelle caboclo Vicente, que elle conhecêra herculeo e jovial, nos trabalhos mais rudes e nas *folias* mais prolongadas.

— Mas qu'é que *tu* tem, Vicente?

O caboclo fitou o amigo, franziu no rosto uma careta tragica, e não disse nada.

— Falla, homem! Tu 'stá doente, se acabando aqui sózinho...

— Não é doença, Caró, é desgraça. Aqui só espero a morte!

— Ih! homem... Que conversa! Logo neste dia, tu com essas coisas tristes?!

— Mas *tu* não sabe que Maria Rita morreu afogada, na noite de São João, o anno passado? E *tu* não sabe, Caró, que eu gostava della e queria casar com ella?

— Sim, sim.

— E como é que eu posso viver sem Maria Rita? Ah! Honorato!... Honorato!...

— Que Honorato?...

— Tu não sabe, Caró, que Honorato é a "cobra grande", que se desencanta e vem p'ra as festas dançar, e dançar sem se cançar e, á meia noite, desapparece?...

— Ora, Vicente!...

— E' certo, sim... E' certo, Caró. Eu vou te contar. A festa estava numa animação que só visto. Maria Rita era a mais bonita de todas as moças da festa: Nunca vi *pripioca* cheirar tanto como nos cabellos della. P'ra dançar só Maria Rita. E eu só dancei com ella. Toda gente bateu palmas quando nós dois, naquella sala grande do coronel, dançámos tres vezes o *lundum*. Foi um successo, e tanta inveja, Caró... Depois do nosso "lundum", a orchestra tocou uma valsa. Quando eu reparei, Maria Rita estava dançando com um rapaz bonito, louro, dos olhos azues... Toda gente olhou espantada. Maria Rita dançava numa alegria, olhando o moço, e tão satisfeita, tão contente que eu fiquei pensando... Era o Honorato... A' meia noite, desappareceu que foi um mysterio.

(*Conclue na pag.* 63)

A MULHER CHIC

(Photos especiaes para FON - FON).

Creações Jean Patou

Em cima: Toque de paille blanche tressé.

Em baixo: Jersey marron. Ensemble des accessoires en pécari.

Clarinha das rendas de hoje... por MARIO SETTE

QUEM lê um romance, ou uma novella, fica ás vezes pensando na realidade da existencia das personagens.

Muitas dellas são de facto o reflexo de creaturas viventes, porém outras sahem puramente da imaginação do autor.

Todavia, o que foi simples sonho do escriptor teima em parecer figura real a quem leu o livro, a ponto de serem feitas indagações mais ou menos curiosas e insistentes, com laivos de desconfiança e maldade... Na vida dos romancistas isso é commum. Quando publicámos "A Filha de D. Sinhá", andaram em Carurú attribuindo a identidade de *Lucia do Prado* a uma porção de senhoras moças e viuvas daquella cidade. E, entretanto, ella era do livro uma das personagens que não lembravam typos reaes da terra...

Mais interessante, porém, é quando o proprio novellista se deixa captivar igualmente por essa illusão. Ideado o typo e localizado numa certa região, não consegue o creador ali voltar sem que se entregue á phantasia de querer encontrar a sua creação, como si ella tivéra mesmo o seu logar no mundo...

De mim confesso: esse phenomeno me é commum.

Quando estou, em villegiatura, em Carurú, gosto de andar a pé, pelas estradas afóra. Talvez para fazer o contraste com o uso excessivo dos bondes nas capitaes. E não prolongo esses passeios para os lados do Cedro sem julgar ir rever numa daquellas casinhas de taipa do pittoresco povoado das rendeiras, sentada deante da almofada, a Maria Clara do tio Zeca, a Clarinha das rendas da minha triste e modesta novella que Olavo Bilac, por ser mesmo triste e humilde, quiz ouvir, relida pela irmã, horas antes de morrer.

Vou Riachão a dentro, galgo o Alto da Balança, atravesso os bosqueados de avelozes, sórvo o cheiro dos velameiros, olho a peregrinação suave do Ipojuca, recebo saudações de matutos, ouço meu nome nas suas bôccas amigas, e, vencida a meia legua do caminho, entro pelo Cedro.

Sempre o mesmo o povoado. Casinholas de um lado e outro. Umas caiadas, outras sem rebôco. A capellinha das almas. Um sobrado de taipa. A escola publica. A linha ferrea do alto...

E o estalar dos bilros em todos aquelles tectos humildes.

Lembro-me de Clarinha.

Estará ali á espera do noivo, tecendo uma nova renda de noivado? Tossirá muito, presa da tuberculose?

Meus olhos se esgueiram para os interiores numa curiosidade que as mulheres e mocinhas traduzem talvez como sendo de um arguto comprador de rendas. E logo me sorriem, mostram-me as almofadas, convidam-me para apreciar os trabalhos...

Da ultima vez em que estive no Cedro, por signal numa lindissima tarde em que havia sol que parecia de Dezembro e um frio que era verdadeiramente de Junho, descobri numa salazinha de frente, defronte da almofada, e tangendo agilmente os bilros, uma rapariga de seus 18 annos, de boniteza agreste, cabellos longos e negros, côr morena, vestindo um voile côr de rosa já meio desbotado. Era assim mesmo que eu imaginava a minha Maria Clara. Assim mesmo.

Parei. Sorriu-me lisonjeada de ver-me admirando o seu trabalho. Fazia applicações. Um punhado dellas, promptas, ao lado, numa caixa de papelão. Cestas, flôres, borboletas...

Como levasse commigo uma pequena machina photographica, pedi-lhe que me deixasse tirar o seu retrato. Relutou a principio, mas depois acquiesceu. Levantou-se da esteira em que estava sentada. Fez menção de ir guardar a almofada. Fiz-lhe ver, porém, que o retrato seria fazendo renda.

E logo uma negativa peremptoria:

— Assim, inhor não.

— Por que?

— Inhor não. E' muito feio.

Uma velha, lá dentro, ratificou a negativa da filha ou da neta:

— Mesmo que ella quizesse, eu não deixava.

Toda a minha illusão de romancista se desvaneceu num instante. Desisti. Deixei-a talvez decepcionada de não ter o seu retrato. Voltei á cidade meio triste. O crepusculo ia cahindo...

A minha Clarinha das rendas com vergonha de se photographar fazendo as suas lindas rendas! Com vergonha de ser rendeira! Ella tão ciumenta, outrora, dos seus dedos...

Talvez preferisse uma *póse* banal, com uma faixa ridicula de "Miss Cedro"...

«Fon-Fon» no cinema

DEPOIS que rezam a Daibutsu, o grande Buddha, pela felicidade de Cho-cho, sua mãe e seu avô vão leval-a á casa de *geishas* que Goro dirige. E tão depressa repara este na belleza da donzella, logo lhe antevê um futuro risonho, mediante o casamento com algum dos ricos clientes que frequentam o estabelecimento. E assim se restabelecerá a fortuna da familia.

Os tenentes Pinkerton e Barton divertem-se em casa de Goro, em companhia das *geishas*. Tanto se deslumbra o primeiro pela formosura de Cho-cho, que se dá pressa em perseguil-a no jardim onde esse primeiro encontro interrompe os deveres a que a menina tinha que attender. E Goro intervém, ponderando á donzella que, abandonando o rico cliente a quem servia, ella perdeu a opportunidade de conseguir um bom casamento.

Mas bem se importa com isso Cho-cho, absorvida na felicidade do seu amor por Pinkerton, encantado, por sua parte, com a fascinação, com a deliciosa ingenuidade da mocinha japoneza!

Ella quer casar?! Pois bem: casará com ella! No Japão, pensa, é só abandonar a esposa e o divorcio é automatico...

Uma casinha graciosa, onde os serve Suzuki, é o ninho de amor onde Pinkerton se delicia na companhia da amorosa *geisha* a quem agora chama Madame Butterfly. E a felicidade dos dois continúa até o dia em que a *geisha* descobre na mala do tenente uma photographia de mulher. Pouco depois, o cruzador em que Pinkerton serve recebe ordem de partir, mas o official guarda-se bem de o dizer á *geisha*. Surprehende-lhe ella o segredo. Ma[illegible] Pinkerton a tranquilliza promettendo-lhe voltar quando os pinta-roxos aninharem de novo.

— Quando os pinta-roxos aninharem de novo, — repete Cho-cho.

Trez vezes os pinto-roxos se recolhem aos ninhos e Cho-cho debalde espera pelo regresso de seu esposo, em companhia do menino que d'elle houve. Soffre resignadamente a pobre *geisha*, e a esse tempo, de volta á sua terra natal, rejubila Pinkerton, casado de novo

MADAME BUTTERFLY

Da PARAMOUNT

Com Sylvia Sidney

e

Gary Grant

(Conclue na pag. 56)

COMO DIREI A MEU MARIDO?

PRODUCÇÃO UFA

com Renate Muller e Ida Wust

EMQUANTO o marido, o meticuloso e importante director Hans Oltendorff, andava a debater num Congresso qualquer these importante para os destinos da sociedade moderna, sua esposa, a loura e graciosa Charlotte, resolveu, a convite de uma velha amiga, gozar um pouco da liberdade que a ausencia do marido lhe porporcionava, numa praia de banhos... Coisa muito simples, mas que veiu a constituir, depois, para a dedicada esposa, um verdadeiro "callo" na consciencia. A amiga, cuja experiencia matrimonial através as peripecias de dois divorcios lhe ensinára a conhecer melhor os homens e as suas esquisitices, era da opinião que Charlotte nada devia contar ao marido do que fizéra na sua ausencia... Mas a joven considerava tal attitude um principio de infidelidade. Désse no que désse, contaria ao marido que estivéra numa praia de banho a divertir-se... Claro que a sua fuga de casa nada encerrava de mal. Uma excursão maritima, alguns mergulhos, brincadeiras innocentes na praia... e o regresso immediato á casa, com o cerebrozinho cheio de arrependimento... O diabo é que, no caminho, a mala azul que continha um lindo "pyjama" amarello, da esposa transfuga, deu para escorregar do automovel e deixar-se ficar, quieta, em plena estrada, com uma vontade doida de complicar aquella simples excursão. Pouco depois, um latagão, proprietario de uma escola de "chauffeur", passando pelo local, encontrou no seu minúsculo automovel de passeio, encontrou a pobre mala abandonada e resolveu leval-a comsigo á espera de uma possivel gratificação por parte de quem a perdêra. Isto significa o começo de um "embroglio" dos diabos... O afortunado descobridor de objectos perdidos era casado com uma morena perigosissima... Até ahi nada de mais. O peor é que essa creatura vampiresca encontrára numa viagem de trem um typo circumspecto, meticuloso e importante — seu vizinho de cabine, com o qual iniciára um "flirt" com todos os inconvenientes e perigos de semelhantes aventuras. E o vizinho, a pretexto de lhe receitar uma dose de valeriana, se não mostrára de todo insensivel aos seus encantos morenos... Ora, esse D. Juan ferroviario era, nada mais, nada menos, que o marido de Charlotte, o impeccavel director Hans Oltendorff, que voltava cheio de glorias do Congresso onde sua intelligencia prodigiosa viéra de conquistar os maiores applausos.

Com esses elementos de "vaudeville", o destino preparava-se para armar a tempestade conjugal que devia desabar momentos depois no lar pacatissimo de Charlotte. Esta viu chegar o marido com o coraçãozinho a tremer todo dentro do peito. Poz nos labios o melhor dos sorrisos para recebêl-o e submetteu-se, inquieta, ao interrogatorio minucioso a que o marido a sujeitava sempre que regressava de uma viagem. Elle achou-a queimada de sol. Ella mentiu-lhe dizendo que se deixara ficar na varanda um pouco mais do que devia. Elle recriminou-a porque se esquecêra de fechar as janellas. Devia estar farta de saber que as correntes de ar lhe faziam mal á garganta. Ella desculpou-se, humildemente. Contou-lhe depois, o marido, minuciosamente, detalhes do Congresso e omittiu prudentemente a sua aventura no trem com a tal morena inflammavel... Charlotte, por sua vez, divertiu-o com o relato minucioso de picuinhas domesticas, incidentes insignificantes a que as donas de casa prestam uma importancia desmedida e... nada

Concl. na pag. 56

O Involuntario da Patria

(PRIVATE JONES)

Da UNIVERSAL com Lee Tracy, Gloria Stuart, Donald Cook e Shirley Grey

BILL JONES não desejava, por nada deste mundo, ser incluido no exercito. Não que lhe fizesse mêdo a farda, ou que o assustassem os perigos da guerra; mas elle não desejava deixar no abandono a velha mãe, a unica pessôa no mundo que lhe queria bem e que o comprehendia.

Tambem á velha não agradava a idéa de se separar do filho e, por isso, ella foi ao extremo de arranjar dois attestados falsos, um de um medico, provando a incapacidade physica do rapaz, e outro de uma casa commercial, que apresentava Bill como seu empregado e arrimo unico da mãe viuva.

Mas as autoridades do Recrutamento chegaram a descobrir que os attestados eram falsos e foram em busca do fugitivo. A noticia, dada de chofre, matou a mãe de Bill, roubando ao joven o unico enthusiasmo que o prendia á vida e elle, desanimado, acceitou a partida para a França como um meio facil de abandonar a vida e de esquecer os pesares que o castigavam.

Em França, Bill Jones foi incluido na companhia do tenente Gregg, um joven que lhe queria mal porque tinha sido por elle desautorado no momento da inscripção nas fileiras. Para augmentar a inimizade devotada por Gregg a Jones, um outro motivo appareceu: o tenente estava apaixonado por Mary, uma enfermeira da tropa, e a menina, ao invés de corresponder ás attenções do rapaz, devotava-se toda a Jones, de quem ella se compadecia e por quem se desvelava dedicadamente.

Para Bill Jones a loura pequena era a unica suavidade que elle encontrava naquelle meio hostil, sem amigos e sem parentes, sem uma carta que lhe attenuasse as saudades, sem dinheiro até mesmo para os cigarros. Mary dava-lhe tudo: amizade, carinho, cuidado, cigarros e sorrisos, chegando mesmo a manter uma correspondencia com o rapaz, só para vêl-o menos triste.

Um dia, já nas trincheiras, Bill Jones foi chamado para, juntamente com o tenente Gregg, ir fazer um reconhecimento.

De rastros, occultando-se, lá se foram os dois por entre cercas de arame farpado, caminho da zona inimiga. Gregg, aborrecido com o companheiro que lhe roubára a namorada, sentia-se feliz em castigar Bill, pensando que elle tinha mêdo.

O bombardeio começou, repentinamente. Os dois exploradores metteram-se num buraco de granada, para se occultar. Veiu depois o ataque dos allemães e elles foram feitos prisioneiros.

Deante dos chefes do exercito inimigo, Gregg manteve a linha de um silencio immutavel. Mas viu, com es-

(Continúa na pagina 58)

Tres expressões
de
Carole
Lombard
Sensualidade.
Orgulho.
Duvida.
da
PARAMOUNT

LOUCURAS DE MONTE CARLO

com
Anna Sten
Hans Albers
Heinz Rühmann
no
ALHAMBRA
a 26 de Junho

MONTE CARLO!

Uma rainha bonita e caprichosa... Um capitão audacioso... Um tango... e, depois disso o amôr... e toda uma série enorme de loucuras...

Ella queria ser amada por um ladrão romantico... O marido não lhe ligava importancia... Preferia fabricar bonecas mecanicas... Mas quando o typo que a esposa idealizava, appareceu, elle fez tudo para apanhál-a em flagrante delicto!...

— ALHAMBRA 10 DE JULHO —

Lilian Harvey

FLAGRANTE DELICTO

Willy Fritsch

COMO DIREI A MEU MARIDO?

(Conclusão)

lhe disse a respeito do "pyjama" que perdêra em caminho, de volta da praia de banhos...

Emquanto isso, Lissy — a morena do trem — encontra dentro de uma valise azul, que o seu marido trouxéra da rua, um "pyjama" feminino, côr de canario belga em plena muda... Quem tem culpas no cartorio julga os outros por si. O marido era um biltre, pensou logo a estouvada morena. Aproveitára-lhe a ausencia para cahir na "farra"... Ali estava a prova do "crime", naquelle tentador pyjama que, pelo bom gosto do modelo e pela qualidade da sêda, devia pertencer a alguma creatura de destaque social... Mulher ciumenta enxerga mais do que vinte Argos juntos... Um endereço encontrado na mala e a coincidencia do retrato de um congressista publicado num jornal do dia deram á ciumenta Lissy a certeza de que o marido se fizéra de engraçado com a esposa mesma daquelle individuo circumspecto e sympathico que lhe arrastava a aza no trem e lhe offerecêra, ao envés de uma taça de "champagne", algumas gottas de valeriana. Valia a pena tirar partido da situação. Qual não foi o pasmo de Hans ao receber a visita inesperada e comprommettedora daquella mulherzinha perigosa e maior ainda a sua surpresa quando esta lhe esfregou no nariz o "pyjama" de sua propria esposa, da obediente Charlotte, que elle nem de longe imaginava fosse capaz de um máo passo. Mas, deante daquella prova esmagadora, a dolorosa "verdade" lhe entram pelos olhos a dentro. O congressista, de quem os jornaes tanto falavam naquelle dia, commentando o successo da sua these, trahido miseravelmente pela esposa! Quando Charlotte chega, elle a recebe com uma physionomia propria de marido ultrajado. Ella, que não tinha a consciencia a accusál-a e falta alguma, não liga muita importancia ao seu aspecto. E quando o marido lhe pergunta, com uma inflexão tragica na voz, onde estava o "pyjama" amarello que ella antes costumava usar, Charlotte vae buscál-o tranquillamente. E' que tivéra o cuidado de comprar um, semelhante, em tudo, ao que perdêra. Mas, ao mostrál-o ao marido, qual não foi o seu pasmo ao ver que esta lhe exhibia, por sua vez, um outro "pyjama" amarello, aquelle que, realmente, ficára abandonado na estrada dentro da fatidica mala azul...

Hans tem, agora, plena certeza. A mulher o enganára. Chama um advogado para divorciar-se. Separam-se os esposos emquanto o processo se inicia... mas, o amor é uma verdadeira caixa de surpresas... Charlotte não póde dormir sem pensar no marido. Este concilia o somno noites a fio, com a imagem da esposa a atormentar-lhe os pensamentos... Afinal, tudo acaba como deve acabar. A verdade surge quando menos se espera. O "embroglio" se desfaz. Uma nova lua de mel se inicia... Agora um conselho de amigo ás esposas que se valem da ausencia dos maridos para um passeio innocente a uma praia de banhos: não percam pelo caminho os seus "pyjamas" e outras peças intimas, igualmente compromettedoras... para que depois não as atormente a angustiosa pergunta: "Como direi ao meu marido?"

MADAME BUTTERFLY

(Conclusão)

com a linda moça cuja photographia foi a primeira nuvem que turvou os amores de Cho-cho.

A frota americana, mezes depois, visita de novo o porto japonez, onde Pinkerton conheceu o amôr da sua Butterfly. Vestida com as suas mais lindas roupas, aguarda Butterfly a chegada do esposo. E os dias que se findam nas noites, e as noites que morrem com as auroras encontram-na esperando...

Pinkerton chega afinal, pesaroso da immensa dôr de que foi causa. Acompanha-o uma mulher, a mesma da photographia que Cho-cho descobriu. E não são precisas explicações:

Eu já sabia, — diz Cho-cho ao official, despedindo-o.

De volta á casa, ella despacha o filhinho com Suzuki, para que o leve á casa do avô, onde se creára como um Samurai. E então, sózinha, empunha a espada, graças á qual seu pae morrêra com honra, e pede-lhe a salve de uma vida na deshonra.

O acto passa-se em segundos e, arquejante, a pobre geisha rola sobre a cadeira predilecta do homem do seu amôr. E, de braços alçados, como si os levantasse para aquelle que tantas vezes ali se deliciára com ella, Cho-cho soluça:

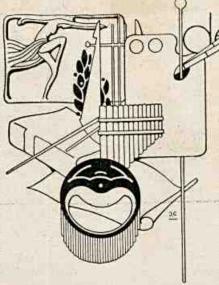
— Nunca, nunca hei-de deixar de te amar!

Notas de ARTE

COMPANHIA DRAMATICA BRASILEIRA — JAYME COSTA. — Em 5ª recita de assignatura, deu-nos a C. D. B. J. C. a peça de Benjamin Costallat, *Loucura Sentimental*, extrahida do romance homonymo do mesmo autor e a que este subdenominou—*Visão scenica em 15 aspectos da vida moderna*. Figuram nella 18 personagens. Representou-a toda a Companhia.

A paixão e a morte de Mario Alberto é, em synthese, a *Loucura Sentimental*.

Mario Alberto (Jayme Costa), que se casara sem amor com a filha de um ricaço, enviuvára herdeiro de immensa fortuna e de um filho, Luizinho (a menina E. Oliveira), que era educado por Mira, uma governante ingleza (Nathalia Aragão). Fundamentalmente bom e honesto, vivia entediado dos gozos que usufruia á custa da fortuna. Nunca amara. Mas um dia no meio da existencia agitada e dissipadora encontra numa festa a Gilda (Olga Navarro), uma viuva joven, bella e de má fama, que já conhecia de longa data. A viuva tenta seduzil-o, seduz-o e foge. O sentimento que ella lhe despertara não era o mesmo que costumavam despertar as outras mulheres; não era só desejo, era tambem ternura. A alma nobre, o coração altruista de Mario Alberto, tantas vezes revelado nos beneficios que distribuia a mancheias, apesar dos conselhos de Lourenço (Ferreira Maia), o velho procurador e amigo do seu fallecido sogro, e que, havia pouco, ainda uma vez patenteára, arrancando da miseria e da loucura, o ex-collega de Academia, Mauricio (Armando Rosas) — começou a soffrer do mal de amor, da angustia de amar sem ser amado. E o viuvo rico, para quem todos os amores eram faceis, não os quer mais: aspira só pelo amor e não pelos amores. No emtanto, a viuva é tambem amores e não amor. Gilda não era, nem podia ser o que o *louco sentimental* imaginava. E elle soffre, definha, adoece e morre. Morre de amor em pleno seculo materialista de box e de *foot-ball*, de mulheres que fumam e se masculinizam, morre como uma Dama das Camelias masculina, aguardando ansiosa o seu Armand Duval feminino, que afinal só chega depois de haver chegado a morte, e chega dos braços de Mauricio, de quem ha muito se tornára amante...

Através da dolorosa historia, desenrola-se tambem a tragicomedia dos vicios, que dantes minavam as inferiores e agora estão alluindo as camadas superiores da sociedade: o fumo, o alcool, a cocaina, o amor livre e toda a sorte de usos e costumes antisociaes, alguns até cynicamente justificados por essa sciencia sem consciencia, muito cultivada pelo materialismo de hoje, e a quem Rabelais chamava tão bem de — ruina da alma... Felizmente a vida social não é só essa. A verdadeira actualidade não é ella que a representa. O presente não se constitue desses parasitas, que o grande poeta italiano destina a *far letame*, sejam elles em grande numero, mesmo em maior numero; o presente é realmente formado pelo pugillo de almas em que o passado revive e que o transmitte conservado e melhorado para formação do futuro. O verdadeiro presente não é Gilda, mas Mario Alberto.

Embora mais litteraria que theatral, a *Loucura Sentimental* tem tres momentos dramaticos que realmente emocionam: o dialogo do 1º quadro entre Mario Alberto e Mauricio, a que deu grande realce Armando Rosas; a scena de seducção do quadro n.º 12 (3), vivido com intensa dramaticidade, com extraordinaria força communicativa por Olga Navarro, e a narração da Enfermeira, em que Lygia Sarmento foi impeccavel na expressão plastica e verbal. Pela sua arte fez grande a pequenez do papel.

Jayme Costa encarnou bem a principal personagem. São de registrar-se as scenas com o filho, especialmente a despedida final. Ouvimos que, na 2ª representação, o artista patricio deu a esta ultima scena extraordinario fulgor, commovendo até ás lagrimas a sensibilidade de alguns espectadores de ambos os sexos.

Além dos já citados, citemos tambem com especial destaque Ferreira Maia em Lourenço e Barbosa Junior em Arnaldo, e Nathalia Aragão em Mira.

Registremos ainda a bellissima montagem da peça e a disposição das scenas em dois sub-palcos armados dentro do palco, tendo cada um por

(*Continúa na pag. seguinte*)

panno de bocca uma cortina imitando as duas metades da capa do livro *Loucura Sentimental*, cujo dorso formava a separação dos dois sub-palcos. Bello, original e expressivo.

Com a representação de *Loucura Sentimental*, contou mais um successo a Comedia Brasileira, e o autor da peça mostrou que o romancista é comediographo tambem.

ADELINA KORYTKO. — Com o programma que abaixo reproduzimos — como habitualmente o fazemos, no intuito de tornar as nossas chroniquetas não só repositorio de summarias impressões de obras artisticas vistas ou ouvidas, mas tambem registro dessas obras — realizou a notavel cantora poloneza, sra. Adelina Korytko o seu 1º recital no Theatro Municipal, em a noite de 14 de junho, confirmando integralmente a fama de que veio precedida, através das criticas da imprensa de Varsovia, Moscou, Vienna, Berlim e Buenos-Aires. Foram estes os numeros cantados: I) MOZART — *Aria de Pamina*, da op. "A flauta encantada", e *Aria da Condessa*, da op. "As bodas de Figaro"; RIMSKY-KORSAKOFF — *Canção hindú* e *O rouxinol e a rosa*; LJAPUNOFF — *Canto de Sulamita* (em hebraico); GRETCHANINOFF — *Berceuse* e *O Passarito*; VERDI — *Fors'é lui* aria da op. "La Traviata;" II) KARLOWICZ SACHNOWSKY: *A primavera*; — 4 *Canções*; NIEWIADOMSKI — 2 *Canções*; GOUNOD — *Valsa*, da op. "Romeu e Julieta"; RESPIGHI — *Notte*, *Nevicata*, *Nebbie*; ZANELLA — *Il forestiero*, *Le nubi folli*; CARLOS GOMES — *Mia piccerella*, da op. "Salvatore Rosa".

Embora não tenhamos assistido sinão á 1ª parte do recital, que outro, ás mesmas horas, no I. N. M., nos obrigou a deixar o T. M. antes da 2ª parte, nem por isso apreciamos menos o bello exito da recitalista. Apuramos o ouvido para perceber-lhe qualquer falta. Nenhuma. A sua voz é igual em todos os registros, doce, malleavel, perfeitamente educada. O canto *piano*, que é

NOTAS DE ARTE

(Continuação)

o melhor gradimetro da valia real dos cantores, maneja-o com invulgar mestria. A's qualidades puramente vocaes, juntam-se predicados dramaticos que lhe avivam o esplendor canoro. Notamol-o especialmente na *Aria da Condessa* e em *Fors'é lui*. Mas a sensibilidade artistica, as bellezas vocaes e dramaticas não foram menores em os numeros de musica de camera. Attingiu mesmo a excepcional primor a interpretação da *Canção hindú*.

Não foi numeroso o auditorio do 1º recital, mas dado o grande exito é de esperar seja pequena a sala do Municipal para conter os que forem ouvir a cantora nos proximos concertos.

JULIETA TELLES DE MENEZES — Annuncia-se para a noite de 27 de junho no T. M. uma sensacional festa de arte: o recital de canto de Mme. Julieta Telles de Menezes, acompanhada ao piano pela sua gentissima filha Mlle. Yedda Telles de Menezes, "Miss Brasil 1933". Mme. Julieta Telles de Menezes é uma das poucas artistas brasileiras conhecidas e applaudidas fóra do Brasil. O publico e a critica de Montevidéo, Buenos Aires, Paris, Londres, Bruxellas e Berlim têm sido unanimes em louvar-lhes os valiosos dotes musicaes. Na convivencia espiritual de famosos compositores, como Ravel, Vuillermoz, Maurice Emmanuel, Canteloube, Mme. Béclard d'Harcourt e outros expoentes da musica franceza contemporanea, tem delles recebido as mais carinhosas manifestações de apreço. O seu concerto de Paris, realizado em dezembro do anno passado na Sala Chopin, foi precedido e seguido de bôa imprensa. *Comoedia* consagrou-lhe um artigo especial e *La Semaine Musicale et Theatrale* illustrou a capa de um dos seus numeros com o retrato da cantora brasileira.

O recital de 27 de junho é commoderna, de autores pessoalmente composto de musica exclusivamente monhecidos pela artista que os vae interpretar precisamente segundo o genio de cada um. As suas interpretações serão taes como os compositores as imaginaram e viram realizadas pela illustre patricia.

São todas as peças inspiradas em motivos populares, caracteristicos de varias raças e paizes, mas todas differentes pela individualidade de cada autor. São musica "popular depurada pela inspiração erudita. Serão cantadas em varios idiomas. Assim a ouviremos em *Yiddisch Canção hebraica*, de Ravel; em *patois* de Bourgogne, *Chanson Bourguignone*, de Maurice Emmanoel; em *lingua d'Oc*, *Chants d'Auvergne*, de Canteloube; em francez americano, *Chanson Canadienne*, de Vuillermoz; em espanhol antigo, *Cancion Antigua*, harmonizada por Joaquim Nim; em catalão, *Cancions de Cataluña* por Lamote de Grignon, Jaume Paissa e Antonio Massana; em basco, *Cantos* pelo Pe. Donostia; em gallego, *Cantos*, por J. Baldomir; em quechúa pela 1ª vez no Brasil, *Cantos dos Incas*, por Mme. Béclard d'Harcourt. Por ultimo ouvir-se-ão especimens do *folk-lore* brasileiro, harmonizado por Villa-Lobos e Luciano Gallet, cujo nome a recitalista incluiu no seu programma como especial homenagem á memoria do talentoso musicista prematuramente desapparecido.

Collaboradores do bello recital, figurarão a grande discipula de Lea Bach, a talentosa harpista, que é Jacy Lobato, e o insigne flauta, Pedro Vieira.

Com todas as credenciaes de que é precedido, é de esperar-se o exito magnifico do concerto de Julieta Telles de Menezes.

OSCAR D'ALVA

O INVOLUNTARIO DA PATRIA

(Conclusão)

panto, que Jones acceitava falar e que se dispunha a fazer aos adversarios as revelações que elles julgavam uteis. O tenente desesperou-se, principalmente porque, minutos depois, soube que a tropa inimiga, guiada pelas informações de Jones, preparava um ataque subito contra as linhas americanas.

O resultado foi o unico que se podia esperar: Bill começou a gozar de regalias, emquanto Gregg continuava preso.

De subito, porém, acontece o imprevisto. Jones consegue burlar a guarda, arranca o tenente do carcere, disfarça-se e transpõe as linhas, rumo do campo americano. Perseguido pelos gazes, consegue arranjar duas mascaras, protege o rosto do companheiro e, quando vae proteger-se a si mesmo, cae, ferido, meio morto.

E Gregg, que só então comprehende a bravura do soldado, faz-lhe justiça, leva-o ao hospital, salva-lhe a vida e, agradecido, admirado, deixa-o nos braços de Mary, que, para o ferido, já é tudo no mundo.

QUANDO O CORAÇÃO ORDENA...

DE CARLOS RAMOS

PÉGA ladrão! Péga ladrão!

Impellido pela curiosidade, estaquei para melhor ajuizar da occurrencia. Dali a minutos, não muito distante, populares agarravam o individuo que, em corrida desabalada, tentára escapar á sanha dos seus perseguidores. Aproximei-me do grupo, podendo, a custo, avistar o desgraçado. Era um joven, apparentando vinte annos, de physionomia sympathica e regularmente trajado, o alvo dos olhares indiscretos dos transeúntes.

Trêmulo, os olhos marejados de lagrima, o novel ladrão segurava ainda o fruto de sua delinquencia — uma caixa de papelão contendo um par de sapatos.

Ladeado por dois austéros guardas civis, lá se foi o pobre rapaz, caminho da delegacia de policia, onde, mercê do depoimento accusatório do dono da loja de sapatos — victima que fôra, não poucas vezes, de verdadeiros gatunos que se não deixavam prender — foi autuado e indigitado como possivel responsavel pelos roubos anteriores que soffrêra a casa commercial do seu implacavel accusador.

* * *

Luciano Dias — tal era o nome do moço inexperiente — chegára ao Rio de Janeiro, havia dois annos, procedente do Norte. Era idealista e sonhador como todos os filhos do septentrião. Ansiava viver e triumphar na cidade-mulher, que elle julgava um Eldorado.

Aqui aportando, conseguiu, não sem difficuldade, trabalho em uma fabrica de bonecas, como auxiliar do escriptorio.

Quiz o destino caprichoso que ali conhecesse Dora Keiser, a boneca mais loira e mais bonita que até então lhe fôra dado conhecer e admirar.

Dora era brasileira de nascimento, porém seus paes eram filhos da gloriosa terra de Goethe.

O rapaz, desde logo, perdêra-se de amores pela linda operaria, tendo a ventura de certificar-se de que a joven lhe não era indifferente. Fizeram-se, por isso, namorados. Um anno mais tarde, pediu a mão de Dora e, com indizivel alegria, obteve a aquiescencia paterna.

Dahi por deante, ambos começaram a preoccupar-se com projectos ingenuos, bordados de poesia, que só os amorosos sabem conceber...

A vida de Luciano Dias corria mansamente, quando, uma manhã, ao chegar ao escriptorio, lhe foi dada uma noticia que muito o consternou: por motivo de economia, o director da fabrica resolvêra dispensar os seus serviços. De nada valeram os seus rogos para continuar no trabalho.

Pela vez primeira, o vendaval do infortunio alcançava o pobre rapaz. Com grande tristeza e abatimento moral fôra engrossar as fileiras dos sem trabalho. Não passava agora de um infeliz "chomeur", cujos minguados recursos diminuiam a olhos vistos.

Já havia quasi seis mezes que Luciano Dias se desempregára quando, impellido pela mão da fatalidade, commetteu o furto na loja da rua Gonçalves Dias, que lhe valeu ser atirado para dentro das grades de um carcere.

No dia seguinte ao de sua prisão apressou-se o rapaz em mandar chamar Dora, o sol de sua vida, como habitualmente lhe chamava, afim de inteirar-se do acontecido e ouvir as suas razões.

Aguardava ansioso a visita da noiva, quando, em vez da noiva, lhe surgiu a figura espectral do guarda, que lhe entregou uma carta. Luciano apanhou-a com sofreguidão, rompeu a sobrecarta e começou a devorar com os olhos o que estava escripto, ao mesmo passo que o seu coração pulsava desordenadamente

(Cont. na pag. seguinte)

Quando o coração ordena...-(Con.)
como que presagiando coisas tristes.

Na verdade, Dora, em uma carta laconica, feita de phrases duras, rompia o noivado e pedia-lhe que a esquecesse.

O rapaz comprehendeu que aquillo valia por uma reprimenda pelo feio delicto de que fôra autor e sentiu o coração estrangular-se-lhe no peito.

Embora possuisse temperamento forte, não poude conter as lagrimas e chorou sobre aquella mortalha de papel o "requiem" do seu grande amôr.

* * *

Depois de haver cumprido uma pena de dois annos, dentro de prisões infectas e ambiente putrido, mercê da decisão de um jury inépto, foi Luciano Dias restituido, não ao convivio da familia, que não tinha, nem tampouco ao seio da sociedade, que tem por norma decretar a morte moral dos desgraçados que cumprem penas, porém, á liberdade das ruas, á luz do sól.

Embora trazendo sempre no pensamento o nome da mulher amada, não teve coragem de procurá-la para rehaver o amôr perdido e conseguir o seu perdão. O amôr proprio, sentimento que extravasa na alma do brasileiro, impedia-o de fazêl-o.

Restituido á liberdade, notou que toda a gente o apontava como um typo perigoso, um ex-detento. Todos lhe fugiam como si fôra um leproso. E a injustiça dos homens alanceava-lhe o coração.

Sentindo o pobre homem que a sua desgraça era irremediavel, impossivel a sua rehabilitação deante da intolerancia da sociedade, procurou no alcool lenitivo para a sua grande dôr.

Não levou muito tempo a que se tornasse um ébrio contumaz. Pouco importava que lhe não déssem uma codea de pão para engamar a fome. Preferia os tostões, porque com estes poderia comprar aguardente — o narcotico da alma — que o livrava das torturas moraes.

Certo dia, e numa manhã de inverno, encontraram-no extendido em um banco de jardim. Estava morto e tinha a physionomia tranquilla dos resignados. A alma soffredora daquelle trapo humano libertára-se para sempre. Mais tarde, na policia, quando identificavam o cadaver, encontraram no bolso do seu velho casaco um envelope amarellecido pelo tempo, contendo uma carta com data antiga, endereçada á sua ex-noiva e que nunca tivéra coragem de enviar.

Nessa mesma tarde os jornaes, noticiando o facto, publicaram a carta, que valia por um depoimento que nunca fôra divulgado. Assim discorria:

"Sól da minha vida, não quizeste levar-me na prisão o bálsamo consolador das tuas palavras, o que tanta falta me fez.

"Pretendia dizer-te de viva voz que nunca fui ladrão, embora houvesse commettido um furto.

"A explicação do meu acto tu a encontras nestas poucas linhas: era o dia do teu natalicio. Em tua casa preparavam-se para festejar os teus dezoito annos. Occorreu-me a idéa de presentear-te com aquillo que tanto cobiçavas — um par de sapatinhos rubro-negro, a grande moda.

"Procurei obter dinheiro por todos os meios licitos, mas todas as bolsas se me fecharam. Ao fim do dia, um sabbado radioso e festivo, não resisti á tentação e entrei em uma loja de calçados. O meu fito era conquistar o objecto que tanto almejavas e que tanta alegria havia de proporcionar-te.

"Não fui bem succedido na minha empresa, porque era a primeira vez que ousava roubar, temendo que outros mais afortunados me roubassem o teu amôr.

"Esperava que comprehendesses o meu gesto. Infelizmente, tal não aconteceu. Não faz mal. Ha gloria tambem para os que tombam pelo ideal. — Adeus. — *Luciano.*"

Guia Scientifico de "Fon Fon"

Dr. CARVALHO CARDOSO — Molestias Internas, Tuberculose. Praça Floriano, 55. Tel. 2 - 8305. Residencia: Soares Cabral, 38. Tel. 5 - 0032.

Prof. BRUNO LOBO — Laboratorio de analyses e pesquizas. Gonçalves Dias, 17 - 1.° Tel. 2 - 4863.

Dr. MIGUEL DIBO — Clinica Medica. Doenças da nutrição. De 17 horas em deante. Largo da Carioca, 15 - 1.°

Dr. RENATO DE SOUZA LOPES — Da Faculdade de Medicina. Doenças do apparelho digestivo e Nervosas. Raios X. Rua São José, 39 - De 3 ás 6.

Dr. J. V. COLARES — Docente da Universidade do Rio de Janeiro. Doenças internas e nervosas. Rua Alcindo Guanabara, 15 - 3.°

Dr. GENESIO PITANGA — Tuberculose. Pneumotorax. Quitanda, 17 - 2.° andar. De 4 e meia em deante, excepto ás quintas.

Dr. MARIO C. D'ALMEIDA FILHO — Da Faculdade de Medicina (Serviço do Prof. Brandão Filho). Cirurgia Geral. Vias Urinarias. Ansstisias pelo Protoxido de Azoto. Tratamento das nevralgias (facial, sciatica, etc.). Rua Rodrigo Silva, 30 - 4.° Tel. 2 - 8198.

Dr. MARIO KROEFF — Livre docente de Clinica Cirurgica da Faculdade. Pratica nos Hospitaes da Europa. Operações em geral. Vias Urinarias. R. Uruguayana, 104. De 3 ás 7, diariamente. Tel. 3 - 4316.

Dr. JULIO C. FERREIRA — Dentista pela faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rua da Quitanda, 3 - 2.° andar. Telephone 2 - 8163.

Dr. OSCAR CLARK — Exames medicos completos, exames periodicos de saúde, diagnosticos e tratamento. Rua Republica do Perú, 36. Das 9 ás 12 e das 16 em deante.

Dr. P. PERNAMBUCO FILHO — Docente e Ass. da Fac. de Medicina. Direct. Sanatorio Botafogo. Doenças nervosas e mentaes. Edificio Odeon, sala 515. Telephone 2 - 1183.

Dr. NATALICIO DE FARIAS — Doenças dos Olhos. Chefe do serviço de doenças dos olhos da clinica escolar Oscar Clark. Assistente dos mesmos serviços da Casa de Saude Dr. Eiras. Largo da Carioca, 18 - 1.° 2as., 4as. e 6as. (de 1 ás 3 horas). Tel. 2 - 5706.

Dr. CONDEIXA FILHO — Ex-assistente do Prof. Papin (Paris). Trata pelos methodos mais modernos as affecções dos Rins, Bexiga, Prostata, Testiculos e Urethra. Diathermia - Ozonotherapia - Fulguração. Av. Rio Branco, 183. Tel. 2 - 2424. Diariamente, das 2 ás 6 hs.

Dr. MARIO PONTES DE MIRANDA — Ex-interno do Serviço de DOENÇAS DA NUTRIÇÃO do Hospital Mont-Sinai de New York. Trat. moderno da Asma, Diabete, Obesidade, Enxaquecas, Eczemas, Correcção Dietetica das doenças do Estomago, Figado e Intestinos. Rua do Passeio, 70.

Dr. DAVID MADEIRA — Clinica medica. Molestias da nutrição e apparelho digestivo. Dietas e regimen alimentar completo e desintoxicante. São José, 106. Tel. 2 - 7070. Diariamente, das 12 ás 16 horas.

Dr. EURICO DA COSTA — Chefe de Clinica da Casa de Portugal. Assist. Ext. do Serviço do Prof. Brandão Filho. Cirurgia Geral — Vias Urinarias. Rodrigo Silva, 30 - 3.° Tel. 2 - 8500.

Dr. JOAQUIM BRITO — Docente Livre de Clinica Cirurgica da Fac. de Medicina do Rio de Janeiro. Cirurgião da Ass. Publica. Rua Chile, 13 - 1°, diariamente, ás 3 horas. Tel. 2 - 5757.

Dr. ADAUTO BOTELHO — Doenças nervosas e mentaes. Electrotherapia e electro-diagnostico. Edificio Odeon 5.° andar, sala 513 / 514. Praça Floriano, ás 3 horas.

Dr. ALBERTO COUTINHO — Livre Docente de Clinica Cirurgica. Assist. do prof. Brandão Filho e da F. de Medicina. Cirurgia Geral. R. Rodrigo Silva, 30 - 4.° Das 3 ás 7. Tel. 2 - 8198.

Dr. COSTA PEREIRA — Ouvidos, nariz e garganta. Rua da Assembléa, 73 - 4.° Diariamente, ás 4 e meia. Tel. 2 - 6313.

Dr. PLINIO SENNA — Exames bucco-dentario para complemento do diagnostico medico. Raios X, infra-vermelho, azues, ultra-violeta, diathermia. R. Ouvidor, 162 - 2.° Tel. 2 - 1659.

Dr. RAUL PACHECO — Parteiro e gynecologista — Operações e tratamento dos tumores do ventre e seios, hernias, appendicite. Tratamento das disfuncções sexuaes da mulher; plastica dos seios e orgãos genitaes. 55, praça Floriano. Tel. 2 - 8305.

Drs. SAMUEL PRADO e SAUL CARNEIRO — Pratica nos hospitaes de Paris e Berlim. Doenças da nutrição, obesidade, dialete, gotta e apparelho digestivo. Largo da Carioca, 15 - 1.° Diariamente, de 2 ás 5 horas.

Drs. CARLOS e HELIODORO OSBORNE — Radiodiagnostico, Radioterapia e exames em residencia. Praça Floriano, 7. Edificio Odeon, salas 718 / 711. Tel. 2 - 6034.

Dr. A. CALMON D'OLIVEIRA — Hemorroidas, varizes, ulceras variosas, vias urinarias. Av. Rio Branco, 177 - 1.° Diariamente, ás 4 horas.

Dr. A. MARTORELLI — Cirurgião Dentista da Associação dos Empregados no Commercio. São José, 106 - 3.° Tel. 2 - 7070. Consultas Diarias.

Dr. JOSÉ DE ALBUQUERQUE — Clinica Andrologica (Doenças sexuaes do homem). Rua 7 de Setembro, 207 - 1.° Diariamente, de 1 ás 6 da tarde.

Dr. RODOLPHO JOSETTI — Ex-Assistente dos Hospitaes de Berlim e Rio de Janeiro. Cirurgia abdominal e thoraxica. Vias biliares e urinarias. Appendicites — hernias, tumores, etc. Rua 13 de Maio, 44, diariamente, das 16 ás 19, excepto aos sabbados. Tel. 2 - 1000.

Dr. EURICO SAMPAIO — Clinica medica e molestias mentaes. Rua 7 de Setembro, 141 - 2.° 2as., 4as. e 6as., ás 2 horas. Tel. 2 - 4312.

Dr. PINTO DE AVELLAR — Clinica Odontologica. R. Ramalho Ortigão, 38 - 1.° Diariamente. Telephone 2 - 5822.

Dr. R. PITANGA SANTOS — Doenças ano-rectaes. Rua do Passeio, 70 - 2.° Diariamente, das 4 ás 7 horas.

Dr. C. XAVIER LOPES — Cirurgia. Rodrigo Silva, 30 - 4.° Diariamente, de 4 ás 6. Tel. 2 - 8198.

Dr. LORENA MARTINS — Cirurgião Dentista. Av. Rio Branco, 143 - 5.° Diariamente.

Murillo Araujo — AS SETE CÔRES DO CÉO — Liv. Catholica — Rio — 5$

OS poemas modernos, ou melhor, os poemas sem a formalidade do metro e da rima só são toleraveis quando quem os escreve têm talento de verdade.

Murillo Araujo pertence ao reduzido numero dos nossos poetas que, abraçando a poesia *nova*, não banalizaram a sua producção, antes crearam um mundo de maravilhas para a delicia do nosso espirito.

Carrilhões, o seu primeiro livro, deu lhe lugar destacado na geração moça do Brasil.

Depois, *A cidade de ouro*, outro livro de classe. Mais tarde, com *A illuminação da Vida*, teve a consagração definitiva.

Porém, Murillo Araujo não quiz repousar sobre os louros de tantas victorias e publica *As sete côres do céo*, ainda uma vez, obra de mestre.

Possuindo o segredo de um rythmo de belleza invulgar, o poeta evoca o que ficou atraz da sua vida, com a ingenuidade bôa da gente brasileira.

Era um garoto pobre e vadio
entanguido
com o gorrinho a cair sobre a face, fineria,
a calcinha esmaltada em remendos
desbeiços...
e afilhado de Nossa Senhora da Gloria.

E vamos colhendo emoções...

Coração de quatro annos!
Como me enthusiasmava essa estampa de côr:
um palhaço risonho e marcial
pequenino,
todo alegre a rufar, a rufar um tambôr.

Guardei bem na memoria, ao longo do destino,
esse humilde vitral interior...

O palhacinho lindo,
o palhacinho ingenuo e orgulhoso, tão puro,
marcha bem longe na recordação.

Mas seu claro tambôr (tan-tan-tan) eu o escuto,
seu tambôr de illusão...
eu o escuto rufar na canção que executo
o carnaval sonoro, a dourada alegria
com que dansa, tambem este meu coração.

Não devemos proseguir.

Mesmo porque, si quizessemos citar as paginas do nosso agrado, acabariamos reproduzindo o livro.

Nina Rodrigues — OS AFRICANOS NO BRASIL — Comp. Editora Nacional — São Paulo — 10$

O valor desta obra está firmado pelo nome do seu autor, o glorioso mestre da Faculdade de Medicina da Bahia, que em 1906 morreu inopinadamente em Paris. Os originaes ficaram em mãos amigas, e, por uma série de circumstancias curiosas, só agora tiveram um editor.

Homero Pires, escrevendo o prefacio do livro, depois de ter feito a revisão dos originaes, esclarece a razão da obra, synthese de pacientes, demoradas e graves investigações scientificas de um espirito forte, que honrou o Brasil, como expressão da nossa cultura. Apesar da distancia dos annos, assignalada pelas datas em que a mesma foi escripta e a da publicação, esta obra interessa como fonte magnifica de estudos e repositorio de observações dignas do mais alto apreço.

Anadyr do Nascimento Bretas Bastos — NA RODA DA VIDA — Adersen, editores — Rio — 1933

POR que *Na roda da vida?*

"Porque as suas paginas se desdobram em tragedias, em dramas silenciosos de corações chagados, em artimanhas imprevistas do destino. Livro de soffrimento, de realidade, escripto simples e despretenciosamente, como simples e apagadas vão pela vida desabrochando e fenecendo as almas tristes e incomprehendidas dos que soffrem."

Eis a razão do nome do livro, conforme nos explica a autora, que faz parte da Academia Petropolitana de Letras. Buscando na vida os motivos para os seus contos, a illustre escriptora revela, entretanto, uma forte dóse de imaginação no seu processo de composição literaria, conseguindo interessar o leitor.

Escrevendo com vivacidade e elegancia, explorando os assumptos com intelligencia, a autora fez uma estréa auspiciosa.

E' um excellente livro de contos, que se lê com prazer.

[assinatura]

A TRISTEZA DO CABOCLO (Conclusão)

Procura daqui, procura dali... Nada. Ouviu-se, p'ro lado do trapiche, a quéda de um corpo nagua. Era "Honorato" que voltava p'ra sua morada, no fundo dagua. Honorato é a cobra grande. Maria Rita, desde aquella noite, ficou outra, bôba, a falar sózinha, a chorar, até que, um mez depois, se afogou no mesmo logar em que mergulhou Honorato.

— Mas, Vicente...

— Verdade, Caró... E, agora, eu não quero mais nada deste mundo. P'ra quê?

— Tu 'stá doente... Isto é doença, caboclo velho.

— Doença o quê... E' desgraça.

— Numa noite tão bonita, com um luar tão bonito, tu assim, Vicente?! Tu é homem...

A lua brilhava na agua mansa, prateava a matta, acariciava ás flôres dos taxis e mururés.

— Ora, ora!... P'ra que viver assim como eu vivo? Daqui não saio mais, Caró. Só p'ra a cova. "Matinta perêrê" toda a noite vem cantar aqui. Toda a noite... E' meu dia que está perto.

— Este mundo!...

— Este mundo é assim mesmo... Muito bom... Muito bom... Mas, eu não tenho mais sorte; Maria Rita foi. Eu vou tambem... Eu não presto mais p'ra este mundo... De que serve viver, si a gente não é feliz, si não tem mais ninguem no coração?

Ao clarão da lua, a cara do caboclo brilhava, lavada de lagrimas. A fogueira ia morrendo...

— E' esse o marido de Norma. Toda vez que ella deseja dinheiro, dá-lhe um beijo.

— Ah! Agora comprehendo por que Norma diz custar-lhe tanto o dinheiro que gasta...

SÃO JOÃO NA ROÇA (Conclusão)

querida e a mais bonita de todas, toda em requebros, uma grande flor nos cabellos negros, teve a infeliz idéa de mirar o seu antigo namorado e justar-se a elle do hombro ás pernas, numa embigada agradavel, convidativa e molle. Juca, seu quasi noivo, brioso e honesto, sentindo-se ferido na sua honra e no seu amor proprio, desferiu formidavel bofetada em plena face da cabocla. E o inevitavel se deu. Os dois homens travaram uma luta sangrenta, que seria de morte, si o patrão não viesse, a toda pressa, desmanchar o rôlo.

Aquelle hiato aberto na alegria das coisas e dos sêres arrefeceu o enthusiasmo dos que brincavam despreoccupadamente.

Voltavam, pouco depois, aos seus lares e ranchos, um a um, murchos e cabisbaixos por aquelle triste findar de festa. A fogueira, não tendo quem lhe alentasse as chammas, diminuiu, diminuiu, quasi se extinguindo. E a fazenda mergulhou no somno e no seu habitual bucolismo.

Na manhã seguinte, no terreiro da rancharia, no pó revolto pelos pés dos sambadores, viam-se ainda manchas de sangue coagulado. E todos diziam que aquelles dois homens se liquidariam na primeira opportunidade:

— Ora, si se matam! Não fôsse o patrão, e ambos estariam, já, na cidade de pés juntos! Reparassem como estavam feridos!

E outros:

— Quem devia morrer era aquella sirigaita! Desaforada! Dá um bahú no seu antigo namoro, bem á cara do noivo! Só mesmo a tiro ou a chicote! Ainda ha muita gente ordinaria e sem vergonha neste mundo de Deus!...

P A R T I D A

HA quem sorria, nesses momentos dolorosos. Ha quem traga um sorriso boiando á tona dos lábios, alimentando a esperança de voltar...

Outros, não. Outros ficam mudos, o olhar parado, fixando um ponto além... Nem coragem têm para ver a pessôa da qual se despedem. As mãos se unem fortemente; sentem-se os accórdes rythmicos do coração. Cada qual parece um médico que ausculta o doente...

A natureza, em volta, entristece. E si o sol já transpôz o zenith, seus raios se occultam. A meia tinta crepuscular pincela tristeza, e silencio, e saudade...

....

Assim foi; assim aconteceu comnosco, por aquella linda tarde de janeiro.

As boinas esmeraldinas das arvores pingavam, enormes reticências de sombra nas alamedas solitarias... Os pássaros adormeciam para escutar a música cascateante de teu sorriso sadio...

— Eu tinha os olhos longe... Attrahia-me a paizagem longinqua. Desviára meus olhos dos teus olhos...

A mão ficára insensivel, hypnotica, irresistivelmente encarcerada na concha de tua pequena mão fidalga.

Notei, apenas, que não trazias um lencinho perfumoso para enxugar as lágrimas de teus olhos mádidos de tristeza...

Em tua bócca via uma lampada accêsa. Eu era triste e procurava fugir ao teu olhar para que não me visses... "Voltarás" — era a linguagem dos teus olhos. "Não sei si voltarei" — era a de minhas tristeza...

Hoje, pensei em ti e disse ao papel este segredo, porque não sei de outro melhor amigo...

PAULA CHAVES

DETALHES DA EDUCAÇÃO NA SUISSA

Exposições ambulantes de livros — A commissão de bibliothecas populares do Cantão de Zurich organizou exposições ambulantes de livros destinados á juventude, com o objectivo de estimular a creação de bibliothecas escolares por parte dos municipios e de offerecer aos paes de familia opportunidade para escolher livros com que presentear seus filhos.

Literatura infantil — No mesmo Cantão de Zurich organizou se uma associação que tem por objectivo editar, a preços minimos, uma collecção de livros destinados á juventude, comprehendendo novellas, biographias, contos de viagens e aventuras, theatro, sports, jogos.

Theatro infantil — Com ruidoso exito representou-se no theatro de Genebra a comedia infantil de Jacques Dalcroze, "O pequeno principe que chora", peça de grande attractivo para a infancia pela fantasia, pela arte, pela belleza dos quadros e, sobretudo, pelos movimentos rythmicos que tanto contribuem para disciplinar o espirito da creança como para a formação do seu sentimento artistico.

Uns cento e cincoenta alumnos das escolas publicas tomaram parte nessa bellissima peça theatral, a que milhares de creanças assistiram em repetidas representações.

A educação e o desarmamento — Organizaram-se conferencias nas escolas de Genebra com o fim de dar a conhecer ás creanças a significação e o alcance da Conferencia pela limitação e reducção dos armamentos, insistindo-se especialmente na necessidade de cultivar a paz, de estabelecer laços de solidariedade entre os povos e acabar com essa attitude de desconfiança e de rivalidade que tantas guerras tem occasionado, trazendo tantos males á humanidade.

A gangorra da vida

Tudo, na vida, exige equilibrio. Sem equilibrio, tudo andará mal ou não andará. De tal phenomeno não escapam as ligações matrimoniaes, nas quaes é imprescindivel a existencia do equilibrio; se não houver perfeito equilibrio entre a natureza dos cônjuges, adeus, casamento! Não ha leis — civis ou religiosas — capazes de o garantir. Nos enlaces matrimoniaes, para serem felizes, se faz preciso que, entre os contraentes, haja a harmonia que decorre do perfeito equilibrio, em todos os pontos de vista; mas, de todos os desequilibrios possiveis entre os casaes, o de mais pernicioso effeito é, sem duvida, o que se relaciona com o temperamento ou o genio, segundo a denominação vulgar. Entretanto, o temperamento ou o genio que possue cada individuo não depende, apenas, da sua educação ou da sua bôa vontade; esse estado está na directa dependencia das suas funcções organicas e, máo grado, nem sempre estas são normaes. Felizmente, os elementos modernos de que se vê enriquecida a medicina permittem, hoje, obter-se o perfeito equilibrio daquellas funcções. Assim, para os casos em que se verificar a incompatibilidade de genios entre os casaes, cumpre indagar a origem desse mal entendido. E' quasi certo que o mesmo provém de um disturbio, ou insufficiencia glandular, verificado no organismo de um delles ou, possivelmente, no dos dois. Para corrigir essa falha de tão variadas quão penosas consequencias, dispomos, hoje, das Perolas Titus, nas quaes se contêm os hormonios vivos das glandulas de secreção interna, com immediata e efficiente acção sobre aquelles disturbios e insufficiencias. As Perolas Titus são preparadas com separação de sexos, pois é da mais relevante importancia que os hormonios das glandulas sexuaes, que formam a base das mesmas, sejam aproveitados ao seu respectivo sexo.

Folhetos scientificos e illustrados são distribuidos gratuitamente pelos representantes geraes das «Perolas Titus» — Srs. W. Keetman & Cia. — a quem os solicitar; além disso e embora não haja nenhuma contraindicação no uso das «Perolas Titus», as pessôas interessadas têm á sua disposição, gratuitamente, os serviços de um medico, não só para o diagnostico como para acompanhar a evolução do tratamento; diariamente, das 15 ás 17 horas (aos sabbados, das 12 ás 13 ½ horas), á Avenida Rio Branco n.º 173-2.º nesta Capital; á Rua S. Bento n.º 49-2.º, em S. Paulo; á Galeria Chaves, apt. 15, em Porto Alegre; no Palacete Catharino, 2.º andar, sala 26, na Bahia; á Rua João Pessôa n.º 253-1.º, em Recife; Bello Horizonte, rua Bahia, 938; Curityba, Praça Tiradentes, 554.

CASA DOS 25

MADAME vivia feliz, tratando dos seus negócios, educando as filhinhas, pois eram ainda estas a única razão de ser da sua vida.

As duas senhoritas tinham já a altura de *madame*: um metro e oitenta. As linhas do rosto eram parecidas com as feições do semblante da mamãe: os órgãos visuaes, muito bonitos, assemelhavam-se aos della; os órgãos do olfacto, do paladar, muito mimosos, idem. idem.

Madame, ao olhar as filhinhas, como a mirar-se num espelho que lhe reflectisse a imagem da idade juvenil, a modo revia a sua mocidade.

Trabalhava excessivamente. Demonstrava ter vocação para o commércio, ás vezes com iniciativas felizes.

Fôra proprietaria de importante loja de chapéus para senhoras; e dia a dia augmentava o negócio. A serviço da casa havia um exército de pequenas bonitas, elegantes, oriundas de diversas nações: allemãs, argentinas, belgas, brasileiras, cujo paiz é a pátria adoptiva de *madame*, e chilenas e francezas, a cuja naturalidade pertence, e húngaras e inglezas e italianas e persas e peruvianas e urugayas.

E *madame* trabalhava bastante, mas muito contente.

O dinheiro não lhe empolgava o espírito fantasista; preoccupava-a unicamente ser a maior commerciante do Rio de Janeiro, quiçá do Universo!

Vivia feliz na capital do Brasil, há mais de trinta annos. Ninguem possuia mais jóias do que ella. Quando ia ao theatro, parecia rico mostruário de grande joalharia. Doeriam os olhos dos pobres mortaes que lhe fitassem a heráldica figura: as gemmas faiscavam.

Um dia, resolveu *madame* iniciar a venda de chapéus a 25$000. E appareceram numa loja fronteiriça á Galeria Cruzeiro mostruários cheios de lindos chapéuzinhos para senhoras, senhoritas, meninas, emquanto dentro da loja e noutros mostruários havia outros chapéus por preços mais elevados. Successo felicíssimo: a féria de cada dia, consoante a caixa registradora, era calculada mais ou menos em quatro contos.

As collegas de *madame* rogavam lhe pragas, mas, após alguns dias, procuraram imitar-lhe a iniciativa. Porém, a loja que ficou conhecida pela casa dos 25, foi a della.

Madame tinha crédito na praça para centenas de milhões de reis. Pudéra! As suas jóias eram verdadeiras e de grande valor: só o collar de pérolas valia mais de cem contos; um par de solitários, uns vinte. E as suas marquezas, os ricos anéis? E as ricas placas? E os diversos pares de brincos? E as diversas pulseiras? E as outras jóias de platina com engastes de lindos brilhantes?

Um dia, *madame* ouviu falarem na crise mundial. Teve triste presentimento. Arrepiaram-se-lhes os cabellos.

De Hormino Lyra

De Paris haveria de chegar enorme encommenda de material para a sua casa. E o cambio baixava vertiginosamente, pois a crise já attingira o Brasil.

Madame sabia a razão de ser da crise. Em resumo: os paizes europeus, com a licção da grande guerra, quizeram ter vida própria e trataram de produzir o que lhes faltára durante aquelle período calamitoso; desta sorte, a certo tempo uns não precisavam comprar aos outros, abastendo-se do produzido. Todos produziram muito e não tiveram depois para onde exportar: dahí, a inércia nos mercados; dahí, a crise. E a mania de *madame* era falar acêrca desse momentoso assumpto.

Pouco tempo após isso, chegaram-lhe as encommendas. Para as despezas destas e das taxas alfandegárias careceria de mais de uma centena de contos. Ella, que sabia ter grande crédito na praça, não conseguira a metade da importancia carecida.

Empenhou as jóias. Passava os dias a chorar, impressionada com a probabilidade de as perder. E o desespero fizera-lhe perder o uso da razão: um dia, trajando lindo vestido, chegára á beira da praia de Copacabana e contemplára o oceano. Estava tão calmo... As aguas crystallinas, côr de esmeralda, trouxeram-lhe as jóias á lembrança, e ella, *ex-abrupto*, jogára-se no mar.

Uns rapazes, que jogavam peteca, foram-lhe em soccorro e conseguiram salvál-a. Porém, já seguira dalí para uma casa de saúde onde permanecêra durante alguns mezes, sem saber coisa alguma dos negócios.

E o infortúnio continuára a perseguil-a: incendiára-se o vasto edifício onde *madame* tinha a casa dos 25; o prejuizo fôra total.

Quando ficára em condições de voltar á actividade commercial, soubéra de tudo e comprehendêra a extensão da sua desgraça. O céu da felicidade de *madame* cobrira-se de nuvens, e ella, coitada!, ficára só: as filhas casaram e foram morar com os seus espôsos; os amigos, as amiguinhas desappareceram a modo por encanto.

Paupérrima, revestira-se de energias e fôra trabalhar particularmente. Alugára modesto apartamento num *arranha-céu* e faz chapéus por encommenda e refórma chapéus usados; mas, convicta de nunca mais chegar a ser a commerciante de outrora, continúa a chorar.

Anda muito triste, porque não ambiciona riquezas, nunca ambicionára outra coisa sinão ser a maior commerciante do Rio de Janeiro, quiçá do Universo! E, quando isso confessa, bate na testa com o index a zombar de si própria. Ao mesmo tempo que acha graça nas suas fantasias, prevê sempre o infortúnio a perseguil-a: talvez as pragas das collegas ainda por causa da casa dos 25...

(*Do livro inédito* "Coisas da Vida").

Noite de
De Newton

NOITE de S. João! Por toda a parte o jubilo regorgitante, que surge espontaneo. Balões a subir, entre palmas e calorosos vivas dos divertidos. Balões a descer, entre vaias e muchochos desenxabidos dos folgazãos. Fogos de artificio que se accendem, se illuminam, resplandecem, bruxoleiam, se apagam. A alegria espocando innocente no peito das crianças. Risos francos a pairar sinceros nos labios dos grandes. O folgar estrepitoso que se revela em cada physionomia. Correrias enthusiastas da garotada. Sapateados. Manifestações de um prazer tripudiante. A atmosphera aclarada inteira pelos fulgores festivos. A'tomo por átomo da natureza super-saturados pelo divertido clarão da noite divertidamente brasileira de S. João.

E, no meio disso tudo, embalsamado na alacridade luminosa do ambiente, percebo que a modestia de minha visão intima carrega para a tona sensações antigas. E ellas vêem. E se alteiam. E tumultuam. E emprestam aguilhões á minha saudade. E saracoteiam numa zombaria infinita. Para depois silenciarem. Para depois submergirem.

SARGAÇOS

O Marquez di F. deu ao seu primeiro livro, a sahir brevemente, o titulo de *Sargaços*. Constará o volume de trabalhos literarios, alguns já publicados nas revistas e jornaes desta capital, chronicas mundanas e outros generos que o seu pendor jornalistico abraça e cultiva através das suas observações das coisas e factos da vida. Será, portanto, um livro interessante, moldado em estylo moderno, e que terá a vantagem de não cançar o leitor, despertando, ao contrario, em seu espirito, a sensação de um prazer benéfico e duradouro.

E como o sargaços é um genero de algas da familia das

S. João Sampaio

E, então, cerebro vazio, nervos em hyper-esthesia, apenas se vão reflectir na retina os contornos coloridos dos balões que se somem á distancia.

Depois, novas idéas surdem. Mas um cortejo sem pompas. Vagarosamente. Sem a sarabanda plebeia das companheiras.

E cercam o edificio de meus annos. Examinam com meticulosidade os parallelepipedos todos de sua construcção. E, retirando-se, arrebatam minha alma para regiões outras, onde um mundo de deslumbramentos parece imitar a farra das crianças que fazem festas ao santo de junho.

Mas, num momento, paralysam-se os musculos do corcel do sonho.

...E, na modestia de minha visão extrinseca, vejo estender-se sobre a cidade araucaria a clara noite de S. João, que a lua abençoa, qual mãe carinhosa.

E, dentro da noite, emquanto os balões se elevam dos lugares mais diversos, emquanto surge a claridade dos fogos e ressôam no ar os gritos alegres de todas as gargantas, vejo com os olhos as festividades da Curityba moderna e offuscante de luzes, e com a saudade o rusticismo de minha terra sertaneja, tambem illuminada pelo tremeluzir das fogueiras tradicionaes.

...E, na modestia de minha visão, ora intima ora extrinseca, dou azas á inquietude de minha imaginação, e contemplo, da bruma inapercebida e mysteriosa de meu silencio, e com o mysticismo da saudade infiltrado em todas as moleculas, esta noite de S. João, tão cheia de brasilidade, tão cheia de belleza nossa, de poesia nossa, de raça nossa.

…náceas, que crescem sobre rochedos, de onde, sob o jogo das aguas, se desprendem, formando sobre largas faixas de mar um vasto lençol escuro e denso, para serem depois atiradas ao areial branco das praias, é de crêr que o livro do Marquez di F..., producto de seu esforço mental coadjuvado pelo brilho de sua intelligencia, tenha real successo entre os nossos intellectuaes, alcançando, não nas praias, mas no "boudoir" perfumado das nossas patricias, um logar de destaque, onde possa, entre carinhos e sorrisos, receber o baptismo de seu acolhimento benevolo, de seu interesse privilegiado.

E' o meu prognostico.

J. PIRES FERREIRA

(*Continuação do numero anterior*)

— Isso é muito pouco provavel, atalhou sir Gerald, que ouvira do rosto constrangido este dialogo. Talvez Frederico atirasse a algum passaro que viesse cahir alli. Mas além disso... meu irmão trazia sempre comsigo uma lapiseira de ouro.

— Certamente, disse Berber, sem o seu lapis de ouro nunca o fidalgo sahia! Trazia-o sempre na algibeira do collete. Ainda esta manhã o trazia.

O policia olhou para Berber e Gerald, e depois fixou a vista no pedaço de lapis que tinha na mão.

O professor de pintura (á alumna que não brilhará nunca em tal arte). — Não desanime, senhorita, pois, pelo menos, está aproveitando o ar puro do campo...

OS CRIMES DE (SHERLOCK HOLMES

Parecia uma ninharia e comtudo tinha importancia bastante para ligar uma cadeia de pensamentos.

Na ponta superior do lapis, que estava muito sujo, notou o policia signaes de dentadas como costumam fazer as pessoas que teem o pessimo habito de apertar o lapis na bocca emquanto estão occupados com qualquer trabalho.

Na ponta do lapis chato viam-se dois signaes que provinham dos dentes inferiores. Do lado opposto viam-se egualmente esses signaes... mas estes eram muito differentes; obliquos e não tão profundos.

Sherlock tirou as seguintes conclusões:

O lapis pertencia a um carpinteiro ou a um operario de grande actividade, pois que mostrava indicios de muito uso.

O homem tinha o costume de apertar o lapis entre os dentes e os incisivos superiores estavam estragados, provavelmente faltava-lhe um ao passo que outro estava partido ou inclinado.

Na abertura destes dentes collocara o homem o lapis o que provavelmente fazia por costume commodo.

Mas quem era esse homem?

Como tinha o ordinario lapis ido parar ás mãos de Frederico nos seus ultimos momentos?

Finalmente: onde estava a preciosa lapiseira de ouro que o morto trazia comsigo?

UMA RELIGIOSA

(POR CONAN DOYLE)

CAPITULO III

UM CABELLO LOURO

Um dia passou-se sem que Sherlock Holmes emprehendesse as suas pesquizas.

Que elle désse um passeio pela aldeia e que voltasse com a mesma cara com que partira, não pareceu a ninguem digno de reparo.

Lord Elport retirou-se cedo para o seu quarto para, segundo dizia, passar pelo somno algumas horas. Todos porém sabiam que o atribulado pae vagueava no seu quarto de um lado para outro sem dormir para com o fim dominar o desespero que se apossára delle.

Entretanto a irmã de caridade estava sentada á secretária na bibliotheca onde escrevia.

Eram umas breves linhas aos parentes de longe que pela terceira vez, num tão curto espaço de tempo, recebiam do castello, cartas tarjadas de preto.

O semblante da diaconisa apresentava um aspecto triste e inquieto.

De tempos a tempos levantava os olhos e percorria com a vista o salão contiguo onde Sherlock e Gerald estavam sentados.

A diaconisa não pensava que era observada com insistencia. Sherlock estava sentado de costas para a bibliotheca, mas defronte delle, um pouco para a esquerda, pendia um magnifico espelho onde se reflectia a imagem da linda irmã de caridade.

Que bem talhado não era o nariz grego da irmã Ethel! Os labios eram vermelhos como os bagos de uma romã. E quão seductoras são as sombras projectadas pelas fartas e sedosas pestanas nas faces dessa deusa!

— Não se volte, segredou Holmes ao seu companheiro, não olhe para a bibliotheca, e diga-me quem é esta linda irmã de caridade.

— Meu Deus! — replicou o mancebo com um certo rubor que não escapou ao policia — eu não a conheço mais do que o senhor. Ella estava no hospital onde morreu meu irmão mais velho, e dizem que foi de uma dedicação tal que toda a minha familia ficou encantada com ella. Quanto a mim acho

(*Continúa na pag. seguinte*)

HOMEM PREVIDENTE — *O lavrador.* — Parece-me que vae succeder uma desgraça!
O marido della. — Acha?... E diga-me uma coisa: lamentaria muito a perda de seu touro?

que o officio de irmã de caridade a obriga a ser dedicada aos doentes que trata e não vejo no caso nada de extraordinario.

O policia notou muito bem o tom de affectada indifferença na voz de Gerald.

— Se ella fosse apenas uma desvelada enfermeira, não perguntaria eu nada. Mas é tambem uma Venus!

— Eu já tinha ouvido dizer que ella é uma beldade. Porém não me agrada. Não acho que o seja.

— Bem! replicou Holmes seccamente, o senhor não devia ter o gosto tão estragado. Mas, falando sériamente, gostava de saber a que familia pertence esta deusa.

— Isso é mito simples pergunte-lh'o a ella, foi a resposta do mancebo.

— Deus me livre! Emquanto eu aqui estiver no castello devo parecer inimigo de todos, isto é, todos os que nos rodeiam devem suppor que se me tornam suspeitos. A propria irmã de caridade deve já estar desconfiada disso.

— Por que? desculpe-me a pergunta.

— Porque ella é bonita e pobre. Porventura já o senhor encontrou mulheres pobres e ao mesmo tempo bonitas, que fossem muito confiadas? Ellas não o podem ser... e os proprios homens são os culpados, por causa das suas ciladas.

Neste momento entrou na bibliotheca um creado e deu á irmã Ethel um recado, levantando-se ella e sahindo apressadamente. Immediatamente Holmes entrou na bibliotheca e debruçou-se sobre a secretária.

Com um olhar rapido passou a vista pela carta começada. No alto liam-se estas palavras.

"Meu querido Harold!"

Depois havia apenas mais uma linha começada onde se lia:

"Nada de extraordinario a communicar-te..."

Sherlock assobiou de mansinho e voltou rapidamente de novo para o seu logar.

Era tempo pois que a irmã Ethel estava de volta e dirigia-se apressadamente para o seu logar.

Sherlock viu pelo espelho, ella deitar um olhar furtivo para os dois que pareciam não se terem movido do seu logar.

Uma expressão de que estava socegada perpassou pelo seu semblante o que egualmente não escapou ao observador perspicaz.

— Queira agora retirar-se, murmurou voltando se para Gerald, preciso trocar algumas palavras com a diaconisa.

Logo que o mancebo desappareceu, levantou-se. Sherlock e dirigiu-se para a bibliotheca.

— Queira desculpar-me se a incommodo, começou elle. Como nós vamos ser companheiros de casa por algum tempo, parece-me justo que façamos conhecimento mais de perto e que não nos limitemos a uma apresentação superficial. Creio até, irmã, que a senhora melhor do que ninguem pode dar uns esclarecimentos de que preciso.

A irmã de caridade voltou-se para elle.

— Pois então pergunte o que quizer, sr. Holmes, mas pouco saberei que possa ser de valor para o senhor. O meu officio occupa todos os meus pensamentos; nas horas vagas dedico-me á leitura de livros asceticos e por isso pouca attenção presto ao que se passa em redor de mim.

— Mas, irmã, quando se é tão joven e bonita como é, não é natural esse affastamento.

— A vida fez-me assim, replicou a beldade: fugi precisamente do mundo porque este não me sorriu e procurei refugiar-me nesta severa profissão.

— Realmente? E, desculpe-me o atrevimento, qual foi a sua vida anterior? perguntou o genial criminalista em tom amigavel.

— Sou filha de um advogado. Meu pae chamava-se Johnson e morreu ha muitos annos. Como fiquei só e sem meios tentei ganhar o meu pão como governante, como dama de companhia e como cantora de egreja e de concertos.

Por toda a parte tive sempre de lutar com difficuldades.

Fiz-me então diaconisa e só assim encontrei socego.

Bem inventada historia! pensou Sherlock a quem a narrativa pareceu inverosimil. Principalmente o tal pae com o nome tão esquisito.

— Mas porque não se casa? perguntou. Com os seus attractivos...

Ethel riu-se e neste momento como que appareceu o seu verdadeiro semblante, uma cara cheia de altivez e vontade de viver, que quasi parecia a de uma viagena.

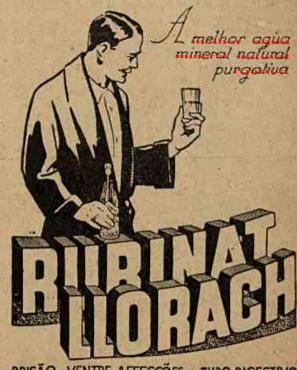
— Não falemos de mim, replicou ella com evasiva. O senhor dizia ha pouco que desejava de mim uns esclarecimentos?

— Sim, antes de mais nada desejava saber quem era a amante de sir Frederico. Talvez a senhora tivesse ouvido falar nisso.

— Sim Frederico... tinha uma amante? Oh! sr. Holmes, parece exaggerar o meu logar! Trato do lord e nada mais.

— Mas o lord não tem agora nada que tratar.

— Isso já eu tenho dito repetidas vezes, mas não quer que se fale nisso.

Affirma que só eu lhe sei fazer bem o chá, que só eu lhe sei ler. Ficou muito solitario e quer ter companhia.

(Continúa na pag. seguinte)

"Só agora é que escrevi a meu irmão para lhe dizer que não tenho nada de extraordinario a communicar-lhe.

"Na realidade o pobre velho supportou muito bem o novo medonho golpe... e se não sobrevierem peores consequencias...

Sherlock ouviu que a carta ao "muito querido Harold" era para o irmão. Mas porque não acreditava elle isto, porque julgava elle que miss Ethel representava uma comedia?

Levantou-se, e curvando-se respeitosamente, disse:

— Nós podemos continuar amanhã a nossa conversação. Parece-me que é melhor para todos nós irmos repousar. A manhã trar-nos-á novos trabalhos, e nós devemos estar frescos para cada qual tratar dos seus affazeres, não é verdade?

Sherlock subiu a escada lentamente com passos ruidosos, mas logo que chegou em cima desceu rapidamente uma escada lateral e dirigiu-se ao jardim a um ponto de onde podia observar tudo o que se passava na bibliotheca.

Apenas uma pequena abertura entre os cortinados deixava ver o que se passava no interior.

Esta abertura tinha sido preparada por Sherlock Holmes para melhor poder espionar sem o incommodarem.

Do seu posto de observação viu a irmã de caridade escrever a carta pouco antes começada.

A penna voava-lhe por sobre o papel e quando acabou lacrou a carta com o sinete do lord.

— Deve deitar a carta na caixa do correio, pensou o nosso observador — e, nesse caso, posso á vontade abril-a e lel-a.

Enganou-se porém nos calculos. A irmã de caridade era muito mais cautelosa do que suppunha; metteu a carta na algibeira e subiu a escada, certamente para só na manhã seguinte ella propria ir á estação do caminho de ferro e entregal-a á passagem do comboio.

Bem, pensou o policia. Esta carta não é certamente dirigida a um irmão. Não tem duvida, eu hei de ver se o senhor... Johnson é o destinatario. Se for dirigida a outrem, então deve merecer á pena examinal-a até á sua integral leitura.

Holmes voltou-se e ia dirigir-se para o seu quarto quando lhe occorreu de repente qualquer coisa.

Dirigiu-se ao quarto do assassinado onde Berber velava o cadaver.

Muito tranquillamente tirou novamente do guarda fato o vestuario que o morto trazia essa manhã. Foi para o quarto contiguo onde examinou detidamente todas as algibeiras, mas não encontrou nada.

Na manga do jaquetão de caça faltava um botão e a fazenda estava muito amarrotada e suja.

— Pensava isto mesmo, murmurou o policia. Travou-se sem duvida luta. Não foi certamente na cla-reira, mas sim no silvado onde eu encontrei o bocado de lapis.

"Agora é preciso descobrir quem tem o lapis de ouro que falta a Frederico. E ainda mais, que papel desempenha a irmã de caridade nesta casa.

CAPITULO IV

O CARPINTEIRO TRIBOLD

No dia seguinte chegou ao solar de Elport grande numero de pessoas de prato que pela terceira vez, em tão curto espaço de tempo, se reuniam por um tão triste motivo.

Parentes proximos ,não contando com o ultimo filho, poucos tinha lord Elport.

Apenas a joven lady Elise, que já annunciara a sua visita, era parente chegada. Toda a gente sabia que lord Elpor desejava ardentemente fazer desta encantadora creança sua nora para ainda ter a alegria de ver novos rebentos na sua familia outr'ora tão florescente e agora quasi desfolhada.

Mais ainda restava Gerald. Muitos dos hospedes do castello cochichavam que lady Elise podia da mesma maneira casar com Gerald, pois não se tratava de um casamento por amor, mas sim dum casamento de conveniencia.

Por felicidade nem Elise nem Gerald suspeitavam desta conversação abelhuda.

Chorando lançou-se a virgem ao pescoço do lord; e antes, mal tinha podido cumprimentar Gerald embargando-lhe a voz os soluços. Depois ergueu a cabeça com um movimento de altivez e exclamou:

— Desculpe estas lagrimas, são causadas por minha dor. Gerald, fazes favor, vem commigo ao meu quarto e conta-me como se passou isto com o pobre Frederico.

"Pensava que passaria aqui um tempo muito satisfeito com vocês dois. Não tinha de ser. Mas pelo menos quero saber exactamente como se passou. Não creio nesta série de desastres.

Estas ultimas palavras disse-as ella em voz baixa a seu primo Gerald, emquanto ambos subiam a escada.

Só uma pessoa, não contando Gerald, ouviu as ultimas palavras, e a essa pessoa essas sinceras palavras encheram-lhe as medidas.

Escusado será dizer que essa pessoa era Holmes que, sem ser visto pelos dois jovens, estava no alto da escada encostado ao corremão e debruçado para o vestibulo. Observava demoradamente Elise, que subi devagar.

Era de estatura baixa mais a sua figura era tão bem feita e graciosa que produzia uma impressão agradavel.

(Continúa no proximo numero)

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ... 48$000
Semestre (26 ») ... 25$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ... 70$000
Semestre (26 ») ... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO

(Porte simples)

Anno... (52 ns.) ... 78$000
Semestre (26 ») ... 40$000

(Registada)

Anno... (52 ns.) ... 115$000
Semestre (26 ») ... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

F O N - F O N

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Thesoureiro:
Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136
Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA
FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:
E. Bourdet & Cia., 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ..... 1$600

LUMBAGO

O exito de nossa cruzada contra LUMBAGO deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

Milhares de pessôas, martyrisadas constantemente pelas atrozes dôres do Lumbago, proferem esta queixa. Sómente os que já soffreram deste mal pódem ter uma idéia das intensas dôres que elle produz. A's vezes os ataques são tão agudos que parece que "ferros em braza" [illegible]garram os nervos e musculos.

Procure o bom estado de seus rins e dará um grande passo para que seu sangue esteja em condições de combater e vencer os innumeraveis microbios que pódem encontrar-se em seu organismo. As Pilulas De Witt contam com a approvação de medicos de muitos paizes, como medicamento digno de confiança e activo para aquelles casos que pódem ter a sua origem em desordens dos rins, taes como o Lumbago, a Sciatica, o Rheumatismo, Dôres nas Costas, etc.

E' tal a confiança que nos merece este preparado que se vende em todas as partes do mundo ha mais de 40 annos e goza de uma reputação sem igual, que *preferimos* que V. S. experimente as Pilulas De Witt antes de empregar o seu dinheiro na compra de um frasco.

Não tem mais que preencher e enviar o coupon abaixo, e pela volta do correio receberá UM FORNECIMENTO GRATIS PARA EXPERIENCIA. Este consiste de umas poucas pilulas, porém é o sufficiente para convencer a V. S. do que affirmamos e para que comprove o que valem as Pilulas De Witt.

PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Rematta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. De WITT & Co. Ltd. (Depto. R152),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

Nome...

Endereço...

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto — sello 20 Reis

A TOSSE

QUALQUER QUE SEJA SUA ORIGEM

é sempre instantaneamente alliviada pelo uso das

Pastilhas VALDA

ANTISEPTICAS

Producto incomparavel

CONTRA

os Defluxos, Dôres de Garganta, Laryngites recentes ou antigas, Bronchites agudas ou chronicas, Grippe, Asthma, Emphysema, etc.

Tende muito cuidado !!!

Peçam, exijam em todas as Pharmacias

as verdadeiras Pastilhas VALDA

vendidas sómente ***EM LATAS*** com o nome **VALDA**

Encontram-se em todas as Pharmacias e Drogarias

APPROVADO PELA HYGIENE DO BRAZIL EM 2. DE MARÇO DE 192. ... MENTHOL 0.003 EUCALYPTOL 0.0005 P. PAST.